

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

VALDOMIRO SANTOS MARTINS

O DUQUE DA SENZALA

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VALDOMIRO SANTOS MARTINS

O DUQUE DA SENZALA

Porto Alegre
2018

VALDOMIRO SANTOS MARTINS

O DUQUE DA SENZALA

Dissertação apresentada como requisito Para
obtenção do grau de Mestre em Escrita
Criativa pelo Programa de Pós-Graduação em
Letras da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Charles Monteiro

Porto Alegre
2018

VALDOMIRO SANTOS MARTINS

O DUQUE DA SENZALA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Charles Monteiro – PUCRS (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil – PUCRS (Avaliador)

Prof. Dr^a. Marcia Ivana Lima e Silva – UFRGS (Avaliadora)

Porto Alegre
2018

À Adriana Mello Almeida.

À minha mãe, Neli Santos da Silva.

Ao meu filho, Miguel pela razão de ser pai.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela bolsa de estudos. Sem ela essa jornada não teria ocorrido.

Ao meu querido orientador, Dr. Charles Monteiro, exemplo de pesquisador e professor, pelo total apoio desde nosso primeiro contato ainda na banca de seleção. Nossos encontros foram sempre o exemplo de carinho, paciência e incentivo a quem luta para concretizar os sonhos.

Ao mestre do ofício Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva, professor em disciplinas e na OFICINA e na Pós-graduação, (divisores de água na minha carreira), pelo estímulo e disposição constantes. ASSIS: o senhor fez a diferença!

Encontrei minhas origens

Em velhos arquivos

Livros

Oliveira Silveira

RESUMO

Esta dissertação, “O duque da senzala”, é constituída por uma obra literária (novela), seguida por um ensaio teórico sobre reflexões entre o diálogo de Literatura e História e o processo de criação do autor, em que aborda os seguintes aspectos: dos objetivos da ficção histórica, da pesquisa histórica à ficção, narrador e a voz, de vultos do passado à personagem de ficção, foco narrativo e enredo.

Palavras-chave: Literatura. Ficção Histórica. Novela. Processo de criação.

ABSTRACT

This dissertation, "The Duke of Senzala", consists of a literary work (novel), followed by a theoretical essay on reflections between the dialogue of Literature and History and the process of creation of the author, which addresses the following aspects: goals from historical fiction, from historical research to fiction, narrator and voice, from past figures to fictional character, narrative focus and plot.

Keywords: Literature. Historical Fiction. Soap opera. Creation process.

SUMÁRIO

PARTE	09
O DUQUE DA SENZALA	09
PARTE II	10
1 – INTRODUÇÃO	114
2– UM DEMÔNIO ANTIGO	114
3 –A POSSESSÃO LITERÁRIA	120
4 – EVOCANDO O DEMÔNIO	126
5 – COMO SE FAZ UM DEMÔNIO	128
6 – O ESCRITOR E SEUS DEMÔNIOS	131
7 – COMO O DEMÔNIO SE ANUNCIA	135
8 – O DEMÔNIO E SEUS NOMES	137
9 – OS OLHOS DE QUEM VÊ, A VOZ DE QUEM FALA	138
10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	141

Ainda existem questões pendentes no sul...

Acredita-se que o mal se esconda em toda parte: no escuro das matas, no sopro do vento, nos olhos de um homem. E que se mostra nas mais inusitadas formas, desde a sombra da coruja ao sussurro de um nome esquecido. Essa crença, assim como tantas outras que as pessoas conhecem e temem, fazia parte do imaginário de Campolim. Suas origens africanas não o impediram de continuar sua vida nos campos, mesmo livre, e de compartilhar da cultura dessas terras. Vivia junto de sua esposa às margens do rio Negro, próximo a fronteira uruguaia.

Na manhã escaldante e ventosa do ano de 1890, Campolim se dirigiu ao galinheiro depois de uma noite mal dormida, em que ouvira o galo cantar a cada marcação das horas. Quando entrou, todas as galinhas estavam mortas, menos a mais velha. Ave primeira, de penas em cores de chumbo salpicadas de amarelo gema. No seu ninho, haviam apenas as cascas de três ovos cor de sangue. No gesto rápido das mãos, que percorreram os pontos que marcaram a cruz imaginária em seu peito, o homem se benzeu. Neste mesmo instante, ouviu um grito de mulher. Correu para casa. Deparou-se com sua esposa pendurada na corda que enlaçava o pescoço. Empedrado, Campoliu gemeu:

– Basilisco, Gualicho e Yarárá!

Esse homem soube que os demônios que assombravam o pampa desde o início dos tempos vagavam outra vez pela fronteira.

O DUQUE DA SENZALA

Valdomiro Martins

Uma história para negros?
Depende de quem lê!

LIVRO I

PARTE I

O sol é para todos

Um bastardo, mais um filho pardo sem pai.
Racionais MC'S

1

Mesmo que marcasse um grande avanço científico e industrial, o século XIX seria tão mortífero quanto seus antecessores. Mas dessa vez, não se mataria em nome de Deus, e sim em nome da política. E nas próximas guerras se mostraria o quanto o homem está condenado à destruição; e nenhum deus poderá salvá-lo.

2

Porto Alegre, 1866.

No mesmo dia em que enforcaram seu pai, a mãe o venderia a quem buscasse um pardinho obediente e de boa figura. A mulher encontrou e o vendeu. Sem suspiros ou lamúrias. Nada além de um estranho alívio, perceptível nos seus olhos castanhos e profundos como a fonte de uma gruta. O menino não fazia ideia das leis que regiam aquele universo. Um sistema cujas engrenagens respeitavam uma divisão básica. De um lado as pessoas que vendiam e compravam, do outro as pessoas que eram vendidas e compradas. Assim como não imaginava que a metamorfose desse mesmo sistema agiu nele no momento em que a mãe pegou o dinheiro e o cedeu ao estranho que perguntou a ela:

- Tem batizo?
- Ábedu Lecur.

3

Se antes Ábedu Lecur vagava pelas ruas junto de sua mãe, envolvido pelo cardume de estranhos da região mais fétida da cidade, agora se achava dentro de um imenso alçapão. Nada mais que um objeto numa residência nobre no centro da capital. Se conhecesse as estórias bíblicas, imaginaria que era Jonas dentro da baleia. Uma baleia de cimento, tijolos e um forte cheiro de gordura queimada. Por um tempo ficou sozinho. Até que um estranho se aproximou, postando-se diante dele. Ábedu Lecur confrontou aquele homem de barba grisalha, de olhos castanhos, estáticos e reluzentes como vidro. Aparentava a clara expressão de quem iria humilhá-lo. Entretanto bastaram alguns segundos de silêncio para que sentisse o cheiro que vinha das roupas desse estranho. Um aroma que despertou no menino a lembrança

das trouxas que sua mãe lavava. Depois de horas nas águas do riacho e nos espancamentos nas pedras, carregava os balaios para que as roupas fossem passadas e entregues. Ábedu Lecur foi capaz de senti-las, mornas, em seu rosto. Essa lembrança lhe depositou uma breve letargia. Bocejou. Então, deu-se conta de que aquele homem, negro como tabaco, mantinha-se estátua diante dele. Mas, como num encanto, viu que ele despertou numa voz um pouco rouca e mansa como a de um padre:

– Então chegou a minha vez!

Ábedu Lecur resistiu imóvel a esse manifesto. Viu quando o estranho se agachou diante dele. Balançou a cabeça em claro sinal de descrença:

– Achei que não comprariam mais ninguém.

E o menino sentiu suaves tapinhas no ombro. Depois, esse homem se agigantou diante dele. Apontou o dedo como se o advertisse:

– Sabe o que pensa um caseiro diante desse momento?

Ábedu não pensava e jamais imaginaria esse encontro. Manteve-se calado, encolhido dentro si mesmo à espera de algo para orientá-lo e protegê-lo. Mas a figura que se apresentava não oferecia nada disso. As lembranças de seu pai lhe vinham borradas como se elas ligassem a um passado remoto. Esforçava-se para lembrar-se do seu rosto, do seu riso, do seu toque. Mas tudo se ofuscava perante o que via diante de si. Esse homem não o assustava, mas mesmo assim despertava nele certa desconfiança pelo jeito que se mostrava. Sua linguagem fluía de maneira eficiente. As palavras saíam numa pronúncia completa, flexíveis. Esse homem se envergou perante Ábedu e sussurrou:

– Que os dias dele terminam! – e deu uma risada num misto de hilaridade e sarcasmo. Em seguida, explicou que nada mais sabia além do que dissera. Assim como nunca saberia o que seu antecessor sentira no momento em que mostrou o seu focinho perante ele. Mas lembrava-se muito bem da pessoa que era o antigo caseiro. Ensinou-lhe tudo que pode. Elegante em gestos e palavras. Detalhista nas obrigações. Entretanto, nunca lhe dirigiu a palavra que não fosse de ordens ou censuras. Nas falhas de seu discípulo, tornava-se um sacerdote da palmatória. Um homem egoísta, amargo, triste, mas antes um ingênuo que:

– Perdeu a oportunidade ímpar de ter um..., um..., – Agarrou do braço de Ábedu e o arrastou pelo corredor da casa. – Me chamam de Sotero!

E seguiram até se perderem na penumbra da casa. Nessa noite, o menino sonhou com o pai.

4

As semanas que se seguiram mostravam para Ábedu Lecur a projeção de como seria sua vida. Apesar da idade, ele se nutria do instinto que lhe apontava o caminho da

sobrevivência. Bastava pisar nas pedras do riacho, que o dividia entre o infortúnio e a sorte de uma vida moderada, e atravessá-lo. Ouvir, obedecer e observar seriam o suporte de sua vida sem maiores problemas. Com isso, aprenderia muito do que devia saber em algumas semanas.

No silêncio escuro do quarto, Ábedu Lecur estava na cama, quando do outro lado, ouviu o sussurro de Sotero. O menino se contorceu e encarou o caseiro que pediu que ficasse atento ao que iria dizer. Contou-lhe uma pequena história de que se não morresse antes, chegaria o momento em que ouviria que será preciso levá-lo para um breve passeio. Surgirá a conversa de que trabalhara muito naquela casa e que era parte da família. Os dois, juntos do homem que sucederia tudo que havia naquela casa, nesse dia, irão numa caminhada longa e lenta porque:

– Estarei lento e velho.

Ábedu Lecur escutava tudo, olhos abertos, ouvidos presos àquelas palavras. Uma história que não compreendia muito, mas que, devido ao seu enredo, uma fala atraente, puxava-o para esse imaginário. Sotero continuava o relato de sua profecia. E disse que chegariam numa praça ou num campo qualquer onde as senhoras conversam, os homens leem jornais e as crianças fantasiam mundos. Mas apenas o homem mais velho se sentará porque já não se aguenta em pé. Contou que seus olhos buscarão as crianças, os pássaros e as mãos de Ábedu porque:

– Eu apenas enxergarei fantasmas.

– O que são fantasmas? – questionou Ábedu.

– Uma coisa que te assusta e te persegue por toda vida.

– Qual o teu fantasma?

– Um dia te conto.

Sotero retornou à história que contava. Pediu que Ábedu não interrompesse outra vez. Dessa maneira, profetizava que seria mandado que o deixasse nesse lugar porque merecia enfim a sua liberdade. Mas o importante, disse, até que esse dia chegasse, era de que prestasse atenção no que ensinaria. Ábedu Lecur viu que esse homem se aproximou tanto que sentiu o hálito quente de sua boca. Sotero advertiu:

– Aprenderás a ser um bom caseiro. E isso inclui ser alfaiate, cozinheiro, engomador, cavalheiro e pajem, mas também te ensinarei, mesmo que não queiras, a ser gente além das paredes dessa casa. – E se afastou como uma sombra que retorna para uma caverna.

Ábedu Lecur se manteve imóvel, o cobertor até o pescoço como uma criança que acabara de ouvir uma história de fantasmas.

5

Era a escravidão na infâmia dos séculos. Esses dois cativos eram os elos dessa infinita corrente. Na rotina dos meses que se faziam e morriam nos anos. Escravos na vida e na morte. Das gerações extintas. Era o processo de herança que sucedia. Nas casas e suas lições na Copa: o copeiro, na mesa, bandeja. Fiel a moços e a moças. Das horas de alfaiate: calça, camisa, nó e gravata. Do zelo às botas: graxa, cuspe e brilho. Nas queimaduras do cozinheiro: lenha, fogo e lâmina. Das vozes que gritam: vigie o preto! Sirva! Não olhe! Não fale! Jamais conteste! E das que sussurram: feiticeiro! Do que se espera de um bom cativo da casa: imóvel, remoto, perto, pronto. Que sua voz seja inaudível, mas de presença confiante. Essas, as heranças que se passava. Lições o dia inteiro. Vidas polivalentes de custo e benefício, mas com desperdício zero. À noite. Madrugada. Todos dormem. As sombras não.

6

Naquela noite, andavam pelo corredor na mais completa escuridão. Ábedu Lecur se agarrava no casaco de Sotero. Pararam. Ábedu ouviu um leve ringido de porta. Sentiu que o caseiro avançou, foi junto. Outra vez o ringido da porta que se fechou. A lamparina mostrava o rosto de Sotero, que logo pediu silêncio com o dedo sobre os lábios. Apontou para a estante de livros e sussurrou:

– Isso aqui me manteve sóbrio por todos esses anos!

Ábedu Lecur olhou para aquilo tudo. Não disse uma palavra, nem a que não significasse nada ou que fosse mentira. Apenas se manteve com os olhos parados, a boca semiaberta. Sotero ignorou. Era de se esperar que o menino não tivesse a mínima noção da importância de todas aquelas folhas costuradas. Manteve-se num diálogo de como estivesse na companhia de um amigo que o visitava. Falou que lera todos aqueles livros, alguns mais de uma vez. Ábedu notava no rosto o semblante de um artista perante o final de sua obra:

– Gostaria de ler muito mais que isso.

– E pra que serviria? – questionou Ábedu.

Serviria para muito, respondeu Sotero, em seguida, devolveu outra pergunta:

– Do que tem medo?

O aprendiz hesitou. O medo é algo entranhado, sorrateiro e feroz na mente de cada pessoa. Como todos os jovens, Ábedu tinha vários deles, mas sabia de poucos. Entretanto, quando viu aquele objeto preso à parede, lembrou-se:

– Daquilo! – e apontou para a palmatória.

O caseiro suspirou. Cerrou um pouco os olhos e cruzou os braços. Se não aprendesse a ler aqueles livros, avisou Sotero, desceria a palmatória em sua mão e prometeu:

– Não terei pena alguma.

7

Submerso no silêncio noturno daquele corredor, Ábedu Lecur tateou os braços e sentiu os calos na sua palma. Os anos passavam, era o suficiente para esmagar as primeiras esperanças de qualquer cativo. O tempo para essas pessoas não se dividia em sol e noite. Alvorada e descanso. Apenas em tarefas. As rotineiras, simples, imutáveis, e as que dependiam da paz ou raiva alheia para nascerem. Uma tênue linha entre a soberba e a palmatória.

Naquele início de noite, estavam na cozinha. Tijolos imensos, sem reboco, de inúmeras tocas de aranhas e baratas. Ábedu movia a colher de madeira. Giros no caldo que dissolvia as verduras enquanto o vapor aquecia seu rosto. De onde estava, via Sotero. A luz vacilante da vela iluminava parte da sua barba e dos olhos, mas que o agigantava na parede. Um monstro negro, de movimentos rápidos na faca que despia cebolas, batatas e degolava peixes. O silêncio entre ambos foi destruído pela voz de Sotero. Porém não eram palavras banais nem histórias do passado nem dos livros que lera. Pela primeira vez, Ábedu ouvia o desabafo desse homem. Sotero falava a si enquanto os olhos se retinham no extermínio dos legumes. Dizia que não era um cachorro. Sabia disso, mas ao contrário de todos ali, estaria abaixo desse animal. Ábedu parou o que fazia. Apenas se manteve olhando para o velho companheiro e seu confessionário invisível. Para Sotero, esses anos todos, não o consideraram um animal, mas uma coisa. Um produto desprovido de sexo, de sentidos, apenas instintivo a servir e que poderia ser revendido, trocado, punido e não haveria força nesse mundo que impedisse. Baixou a cabeça. Decapitou o último peixe, salgou-o e descartou-o na panela. Ergueu o rosto. Ábedu viu nos seus olhos o reflexo das brasas do fogão de barro. O caseiro não se calava. Falou que notava algo diferente nas ruas, disse, nos mercados. Os tempos mudavam. Precisava acreditar nisso porque não eram como os de sua infância e juventude onde se marcava faces de homens e os seios das mulheres. Limpou as mãos gordurosas no avental enquanto dizia:

– Sim, senhor! Sim, senhora! – e jogava a cabeça para um lado e para outro num claro deboche do que costumava ouvir na casa.

Ábedu pensou em contê-lo, mas não teve coragem. Improvisou. Pediu que experimentasse o caldo da panela. Sotero provou. Pôs uma pitada de sal e alho. Estourou outra vez:

– E gesticule! Reverencie! Mostre obediência e ignore suas iras, que não são as nossas. Faça tudo de boa vontade e não te incomodarão. Ouviu, Ábedu?

– E seu eu não aprender nada?

– Te vendem.

– E se aprender tudo?

– Te vendem mais caro – e riu.

Ábedu sentiu aquelas mãos pesadas e ásperas alisarem sua cabeça. Sotero o cutucou:

– Lembre-se! – e enfatizou os nomes que deveria escrever. – Batata! Cebola! Peixe!

Ábedu riscou o carvão na madeira que servia de bancada. Sotero espionou, espremeu as pálpebras. Pegou a vela e aproximou. Moveu os dedos para aqueles rabiscos como se fosse um maestro. Os olhos correram de um lado a outro. Quando pararam, o brilho líquido se prendia às pupilas acinzentadas.

8

No início da manhã morna, andavam pelo mercado público. Antes por instinto que por maldade, Ábedu Lecur se afastou do carregador de feira. Assustava-se pela aparência deteriorada desse homem negro, calvo, impregnado pelo cheiro de carne podre. Cujas cicatrizes na face, dava-lhe a forte impressão de que se tratava de uma presença violenta. Ábedu se virou e deu de frente com Sotero. Seu companheiro mostrava a testa enrugada, sobrancelhas quase unidas, e advertiu:

– Respeite todos!

Depois disso, Sotero se afastou. Ábedu o seguiu até que esse homem parasse próximo ao monte de entulho, onde não havia quase movimento. Ábedu sentia o vento que vinha do rio e trazia consigo o cheiro de peixe e limo. Olhou aquele entulho. Havia um tipo de cascalho na cor do cimento, cascas de frutas e verduras inservíveis, além de muitas penas de galinhas misturadas ao sangue coalhado. Sotero pediu que tivesse atenção. Ábedu ajeitou o cesto de compras, apoiando-o no quadril. Olhou para ele e aguardou que dissesse algo. Sotero explicou. Não era porque usavam roupas limpas naquele momento que seriam superiores a qualquer outro cativo. Pior que isso, acrescentou ele, eram inferiores, pois entre esses, existiria aqueles que são livres, mesmo que se mostrem num aspecto nada agradável:

– Quem de verdade está por cima? – e pegou o cesto de posse de Ábedu e largou no chão.

Ábedu acompanhou esse gesto. Viu que Sotero apontou para cada fruta, verdura e peixe e, em seguida, exigiu que soletrasse os nomes. O rapaz obedeceu prontamente. Depois,

Sotero mandou que pegasse um graveto no chão e escrevesse os nomes. Outra vez, foi executado.

Estavam na cozinha. Largaram tudo na bancada. Ábedu arrumou a lenha para o fogo. Quando virou deu de frente com Sotero. Suspendia a palmatória:

- Estenda a mão!
- Mas eu não acertei tudo?
- Estenda!

Ábedu ofereceu a palma da mão como se entregasse o pescoço ao machado no punho do carrasco. A raquete de madeira desceu firme. Um estouro. Ábedu pôs a mão entre as pernas. A queimadura intensa penetrava a carne. Aspirou o ar com fúria. Sotero pendurou a palmatória de volta na parede. Pegou uma acha de lenha e reanimou o fogo e se posicionou diante de Ábedu. Aquilo, disse, era para que não esquecesse jamais daquele momento. Não eram melhores que ninguém. Não o preparava para um dia sair dali e ignorar todos os demais que não tiveram oportunidades. Existem outros lá fora que faziam a diferença, sabia disso, eram poucos, mas faziam a parte deles. Ábedu deveria fazer também, quando chegasse o momento, pois ele cumpria o seu papel o tornando um homem, não um pedaço de carne. Então, antes que pensasse em qualquer outra besteira, lembrasse de cada instante porque ao longo dos anos:

– Se retalhou, se marcou e se decepou muita carne de gente – e suspirou. – E muito nessa vida se deixou de amar e ser amado.

9

Ábedu sentia o leve rascunho da barba em seu rosto. Eram pelos ralos, mas grossos e negros como pinche. Nesse tempo, já demonstrava razoável domínio da leitura e escrita. Apesar de que lhe faltava o entendimento de muitas palavras. Interpretá-las, ainda era um obstáculo. Queixava-se do sono que se tornava cada vez mais insuportável. Não imaginava como Sotero ficara por longo tempo naquela vida:

- Como conseguiu? Todos esses anos?

Sotero respondeu. Quando chegou nessa casa, era tão pequeno quanto Ábedu Lecur. Nas primeiras noites, era apenas o medo que somente a solidão é capaz de manifestar que o mantinha desperto. Entretanto, a figura do antigo caseiro o assombrava ainda mais. Somou-se a isso o medo da palmatória:

- Como ele adorava descer a madeira com vontade.

Então, continuou Sotero, juntaram-se dois medos. No começo, acreditava serem os primeiros bolos de palmatória que o levava a motivação solitária, mas depois o fascínio do

silêncio das madrugadas e o prazer que despertara nos livros daquela casa. Com o tempo, outros livros sugeriram até que um dia cessaram e nada mais de novo apareceu para ler:

– Nesses livros, sabe o que mais busquei?

Ábedu apenas franziu a testa e coçou sua barba rasteira. Depois, congelou-se na sua mais pura ingenuidade. Ao contrário de Sotero e seus olhos brilhantes, de um rosto agradável de quem conta a mais inusitada descoberta:

– Em todos esses anos, – continuou ele. – em que meus olhos varreram em leituras, nada encontrei que contasse nossa história.

Houve uma pausa, em que o silêncio permitiu que se ouvisse o sopro do vento que se infiltrava na janela. Ábedu Lecur olhava com atenção. Ligava-se mais ao discurso que aos significados das palavras. Sotero repetiu, aprofundou-se de que se trata da história dele, a de Ábedu e mesmo de outros que, assim como eles, serviam a tudo e a todos. Mas para ele, nesse ponto de inflexão, havia consolo:

– Aprendi outras histórias – disse. – Elas também se tornaram parte de todos nós. Mesmo que não queiram.

Ábedu percebeu que seus olhos brilharam como alguém que sente uma saudade profunda, mas feliz. E aprender essa história, apesar de não ser a da origem deles, ajudaria em muita coisa. Mesmo que fossem propriedades, pensavam melhor que os bois. Ábedu teve outra curiosidade:

– Como aprendeu a ler? – perguntou Ábedu. – Quem ensinou?

Sotero o chamou para perto e sussurrou:

– Com todos! – e gesticulou para os cantos da casa como se as paredes não existissem. Confessou que seu conhecimento fora absorvido nessa casa, nos mercados, nas ruas enquanto ninguém imaginava. Sotero ainda riu:

– Todo tempo eu roía o papel da língua deles.

10

Alguns anos se passaram e naquele corredor, o grilo estourava os tímpanos de Ábedu Lecur. Ainda era madrugada. O lampião de querosene emitia uma luz trêmula, de fogo que ameaçava se extinguir. Ábedu lia o pedaço de jornal quando desviou os olhos para Sotero. Viu-o arrastar-se até o fogão. Depois da quinta tentativa, a mexa foi acesa. Sua mão tremia, mas conseguiu conduzi-la até o emaranhado de gravetos. Depois disso, Ábedu notou que Sotero abraçou-se e manteve-se um tempo encolhido, curvado, como se enfrentasse um vento forte e gelado. Mas de súbito, desfez dessa postura e se dirigiu para a longa e espessa mesa de madeira. Então, Ábedu testemunhou Sotero num estranho monólogo:

– O que é a vida de um homem? – e aproximou da parede.

Ábedu permanecia imóvel. Observava esse homem no mais zeloso cuidado, como se quisesse assustá-lo com o menor gesto. Os olhos de Sotero rastrearem qualquer coisa naqueles tijolos, como se fosse um geólogo, onde não queria que pensasse que espionava. Ainda naquela parede, Sotero confessava. Não sabia a própria idade. Agachou-se e se pôs como uma criança que engatinha até que ouviu-o dizer a si mesmo numa voz alta, como se interrogasse um suspeito:

– Cadê as marcas que risquei?

Ábedu não entendia nada do que ocorria naquela cena. Assustava-se. Entretanto, a verdade é que ao longo de sua vida, Sotero marcava riscos na parte inferior da parede, conforme se passassem os anos. Para isso, apoiava-se na comemoração do dia da independência. Como não enxergava nenhum rabisco, acreditou que se perdera nos cálculos da servidão e da própria idade. Mas lamentou uma certeza:

– Cinquenta anos! Sei que foram cinquenta anos e todos eles foram areias por entre meus dedos!

Para Ábedu, não havia como interferir nesse acerto de contas tão íntimo. Sabia que presenciava a mais pura lucidez de um homem. Era a limpeza das ilusões que vem sempre nos dias finais de cada um. E deixou que Sotero pingasse em palavras e salpicasse suas fragmentadas lembranças nas paredes da cozinha. Desde então, Mas Ábedu soube que o tempo é o melhor amigo da morte. O sacerdote que embalsa e mumifica os homens para a última cerimônia. Nas suas vidas, não importava se eram de madeira ou de carne, se não houvesse mais serventia, que cada um se entendesse com seus fantasmas.

11

Noutro dia, quando abriu os olhos, Ábedu viu Sotero diante dele:

– Acho que já tem uns vinte anos – atestou o velho caseiro. Era um cálculo impreciso, mas que em parte acertava.

Nesse tempo, Ábedu já desempenhava todas as funções domésticas. Aproveitava o máximo das horas para adiantar os trabalhos rotineiros. Na presença dos membros da casa, mascarava a importância de Sotero nos serviços diários. No bolso do casaco, carregava consigo uma pequena bíblia que ao primeiro intervalo, lia o quanto podia. Durante as noites, ficava o tempo necessário nos corredores e outra vez lia o que pudesse em cada parada para ouvir o silêncio da noite e garantir a segurança de todos. Depois, voltava para a cozinha e espiava. Sotero dormia enrolado em tralhas como se estivesse mumificado.

Ábedu cada vez mais lia, e muito mais tinha dúvidas. Pronunciava muitas palavras, mas delas sabia metade do que significavam. Sotero já não possuía capacidade para explicar essas miudezas. No final da manhã, Ábedu abriu o livro e tão logo o fechou:

– O que é a Bíblia?

Sotero gaguejou. As palavras emperravam na garganta. Mas esforçou-se, expôs seu ponto de vista. A Bíblia era a história dos homens, esclareceu Sotero, das suas origens, do pacto dos homens com Deus que os fizera a sua imagem e semelhança, porque é o:

– Criador do céu e da terra.

Ábedu folheava o livro com o polegar:

– E nós?

– Ainda somos o mistério além de uma fronteira que até nós desconhecemos.

Sotero continuou a olhá-lo, como alguém que precisa de resposta a uma questão:

– Ainda lembra dos teus pais?

Um pouco, respondeu Ábedu. Lembrava mais deles apenas nos sonhos. Acordado, não conseguia mais ver na mente como eram os seus rostos:

– Um dia, mesmo que eu não queira, apagarei os dois da minha cabeça. E o que será depois disso?

Sotero voltou os olhos para o chão. E nada mais se ouviu além da fritura dos frangos e o borbulhar da água que fervia no bule de ferro esfumaçado.

12

Passou-se uma semana para que, no início da manhã quente de mar azul supremo, Ábedu Lecur soubesse que a pequena profecia de Sotero se manifestava. Recebera a ordem: levariam Sotero a um breve passeio. Ábedu sentiu uma saliva que subiu a garganta como se fosse uma erupção. Seu gosto era azedo e quente. E todos aqueles anos estilhaçaram-se na sua cabeça em fragmentos de imagens que representavam o único sentimento: a perda de um pai, de um amigo. Alguém tão enraizado a ele que se tornava impossível extrai-lo como se fosse um dente podre. Os corredores da casa pareciam tortos, infinitos. O piso, areia profunda. Passou as mãos nos olhos. Na boca, uma tremura demoníaca. Suspirou e censurou-se:

– Sabia que seria assim, não sabia?

Chegou à porta, espiou. Sotero ressonava. Ábedu depositou mais um cobertor sobre o corpo já magro, repleto de ranhuras e de uma pele que reluzia, impregnada da gordura animal. Por que não vivera mais cada instante com esse homem? Lamentou-se em seu íntimo. Sussurrou o nome do amigo enquanto o empurrava com os dedos. Aliviou-se quando os olhos

de Sotero se abriram um pouco. Duas fendas que ainda revelavam um brilho quase extinto. Um sorriso lento, limitado, de quem tudo se torna pesado, distante, que logo se desfez:

- O que foi menino?
- Seu dia chegou.

O rosto de Sotero se manteve imóvel, não piscou nem mexeu os olhos. Na incerteza de que fora ouvido, Ábedu insistiu:

- Amigo, seu dia chegou.

Sotero ouvira. Os dois sabiam que ele chegaria, a não ser que morressem antes. Não seria justamente para esse momento que havia se preparado? Ambos gastaram muito de suas vidas no que acreditavam, mesmo que Ábedu tivesse medo naquele momento. O que haveria de verdade além daquela casa, dos muros, de suas roupas de caseiro?

- Lembra de tudo?
- Sim. De cada palavra, informação e rosto.
- Então finja.

13

Depois de um grande esforço, Ábedu conseguiu terminar o almoço e colocá-lo à mesa. Sem demora, buscou Sotero. À distância, Ábedu acompanhou cada detalhe. Envolto aos ruídos dos talheres, apenas a imagem daquele velho interessava. Enquanto destroçavam-se carnes e as mãos e bocas engorduravam-se, Sotero permanecia quase imóvel. Se não fossem as garfadas que levava à boca, mesmo que tão pausadas, daria a certeza de que desistira da refeição.

Estavam na rua. O senhor seguia alguns metros à frente. Distribuía cumprimentos a todos como um abre-alas em marchas fúnebres. Sotero puxava uma das pernas, apoiava-se em Ábedu. Sotero esforçou-se na fala:

- A comida estava boa.
- Imaginei.
- Comi tudo, tudinho.
- Ainda brinca.

Por que não brincaria? Surpreendeu-se Sotero. Não esperava mesmo viver tanto tempo assim. Na praça, Ábedu o colocou no banco. Sotero o segurou do braço:

- Lembra daquela história que te contei, tempos atrás?

Ábedu lembrava. Sabia de cada frase:

- Como adivinhou?

Sotero não previra nada, mas confessou:

– Anos atrás abandonei um homem, mas sei que meus olhos não estavam como os que eu vejo agora diante de mim.

Ábedu sentia o peito golpeado. Os olhos tremiam, umedeciam em demasia. Mas respirou com força. Sentiu o peso quando Sotero se agarrou firme na manga de seu casaco. Neste momento, viu que este homem ainda era capaz de olhá-lo com firmeza:

– Não esqueça onde guardávamos nosso futuro: no assoalho da cama, pero do fogão, de baixo dos tijolos. Vá e viva! – e se afastou de Ábedu quando percebeu a presença do outro homem.

O senhor da casa pôs um papel no bolso do casaco de Sotero. Avisou Ábedu que partiriam logo e ainda filosofou:

– A liberdade de um homem não tem preço!

14

Logo que fora dispensado, Ábedu Lecur seguiu para a cozinha. Andou de um lado a outro como se fosse um pai a espera do primeiro sinal de vida do filho que nasceria. Sufocar a raiva. Esfarelar a perda que moía o peito. Nesse dia manter-se imutável não seria simples nem mecânico, e não continuaria sendo. Recompôs seus pensamentos. Fazer o que fora determinado, o que continha nos planos. Possuía apenas duas escolhas. Fugir ou viver os anos sob a ameaça de ser preso, revendido, enviado às charqueadas, às galés? Ou manter-se como estava. Aceitar tudo até o dia em que seria descartado como um animal sarnento? Ábedu foi até o piso e olhou. Tudo parecia inalterado. Pegou a vassoura de palha. Varreu de maneira lenta e precisa. Revelou-se a fenda numa linha que o circundava. Pegou a faca e o retirou. Havia um tecido que se desfiava. Desenrolou-o e se deparou com as moedas. Não era um tesouro, mas garantiria um respiro até que se adaptasse ao novo mundo. Depois, vestiu-se como se fosse ao passeio em companhia dos senhores. E no final daquela tarde suarenta, rompeu a casa pela porta da frente. Na rua, seguiu pelo mesmo caminho que fizera antes. Talvez desse tempo de resgatar o velho amigo.

Quando chegou à praça, não viu Sotero. Buscou por todos os jardins e voltou ao ponto de partida. Percebeu o papel embaixo do banco onde o deixara. Apanhou-o. Leu.

Sotero: “aleijado dos Joelhos e cego de uma vista, que não serve para mais nada”; Crioulo; Sr. xxxxxxxxxxxx; dt. conc. 14-08-78; dt. reg. 19-04-79; de Freguesia de xxxxxxxxxxxx (Livro 2, p. 16v). Desc.: A carta concede plena liberdade.

15

Depois de andar por longo tempo, a noite devorava as cores das residências e palacetes enquanto a brisa úmida ressaltava o cheiro fétido dos quintais. Ábedu soube que usaria seu dinheiro bem antes do que esperava. Aproveitando-se de como se apresentava, escolheu uma pousada como abrigo, ao menos para aquela noite.

Chegou à bancada da recepção, diante do homem de bigode, num estilo brilhoso e retorcido. Mostrava os olhos caídos, como se lutasse contra o sono. Ábedu perguntou se havia quartos disponíveis. O homem disse que sim e o preço não devora nem metade do que tinha guardado. Aliviou-se. O homem empurrou o papel, a caneta e pediu que assinasse. Ábedu olhou aquelas breves palavras, pegou a caneta e assinou.

Quando entrou no seu quarto, retirou os sapatos e deitou-se na cama, teve uma de suas primeiras certezas: o dinheiro abre portas.

PARTE II

Eu não sou o seu negro

Minha carta de alforria
 Costurou meus passos
 Aos corredores da noite
 De minha pele.
Adão Ventura

1

Cinco anos se passaram desde que Ábedu Lecur entrou pela porta daquela pensão. Depois, antes que seu dinheiro se esvaísse por completo, arrumou outro lugar em que pudesse ficar mais tempo. Um quarto menos aconchegante, menor, mas que lhe reservava privacidade suficiente. Nada melhor que conviver consigo mesmo para tentar se conhecer melhor. Esse tempo também lhe serviu de alicerce. De início, ele não levou muita crença no ensino que lhe fora imposto. Aulas de improviso, carentes de didática e recursos. Entretanto abundantes em carinho e afeto. Foi quando se deparou com os jornais jogados fora, que Ábedu Lecur explorou na sua leitura as informações nos anúncios de pessoas que buscavam tarefas simples, muitas das quais desempenhara enquanto cativo. Assim, cada vez mais percebeu a força que continha nas pessoas que lia, que escreviam e falavam bem. E cada vez mais se encandeceu o desejo nessas habilidades aliado a mais uma essência: vestir-se bem. Do jovem que exalava fumaça e carvão, ao homem de peito erguido, língua ágil e ideias para o futuro. No início recolhia pelas ruas jornais velhos, páginas de livros, receitas e tudo mais que interessasse em sua dieta linguística. À noite, no quarto de pensão, pequeno como banheiro de botequim, lia até que as folhas caíssem sobre seu corpo. Em uma dessas sessões, leu que

“O partido Republicano” sempre se ligava a outras palavras que remetiam à “luta”, “liberdade”, “fim da escravidão” e tantas mais que o entorpeceram. Para Ábedu, foi o anúncio dos tempos que tanto sonhara. Entretanto, ainda não imaginava o quanto os sonhos podem engolir a existência de um homem.

2

No mundo o qual sobrevivia, Ábedu Lecur descobriu homens negros que organizavam um jornal. Negros donos de um jornal! Deslumbrou-se em sua mente à medida que se deliciava com essa possibilidade. Isso lhe exaltou os ânimos. Pessoas com quem pudesse compartilhar dos mesmos ideais. Sabia que ele era do tipo que não aguentava as próprias ideias. Não conseguia sufocá-las dentro de si. Precisava drená-las, trocá-las para que se sentisse mais forte. Nesse tempo, Ábedu Lecur já se dirigia para o rumo que traçara. Sua bússola, a semente republicana junto a sua própria ambição.

Os homens que ele buscava, reuniam-se numa residência para além do Largo da Força. Ao contrário das outras casas vizinhas, era de tijolos, revestida de cimento. Seu telhado era coberto por telhas de barro ao estilo português. Havia quatro janelas e duas portas medianas. Mas não era pintada, o que lhe conferia um aspecto de abandono. Quando Ábedu chegou nesse lugar, encontrou na porta um sujeito que lhe perguntou o que desejava. Chamava-se Possidônio. Era um homem de rosto magro, olhos pequenos que se afundavam no rosto como esferas em duas crateras.

– Busco trabalho – Ábedu respondeu.

Mas havia muitos tipos de trabalhos, rebateu Possidônio e, pelo que poderia ver, estavam um pouco longe do centro da cidade, e também dos inúmeros tipos de trabalhos. Ábedu olhou para aquele homem. Segurava o cigarro, dedos inchados, escuros como língua defumada. Perguntou se era republicano.

– Se somos republicanos? – espantou-se aquele homem. Não apenas isso, disse. Eram homens que derrubariam a monarquia a qualquer preço.

Ábedu Lecur sentiu-se quente de um fogo que aquece de dentro para fora e se concentra nos maxilares. Não perdeu tempo. Informou logo das suas intenções. Gostaria de contribuir com o seu trabalho, caminhar junto deles. O homem tragou e espargiu a fumaça numa longa calda fantasma. Chamou-o para dentro da casa. Mostrou cada dormitório. Ábedu Lecur viu que abundavam papeis, jornais e livros por cima de cadeiras e mesas. Homens que escreviam, rabiscavam, desenhavam.

Chegaram a um cômodo onde Ábedu se viu perante uma figura, sentada por detrás de uma mesa cheia de papel amassado. Era Frasmonte e seus cinquenta anos de uma voz pesada

e rouca. De mãos grandes, dedos grossos, de uma face recapada por uma barba volumosa, quase toda branca, assim como os cabelos esticados, que ainda resistiam alguns fios castanhos. Emergiu e estendeu a mão. Ábedu sentiu aquela mão pesada, quente e áspera. Possidônio lhe disse as intenções desse jovem. Frasimonte riu, mas explicou-se:

– Veja esse meu amigo aqui – e pôs a mão sobre o ombro de Possidônio. – Somos contrários em tudo, mas mesmo assim continuamos juntos. Este meu amigo acredita que os negros devem esquecer o passado e viver suas vidas, eu, por outro lado, gostaria de uma revolução, da posse de um poder que seria nosso por direito. E o que fazemos aqui? – por fim, questionou Frasimonte.

Ábedu disparou:

– Lutam por seus ideais unidos pelo que vejo diante de mim!

– E o que vês na tua frente?

– Vozes para os que não podem falar.

Os dois homens se olharam. Possidônio fumou o resto do cigarro. Frasimonte balançou a cabeça:

– Pelo que vejo termos mais um louco.

Depois desse breve encontro, explicaram para Ábedu Lecur de como as coisas funcionavam por ali. Entretanto não poderia deixar de lembrá-lo que tudo provinha da política e dinheiro. Sendo assim, precisavam ser dedicados, originais, mas sem esquecer das alianças com homens infiltrados nos mais inusitados lugares. Todos trabalhavam de maneira que contribuíssem financeiramente para a sobrevivência do periódico. Ábedu Lecur perguntou a Possidônio porque não pedia ajuda aos outros republicanos. O que lhe foi respondido que não seria possível. Eram republicanos, também homens que visavam questões distintas as deles:

– Não se espante – disse Possidônio – se no futuro eles serem nossos maiores adversários.

Ábedu deteve-se, ruminou essa suposição que lhe soou estranha aceitá-la. O que causaria rivalidade entre eles? Não lutavam todos por liberdade, por uma sociedade republicana, democrática? Não haveria de encontrar na sua cabeça uma resposta mesmo que ilusória. Faltava-lhe tempo de vida e dias de decepções. Depois, retomou ao que se ouvia. Eram as orientações a respeito da rotina no jornal. Um lugar onde se fazia de tudo para mantê-lo vivo. Desde a faxina a discussão de ideias das matérias que conteriam o próximo diário jornalístico. Os três homens andaram pela casa até chegarem à porta dos fundos. Possidônio abriu-a para Ábedu que se deparou, a certa distância, com centenas de casebres.

De onde estava, podia-se ver que havia muitas de barro, palhas e outras com madeiras brutas e talhadas a facção:

– O que isso tudo? – perguntou Ábedu.

Aquilo que via, respondeu Possidônio, já fora terras de uma importante família da capital. Moravam justamente naquela casa! – e apontou para um amontoado de madeira e tijolos. E lá, – disse Possidônio ao mover o braço na extensão do amontoado de casas. – é o que vem dissolvendo as nobrezas por aqui.

Ábedu Lecur olhava para aquilo tudo. Havia nele um misto de espanto e curiosidade. Como viviam tantos naquele lugar se a lei que os escravizava circulava lúcida pelas ruas de todo país? E perguntou a Possidônio:

– Por que aquela família abandonaria suas próprias terras?

– Sabe porque, Ábedu – intrometeu-se Frasimonte. – Sei o que eles pensaram, o que eles temeram. Quando viram que a negrada se multiplicava, enraizando por tudo a volta deles como uma tribo selvagem à beira do castelo, o medo os comeu por inteiro. – e queimou o cigarro.

Possidônio riu:

– Imagine se uma dessas donzelas chega a parir um bebê cor de canela?

– Nem imagino – completou Frasimonte.

Ábedu Lecur se manteve naquela visão. Quantos viviam naquele reduto? Focou seus olhos até onde pudesse. As casinhas se espalhavam pelo horizonte. Ainda olhando para elas, perguntou a Possidônio:

– E quando elas chegarem à cidade?

– Quando chegar, chegaram. Daí novas coisa brotarão disso!

Ábedu pediu que explicasse com mais clareza. O homem tentou:

– Coma a fruta e jogue a semente no seu quintal e deixe que a natureza trabalhe.

Agora, imagine isso durante séculos!

3

Naqueles três anos que se seguiram, Ábedu Lecur não se importou em engomar roupas, cozinhar, engraxar sapatos nem mesmo com o encargo, o peso e o mau cheiro de outras atividades. Queria conhecimento, saciar-se até sentir-se pleno, forte e confiante em presença daquelas pessoas que lhe cruzavam o caminho.

E ao longo desses anos, aos poucos, o homem das ideias rompeu a carapaça do caseiro. Sentia-se à vontade junto dos homens que conheceu, não se intimidando em

contrariá-los, mas também sabendo quando acatá-los como seus mentores. Depois de muitas discussões e fracassos, o pequeno caderno, de quatro páginas, circulava. Era uma edição além de modesta. Primeiro porque não dispunham de maquinário como os grandes da capital. Depois, e mais importante, ao público que era seu fim, não passavam de poucas famílias que sobreviviam com dignidade ainda num mundo escravocrata. Por essas razões, que o jornal precisava do apoio republicano, ao menos esconder-se embaixo desse casaco burguês. Sabiam disso, caso contrário seriam esmagados pelos defensores da monarquia ou mesmo pela polícia.

4

Era o ano de 1880, a escravidão no Brasil se mantinha como ato oficial, mesmo que suspensa por um único nervo que apodrecia. Os burgueses republicanos se impunham cada vez mais num inevitável choque com os simpatizantes do regime em decadência. Toda sociedade sabia que esse sistema estava condenado, entretanto não imaginavam que a política controla o poder que circula entre os homens. Não há troca de poder, sem deslocamento de força bruta e quanto se move, arrasta tudo a sua volta e caminho.

Naquele final de tarde, Ábedu Lecur transitava orgulhoso em seu traje de casaco ao comum estilo burguês. Era único, mas servia-lhe de estandarte para alguém que trabalhara muito. Sentia-se o protótipo do novo sistema, das perspectivas que a sociedade moderna acolhera. Isso era o que estava dentro dele, de suas crenças. Entretanto, o mundo em que vivia era bem mais impactante que um negro de chapéu e sapato.

Ábedu Lecur atravessava o aglomerado de pessoas envoltas ao mercado público. Muito havia mudado, mas o cheiro de peixe, carne seca e verduras tinham sempre o mesmo efeito. Assim como todas aquelas vozes que se misturavam como zumbidos de um enxame de abelhas. Enquanto refletia sobre as reuniões do partido republicado, as metas, perspectivas, Ábedu olhava para aquelas pessoas. O mundo se encaminhava para o final do século e nada mudava. Aliás, corrigiu-se, os homens é que não mudavam. Se voltasse cinquenta anos, veria aquele mesmo sapateiro, a mesma quitandeira, o peixeiro e aquela mulher... aquela mulher, repetiu, e parou, tirou as mãos do bolso, cruzou os braços e a observou na busca de entender o que o atraía nessa imagem. Apesar da imundície em seu vestido branco de flores rubras em crochê, Ábedu viu nela um rosto de olhos grandes e mansos como de um cervo. Ela tinha os lábios delineados que arrancou desse homem um misto de piedade e erotismo bruto no instinto sexual. Ábedu se envergonhou de tamanha depravação, mesmo que num lapso de segundo. O que faria nesse momento? Pensou ele. Não poderia ficar parado daquele jeito. Que fosse embora e esquecesse o que vira. Mas quantas mulheres haviam por aí, naquela

situação? Deu alguns passos, pôs as mãos no bolso. Mas parou em seguida. Disfarçou-se. Olhou outra vez para todo aquele cenário. Sob ele, um céu nublado. O que sabia mesmo é que toda aquela gente queria mesmo era sobreviver. E ele também queria. Então, foi na direção dela. Próximo, constatou que estava grávida. Hesitou, mas era tarde. Sua voz tremeu:

– Precisa de alguma coisa?

Precisava, disse ela sem hesitar. Antes que Ábedu se prontificasse, a voz dela saiu trêmula de que tinha muita fome e soluçou em meio às palavras:

– Vou perder minha criança.

Ábedu gelava cada vez mais. Sentia as pernas bambearam. Respirou fundo. Torne-se homem! Censurou-se em pensamento. Sim, ajudaria aquela moça. Não poderia viver no mundo das palavras, dos discursos. Se pudesse ajudaria todos, mas não podia. Tudo é dinheiro. Não dispunha de quase nada. Mas uma refeição, um banho, um vestido modesto, isso caberia no bolso. Mas o faria nem que pedisse emprestado. Perguntou se poderia acompanhá-la.

– Onde o senhor quer me levar?

– Não está com fome?

A mulher apenas o mirou por um tempo. Ábedu não disse nada. Coçou o rosto barbeado. Até que ela confessou:

– Nunca tinha visto um homem negro nesses trajes.

Ábedu sorriu:

– Vá se acostumando. Qual seu nome?

– Auta Violante.

– Ábedu Lecur.

– Como?

– Por favor, vamos. Não está com fome?

5

Ábedu Lecur conduziu aquela jovem para onde pudesse alimentá-la com decência. O restaurante não era nem um pouco luxuoso, mas era limpo, apesar de pequeno. Oferecia, aos que almoçavam, um clima aconchegante de cumplicidade. Após um tempo, onde viu que Auta Violante se sentia mais a vontade, Ábedu Lecur teve interesse em saber se era possível encontrar o pai da criança em seu ventre. Entretanto ela se manteve com os olhos no prato, algemada ao instinto de uma fome que resistia.

– E o pai, onde está? – insistiu Ábedu e logo agarrou do pulso dela.

Auta Violante parou, ergueu a cabeça num gesto lento como se acordasse de uma hipnose. Pelo canto de sua boca escorria o molho da carne:

– Do meu **xxxxxx**.

Estaria diante de uma fugitiva? Foi a primeira coisa que venho à cabeça de Ábedu. Mas se fosse, não faria diferença. Os negros precisavam forçar suas alforrias porque o processo legal continuava muito lento. Mas também se a buscassem ali, junto dele, poderia se complicar, não havia companheiros nas proximidades que pudessem ajudá-lo. Imaginou a cena: de repente entra a polícia e tudo acaba. Inclusive para ele. Pois com certeza seria preso e voltaria para aquela casa. Seu final? O mesmo de Sotero. Não, jamais suportaria esse retorno. Olhou para faca sobre a mesa e a pegou. Sim, seria isso que faria. Cortaria o pescoço e encerrava o assunto. Mas teria coragem? Largou a faca. Tinha de manter-se seguro. Perguntou:

– Faz quanto tempo que fugiu?

Auta Violante limpou os lábios e mastigou até nada mais houvesse em sua boca. Depois respondeu:

– Não fugi.

– Como?

– Não fugi. Fui posta para fora da casa.

– Como assim?

Auta Violante bebeu um pouco de água, olhou a volta e riu. Como se fosse contar um segredo, cochichou:

– Carrego a vergonha deles nessa barriga!

6

Há meses que um vento apimentado pulverizava os pensamentos com ideias subversivas à tradição. Cada vez mais se notavam o quanto a escravidão era suja, fedida, monstruosa. Se em outros tempos fora status e prova de poder, agora se mostrava o mais puro exemplo de exploração do homem contra o próprio homem. E a revolução industrial e científica fazia o milagre que nenhum alquimista conseguira: o de transformar propriedade em indivíduo de carne e osso.

O grande trunfo da política é a promessa e essa força que propulsiona às perspectivas. As multidões amam promessas. Uma vez entregue ao delírio, são maleáveis e perigosas armas contra todos os adversários.

As noites da capital se tornavam perigosas. O medo não estava nos bairros marginalizados, mas sim no centro da cidade. Os monarquistas caíam, mas ainda era preciso que se acelerasse a queda. Para isso, amputar um dos seus tentáculos: a escravidão.

Tinham informações de que naquele sobrado viviam monarquistas. Mantinham pelo menos uma dúzia de homens e mulheres em cativeiro. No meio da rua, como um grupo de linchamento, estavam homens que davam ultimato a esse abuso. Entre eles, estava Ábedu Lecur. Um negro republicado. A mais pura prova de que era possível resgatar essas pessoas e transformá-las em cidadãos respeitáveis. Lançaram o ultimato: ou liberta ou libertamos. Para quem espiasse da janela, veria aqueles homens na mais clara transpiração do ódio a ponto de inflamarem em breve tempo. Era óbvio que se entrassem na casa, o prejuízo seria incalculável.

Ábedu olhou para a porta que se abria naquele sobrado. O grupo de cinco pessoas saiu e a porta fechou depressa. Estes permaneceram rentes a entrada, como animais domésticos postos para fora: duas mulheres jovens, outra que beirava a velhice, um homem adulto e outro de cabelos acinzentados. Os libertadores os cercaram. Silenciaram-se para que um dos seus membros anunciasse a tão sonhada notícia:

– Agora estão livres!

Outra voz se impôs no apelo da atenção desse grupo. Sabia de outra residência monarquista para agirem.

Os republicanos partiram. Mas Ábedu Lecur permaneceu. Aquelas pessoas se mantinham no limite da escada. Acuados, perdidos, apenas sob a guarda das gárgulas de mármore e limo. Não deram um passo em direção alguma. Enquanto uma das mulheres ameaçava dar tapinhas na porta, outra encostava a testa na maçaneta de bronze em forma de cabeça de leão. Ábedu Lecur viu que nos olhos do idoso vertiam o líquido brilhante que escorria e marcava a pele encrespada como um tronco de árvore.

7

Aos poucos abolição se fez na província, depois, no maio de 1888, em todo império que num suspiro ruiu para que se erguesse a república. Entretanto a mudança real não seria tão rápida e simbólica assim. Nas últimas décadas de lutas políticas, alimentaram-se muitos demônios. E esses estavam prontos para saírem de suas criações.

Os três homens discutiam sobre os dias tensos daquele final de século. Mais uma revolução estourava no país. Um deles levantou uma questão. Se já tinham bons republicanos na fronteira por que um homem queria ir para lá? Esse homem era Ábedu Lecur. Em sua

defesa, justificou que sabia que muitas pessoas estavam sendo presas e enviadas para lá. Soube ainda que nos últimos dias prenderam ainda mais. Dessas prisões, na sua maioria era de homens negros. Seriam todos mandados para a fronteira.

Possidônio: Não me surpreende. Não se esqueçam de 45 e do Paraguai.

Ábedu: Quarenta e cinco? O que tem a ver?

Possidônio: Porongos, meu filho! O fantasma do passado que ainda clama por justiça.

Frasimonte: Justiça. Tinha dez anos, lembro bem. Que nos sirva de lição.

Possidônio: Traição!

Frasimonte: Ilusão. Peixes na água, pássaros no céu.

Possidônio: Judas na Santa Ceia.

Ábedu: Não me importa o que está morto. O futuro sempre chega. Vamos tratar disso, estão de acordo?

Possidônio: Esse é o momento de nos organizarmos como partido e força armada. É o que fazem não é?

Frasimonte: Serás preso antes que reúna meia dúzia de mendigos. Nessas horas, ofereça a mão a quem sempre governou.

Possidônio: Explorou! Essa região nos odeia, o Brasil nos odeia. Eles nos usaram em 45, nos usaram no Paraguai e vão nos usar nessa guerra e nas outras que inventarão nos próximos milênios! Por isso, temos que lutar. Poder se conquista, não é verdade? É só olhar para o que fazem há séculos. Chute alguns traseiros por aí e seremos respeitados!

Frasimonte: Massacrados!

Possidônio: Ao menos saberão que somos ferozes, que não somos cordeiros.

Ábedu: Me desculpem, mas os senhores não enxergam o que vejo. Tanto o senhor Frasinonte quanto o senhor Possidônio sobreviveram às malhas férreas da escravidão de que maneira? Adaptando-se! Não ao cativo, mas à vida do cidadão livre. Se não soubessem ler, escrever, discutir e pensar, como fazem os demais homens, estariam aqui neste momento? A política senhores! Esse é o poder mais forte que as armas.

Frasimonte: Deixem que governem. Que tracem os rumos de tempo em tempo. O europeu domina o mundo. Deus quis assim. Se foi o destino servir e dançar, que sirvam e dancem. Não é vergonha obedecer.

Possidônio: É por isso que não saímos das sombras.

Ábedu: É por isso que devemos contribuir. E não com dança, mas com ímpeto e ideias. Dos estados dessa nação, quem governa? No exército, quem comanda? Dos proprietários dessas terras, de quem é o gado?

Possidônio: Essa guerra será como todas as outras. Esmagarão nossos crânios como cascas de ovos. Depois, desfilarão nos aplausos das mocinhas e gravarão seus nomes na posteridade.

Frasimonte: Vivi o bastante para saber quem manda nesse mundo. Sirva ao vencedor. Não é vergonha. Sim, inteligência, apenas isso. Uma fatia sempre sobra!

Ábedu: Escutem, irei nessa guerra. E vou dizer uma coisa! Não serei arrastado como um caramujo na tormenta. Lutarei como um bom republicano.

Possidônio: Republicano?

Ábedu: Não sou?

Possidônio: Então se elege a um cargo público. Quem votará em ti?

Ábedu: Alguém pode votar.

Possidônio: Apenas tu. Os negros não sabem ler, estão conformados, sobrevivem como podem, cambaleiam nos dias. Ainda carregam o espírito inferior dos escravos, um manto duro que se gruda a pele. Olham para os demais homens como se os vissem num pedestal.

Frasimonte: Estou velho, cansado, consciente. O sistema é o mesmo, sejamos pacíficos.

Ábedu: A coisa é simples. Temos dois lados em colisão. O sistema antigo e o novo. O que meus amigos escolhem?

Frasimonte: Nada. Fará alguma diferença?

Possidônio: A mesma merda de sempre!

Ábedu: Não precisam se envolver diretamente. Preciso apenas de apoio, que cuidem das minhas obrigações por aqui.

Possidônio: Os republicanos nos enganam há trinta anos.

Frasimonte: Enganam aos que se iludem.

Ábedu: Mas não se extinguiram os grilhões?

Possidônio: Os de ferro talvez, muitos outros ainda continuam.

Frasimonte: Nunca existiu mágica.

Possidônio: Se sou reconhecido como cidadão e posso pagar porque não tenho o direito de frequentar os lugares que quero? O teatro, por exemplo, gosto de teatro, e de música também.

Ábedu: Isso eu concordo. Chega dessa misericórdia. O que me atrai nos republicanos não é apenas o sistema político, mas suas crenças no homem. A crença do progresso por vias do trabalho.

Possidônio: Mas que tipo de homem está falando?

Frasimonte: Sim, que tipo?

Ábedu: De todos.

Frasimonte: Todos? Cientistas dizem que somos da raça de Caim, a linhagem amaldiçoada.

Possidônio: A maldição é não termos posses nem dinheiro.

Ábedu: E não é com a guerra que se consegue?

Frasimonte: Os vencedores!

Ábedu: Venceremos. Posso contar com os dois juntos?

Possidônio: Cuidarei das coisas por aqui

Frasimonte: Faremos o possível.

Ábedu: Senhores, daqui a cem anos, a sociedade se lembrará do que fizemos. Possidônio, já imagino um busto de bronze em tua homenagem.

PARTE III

No calor da noite

Todo camburão tem um pouco de navio negroiro
Marcelo Falcão

1

No ano de 1893, estourava a guerra civil no Rio Grande do Sul. O foco, uma região de quatrocentos mil quilômetros quadrados. De uma linguagem tão indefinida quanto seus próprios limites geográficos. Onde havia muita gente que se prestava a qualquer serviço em tempo específico, e isso incluía matar a quem fosse. Que bebiam tudo que queima e arde. Capazes de derrubar um novilho com a força dos braços e passarem dias a estriparem animais com facas de fios que aparavam a barba. Essa mesma gente, levaria a cabo toda a fúria que os jornais das cidades excitavam em tinta e papel. Nesses tempos, cultivava-se apenas uma crença: que o perverso mate o maldito! Desta maneira que muitos criminosos comandaram exércitos.

A garoa caía fina e vagarosa enquanto as ondas açoitavam o casco da modesta embarcação. Ábedu Lecur se mantinha em pé na proa, como se fosse um pescador em busca dos melhores cardumes. Seus cabelos, num crespo miúdo brilhoso, mostravam-se orvalhados. Algumas gotas já pingavam no casaco cor de café, cuja textura lembrava couro de cavalo. Suspendia uma pequena bolsa de lona preta e seus trinta e quatro anos. Observava o horizonte nebuloso e profundo. A tarde se aproximava do fim e o porto da cidade de Rio Grande não

passava de perspectiva. Era estranho ir cada vez mais longe de casa, por vontade própria e fé. Mas para quem busca respeito, prestígio e influência, estava no rumo certo. A guerra sempre foi a melhor delas para homens que tenham coragem no peito. Assim que deveria manter-se. Mesmo que o barco onde se encontrava desse a impressão de que transportasse refugiados, não um grupo de homens que fariam história. Eram sete, ao todo, mas Ábedu sabia pouco sobre eles. Uma das raras coisas que sabia, e, talvez a mais importante, é que eram republicanos que provariam sua fidelidade aos ideais, ao partido e ao governador da província: o ilustre senhor doutor xxxxx. Por outro lado, o vínculo que Ábedu Lecur mantinha com o partido era revestido de moldura quase paterna. Para ele, não se podia ignorar os homens que viram a população negra além da coisificação usual da elite monárquica. Pessoas que usaram o dinheiro do bolso para alforriá-los, a comida para alimentá-los. Dessa maneira, como ele próprio, que também era negro, poderia nesse momento não contribuir com o máximo que pudesse? Deveria. Não só isso, mas também assumir essa tarefa: levar os negros do ponto onde estavam e conduzi-los ao progresso: ordem e trabalho, conhecimento e verdade, recitou em voz baixa no ritual de suas crenças.

2

Apesar do longo tempo que se passara, desde que partiram da capital, Ábedu Lecur ainda sentia o cheiro de lavanda na lapela do casaco. Fechou os olhos e aspirou com força o inútil resgate do passado. Sua memória trouxe as últimas palavras que ouvira no embarque:

– Não esqueça que te espero!

Um homem jamais pode abster-se de suas obrigações e princípios. Seria essa a resposta que daria a lembrança que o inquietava. Mas o homem que ouvira essas palavras, também era o mesmo, que no fundo nutria de medos e dúvidas. O que, naquele derradeiro instante, o melhor foi manter-se calado e que Auta Violante interpretasse o reflexo nos seus olhos. Talvez esses pudessem revelar o que ele mesmo não conseguiria compor em palavras.

3

Ábedu Lecur hipnotizava-se com a solidão que assolava as dunas ao longo da praia quando notou o toque em suas costas. Virou-se e se viu diante de um homem de cabelos acarapinhados, unidos à barba grisalha tão compacta quanto à pelagem bovina. Sua pele negra, talhada, insinuava uma figura que acumulava as durezas de uma vida em que os músculos apenas descansam quando o corpo morre. Ofereceu-lhe a garrafa de cachaça:

– Aquece a garganta!

Ábedu olhou o líquido cor de azeite que tremia na garrafa:

– O álcool enfraquece os princípios de um homem – e se virou em seguida.

O homem empinou a garrafa. Contorceu o rosto e limpou os lábios na manga do casaco de lã:

– Os que nascem fracos morrem fracos! – mais um longo gole e depois um suspiro. – Essa é a lei! – e se afastou enquanto olhava para as gaivotas no céu que lembrava um grande precipício envolto ao nevoeiro.

Ábedu se manteve na proa tão imóvel quanto à escultura, em madeira maciça, da água presa ao bico da embarcação.

4

Horas depois do desembarque, Ábedu Lecur contemplava o prato de sopa sobre os joelhos. Entre os dedos, o pão quase ao ponto azedo do mofo e uma breve noite sobre o lastro de madeira com forro em pele. Eram duas coisas de que Ábedu ainda se ligava ao recente passado enquanto deslocava-se junto ao grupo de homens no calçamento úmido. Nas esquinas, a neblina mascarava os sobrados que margeavam o porto. Caminharam algumas quadras. Não ouvia conversas, apenas os ruídos de botas durante o avanço lento e respeitoso de uma marcha fúnebre. Chegaram à estação, diante dos vagões abertos. Ábedu não enxergava o que havia dentro. Observou que, mais adiante, a certa distância, próximo às árvores de onde estavam, havia um grande número de pessoas. Não foi possível identificá-las o suficiente para que se julgasse algo a respeito. Analisando com mais cuidado, viu que havia soldados de carabinas que as guardavam. Ábedu percebeu que um dos homens que os guiaram até a estação o chamou. Orientou-o para que subisse no vagão e mostrou com o dedo:

– Será seu lugar. Entre!

Antes que subisse, Ábedu notou que os seus antigos companheiros de embarcação rumavam para outros vagões. Subiu no trem ainda vazio. Dirigiu-se para o extremo do espaço e sentou na palha úmida. Abraçou sua bagagem como se o fizesse a um bebê. E ficou imóvel, apenas com os ouvidos atento aos ruídos externos, que eram poucos, além de ordens diretas e restritas. Também ouviu os passos que se aproximavam. Eram vultos a entraram no seu vagão e se acomodaram onde puderam sob o silêncio dos condenados.

Ábedu desconfiava da atitude daqueles homens que o receberam no desembarque. Fisionomias carregadas de uma rudeza, hostis a certo ponto. Apenas trocaram palavras com

os outros enquanto ele fora ignorado. Sentiu que não era bem vindo. As orientações que davam se dirigia ao grupo ou a outro qualquer, jamais a ele diretamente. Talvez fosse impressão sua, o recato seu que os afastava. Apesar de ser o único homem negro na comitiva, era republicano também. Quem sabe não estavam diante de homens simpatizante dos monarquistas que se fingiam apoiadores do governo? Haveria coisas mais importantes a serem pensadas. Que ficassem com suas impressões.

5

Mesmo que imaginasse o quão espinhosa seria aquela jornada, Ábedu Lecur engoliu a saliva espessa quando a porta do vagão se fechou numa trovoada breve, porém atordoante. O cheiro de esterco, urina e os demais odores que exalam os corpos submetidos ao medo, concentraram-se na atmosfera obscura. À medida em que a escuridão se dissipava, Ábedu via o aspecto dos companheiros de viagem. De velhos decrepitos a crianças. Os boatos se confirmavam: os recrutamentos para guerra não exigiam critérios. Todos úteis à unidade nacional. Depois, Ábedu manteve os olhos fixos, vagos numa expressão hipnótica. Sua aparente serenidade não revelava desdém, mas sim o intenso momento reflexivo. Trazia a buscar causas, consequências e digeri-las como um bom degustador. O que vira naquele recinto, logo o fez construir a imagem de que estava num maldito túmulo. Essa ideia germinava na sua cabeça. Quando os tempos mudariam? Em seu raciocínio, recitou consigo: dos navios aos vagões de cargas negreiros. Dos grilhões de ferro à estrada de ferro. Na trilha de ferro ao destino de ferro e fogo. Ainda estavam enlameados na herança do antigo regime. A república herdava os filhos da exploração monárquica. O imperador partira para seu triste exílio na Europa. Levou consigo o glamour dos seus bailes e a memória do exotismo das viagens pelo mundo. A lei Áurea desabrochou em festa. O império caiu em festa. A República bateu à porta para limpar as feridas em sangue. Voltando a si, Ábedu olhou a sua volta:

– Aos que ficaram, o rigor das leis.

Mas do que adiantava remoer aquilo tudo, se aquela gente de nada sabia? Com certeza nenhum deles leria uma só palavra. Mesmo se soubessem, apostava que não acompanhavam jornais nem as leis, nem as ciências ou pior: as leis de Deus. E que deus se deveria seguir? Virou o rosto para sua bagagem, viu as pontas das suas botas: único homem que tinha bagagem e os pés calçados. Seria melhor mesmo que ninguém soubesse de nada. E nada falassem. A transição dos costumes seria dolorosa, quem sabe não mais que o preço que haveria de pagar pelo espaço que os negros disputarão na sociedade. Dos milagres desse mundo, tudo já se passou. Havia nele a sensação de que a única coisa que restava era mesmo

o apocalipse. Ábedu fechou os olhos de vagar, como alguém que chega e senta depois de um longo dia de trabalho, na esperança de que o espírito se desprenda e vague ao infinito do próprio eu.

6

Ábedu abriu os olhos. Enfim a máquina desacelerava. Quando a porta se abriu, mexeu os braços e pernas. O trem parou com o ruído de um grande monstro fatigado. Quando abriram a porta, a luz penetrou fulminante. Todos defenderam os olhos com as palmas das mãos e cotovelos. Ábedu apenas ouviu o grito:

– Desçam, mijem e voltem!

Muitos já haviam se aliviado durante a viagem, mas Ábedu se manteve firme. Sentia-se obrigado a provar sua decência. Desceu. Pernas juntas, passos limitados. Achevou entre os arbustos e urinou enquanto tremia as pálpebras e suspirava. Espreguiçou-se. Olhou para baixo da ribanceira, onde havia um riacho por entre a fenda nas rochas. A água corria brilhante. Olhou para o trem. Muitos já haviam subido. Voltou-se para aquele riacho. Seria um ótimo lugar para deitar e esquecer um pouco de tudo e ser apenas livre. Existiria essa liberdade?

8

Cumprir sua missão. Ser uma das chamas do ideal republicano em meio aos fanáticos caudilhistas, monárquicos retrógrados. Sobreviver e voltar para casa, pensava Ábedu. Era apenas o que precisava. O preço pelo seu espaço político, necessário para a passagem a outros que nem ele: homens negros, às portas do século XX, com trabalho para mudar os rumos de uma raça. Se desse certo, o decênio haveria de ter negros na sociedade equiparáveis a todas as demais pessoas que constituem o país. Ou quem sabe melhor que isso: nenhuma das palavras que os ligam a escravidão existiriam mais. No fim, tudo não passará de um período que serviu apenas de purgatório. Um bom tempo e oportunidades à guinada em busca das leis. Sem as leis não há ordem nem progresso. Manter-se vivo, eis o foco. E o sorriso se fez a esses futuro imaginário.

Parecia tão simples para Ábedu. Mas então se lembrou de que poderia ter ficado calado, como pensava Frasinonte, e morrer em paz. Morrer em paz? Interpelou-se. Mesmo após a abolição, mantiveram atos que restringiam pessoas como ele a frequentar certos espaços públicos. Era impossível não observar seus companheiros de viagem. No que acreditavam?

Havia um deus dentro deles? Entre o sacolejo e o bafo que soprava nas frestas da madeira, vinha um alívio do mau cheiro que se instalara ao limite. Que chegasse ao final da viagem. Estava cansado de pensar. Era preciso agir.

9

O trem chegava ao destino final numa tarde nublada e sem vento. Quando Ábedu Lecur desceu, sentiu o cheiro de carniça que saturava o ar na estação. Enfim encontrava alguém que sabia ler em meio a tantos soldados. Entregou a carta que trazia consigo. O soldado pediu que o acompanhasse. Levou-o até a presença de outro militar, um oficial de barbas grisalhas, volumosas, com a mão presa ao cabo da espada. Tomou a carta em suas mãos:

- Ábedu Lecur. É francês?
- Não senhor! Meu pai quem me pôs o nome.
- Seu pai era francês? Daí a cruz que te resultou?

Não era resultado de cruz alguma, pensou Ábedu. O importante que era brasileiro. Assim como as informações e, principalmente, quem assinava a carta.

O militar deu um suspiro de quem se sente saturado com a rotina de um trabalho decepcionante, ilusório, cujas ações apenas se repetem. Declarou o nome e patente. O coronel **xxxxx**, era mais um desses muitos homens que se acumularam ao longo do tempo a demarcarem terras e morrerem de peste ou nas batalhas. Enquanto o conflito durasse, Ábedu ostentaria o posto de alferes e todas as prerrogativas a que tivesse direito. Para ele, entregariam o comando de um pelotão de patriotas, homens civis militarizados para essa ocasião. No posto em que fora nomeado, deveria se responsabilizar pelos cuidados e instruções aos seus subordinados, mas o coronel enfatizou a importância da disciplina:

- Açoite eles, fuzile se necessário!

10

Dias depois, em algum ponto da fronteira sulina... O toque de corneta ecoava no horizonte, assim como som dos disparos de arma de fogo que ficavam mais frequentes. Ábedu Lecur ouviu os relinchos e patadas dos cavalos a ficarem mais intensas como os tambores de um apocalipse.

Horas depois, o instinto de sobrevivência esmagava nele qualquer honra ou manifestação de heroísmo. Dinamitou suas pernas para que corresse o mais rápido possível. Diante dele, os campos balançavam como num lento terremoto. Carregava a certeza de que seu coração explodiria no peito. Um bruto que esmurrava as grades de osso. Seu coração retumbava no peito na impressão que explodiria a qualquer momento. Quando se deu conta, Ábedu Lecur lutava contra as gramíneas do charco e os espinhos dos caragatás. Movia os braços como se tentasse se desvencilhar de alguém que o agarrava. Movia as pernas como um lutador que golpeia o oponente com a força dos joelhos. Caiu de corpo inteiro na água enlameada e cheia de plantas. Quando levantou, havia folhas e finas raízes presas no rosto. Tapeou-se. Tossiu na fúria de um asmático. Curvou-se e pôs as mãos nos joelhos. Escarrou a gosma com pedaços de folhas. Ao longe, ainda ouvia ecoarem alguns disparos e gritos que se perdiam em todas direções. Mas não enxergava nada. Inspirou e expirou algumas vezes. Precisava do fôlego. Rastreou de onde vinham aqueles indícios. Convenceu-se de que o vento tratava de confundi-lo. Com isso, decidiu correr a favor de seu fluxo.

12

No horizonte, o sol se transformava numa breve memória do que fora aquele dia, e o céu continuava plácido, livre de qualquer pecado existente nos sonhos dos homens. Enfim Ábedu pisava em pastagem firme. Jogou-se de peito na grama seca enquanto o caldo de limo vazava de suas roupas. Virou-se. Barriga para o céu, pernas abertas e mãos sobre o peito. Não escutava um ruído se quer. Sentou. Retirou a bota e pôs o cano para baixo. Bateu na sola. Em seguida, fez o mesmo com a outra. Recolocou-as em seguida. Largou outra vez na grama. Só precisa de ar e de silêncio.

Para alguém que foge, a noite se torna um grande monstro. Ábedu temia isso. Levantou-se e viu que na frente havia um conjunto de árvores que poderiam lhe oferecer abrigo. Empenhou uma breve corrida. Penetrou desviando-se dos galhos, num sigilo de quem busca a descoberta de um segredo. Meteu-se em quatro árvores que se enroscavam na gruta que lembrava um cone invertido. Dentro, ficou imóvel por algum tempo até que tateou a cintura. Estava desarmado, quase nu. Não teria sequer um canivete. Restava-lhe a espera que viesse boas decisões. Não se orgulhava do que fizera na sua primeira batalha, porém não seria tão decepcionante. Havia sobrevivido. Não importava como. Aos poucos meu amigo, sussurrou enquanto dava tapinhas no galho, aos poucos... e silenciou. Imagens fragmentadas se agruparam na memória. Nunca vira nos homens tanta raiva humana em apenas uma tarde. Uma tarde! Repetiu consigo. Tinha os olhos estáticos. Numa tentativa de libertar-se desse

assombro, pensou em Auta Violante. Lembranças banais. O que fazia naquele momento e se ela também imaginava a situação que ele se enfiara. Também pensou no filho, nos conselhos, nas orientações que sempre enfiava nos ouvidos dele. E outra vez voltou-se para a esposa, mas dessa vez com mais ímpeto. Suspirou profundamente e seu coração sufocou-se, logo refém de uma saudade angustiante que o dragava no pior momento. Acomodando-se ainda mais naquele abrigo, experimentou fechar os olhos. Dormiu no encaixe dos troncos, coberto pela ramagem dos galhos e trepadeiras.

13

Quando abriu os olhos, se deu de frente com dois cardeais, cristas e dorsos de um vermelho profundo, a ciscarem as folhas secas. A luz do sol rompia os galhos retorcidos das árvores e se fundia na terra macia como pó de café. A brisa roçou-lhe o rosto. O cheiro de pitanga entregou paz e conforto que possibilitou que fechasse os olhos um pouco mais. Mas o ruído de asas e o estalar de galhos o incomodaram. Abriu os olhos. Retraiu o corpo ao máximo possível naquela alcova de galhos. Aguardou por alguns minutos. Depois disso, Ábedu percebeu outros movimentos na mata que vinham de todas as direções. Foi quando irromperam aquelas três mulheres de pele cor de tabaco, cabelos em negro reluzente, assim como seus grandes olhos oblíquos.

Apesar de intensa semelhança, como as calças estilo bombachas que usavam, cada uma demonstrava seu estilo peculiar. A primeira, de chapéu pança de burro sobre uma cabeleira de uma trança que raspava o final das costas. A segunda mulher usava chapéu coco e seu cabelo se dividia em duas tranças a roçarem os ombros. E a terceira, um lenço cor de vagem envolvia a cabeça e deixava que escapasse parte dos cabelos soltos para trás. Por entre as mulheres, surgiu um homem, de túnica militar, azul ferrete, desabotoada. Mostrava-se o peito nu de pelos grisalhos a contrastarem com a pele amendoada. Na cabeça, uma cartola de feltro, dobradas nas laterais, que pendia para o lado. Ábedu viu aquele sorriso que mostrou os dentes grandes, amarelos, de duas presas sobressaiam-se por entre os pelos do volumoso bigode:

– Está perdido, negro?

LIVRO II

Réu primário

Para que serve um homem
se ele não for sempre
um ontem e um amanhã.
Éle Semog

1

A maioria dos crimes praticados no século XIX tiveram motivações passionais. Isto porque, para alguns homens, os sentimentos são inocentes como a lâmina de uma adaga. E foi com sentimento e adaga que, no de 1866, o cativo de apenas dezesseis dilacerou o capataz da estância. Esse criminoso chamava-se Egas Faraó.

Ao longo dos séculos, o amor justificou muitos homens em suas guerras, traições, nobreza. Sob esse manto, enganou-se inclusive a morte. Porém, Egas Faraó não passava de um negro campeiro. Mais um investimento de tempos e fundos. Representava os muitos meninos que jamais conheceriam a infância. Depois de anos, a seleção natural da vida no pampa se encarregava de torná-los homens em alguns anos antes da puberdade. Apesar de haver a crença de que Egas Faraó não era homem, mas cativo, na igual categoria da menina que se apaixonara. De certo o eram, pois os dois constavam no inventário, inclusos a bois e mobília. Por isso, não deveriam se nutrir de amor, apenas de instintos. Sob essa lógica, ela foi entregue ao capataz, que era homem, não coisa. Para que tivesse filhos e não crias. E que nada mais se dissesse sobre o assunto. Afinal, quem se importava com o que haveria na cabeça de um negro? Entretanto, por debaixo da casca dura da servidão que se acumulara nos anos, tinha a certeza do apreço por essa mulher. Em suas veias, esguichava a energia ardente que lhe surtava os miolos. Seria amor? Egas Faraó assombrava-se nos dias de que jamais teria alguém. De que sua vida seria como os demais de sua estirpe, apenas contentes em raros instantes de afagos e cachaças nas *pulperias* da fronteira. Mas o desejo de um homem é apenas seu. Isso, não há feitiço que desfaça.

Logo depois de seu crime, Egas Faraó encilhou o cavalo e disparou noite adentro. Tempo depois, nas primeiras horas da manhã, seu cavalo mancava nas ruas da vila. Nela, havia um posto do exército. Nesse ano, o monstro da guerra estava faminto. O império iniciava sua campanha contra o Paraguai. Egas Faraó se apresentou como voluntário. Para o império, pouco importava a procedência de um homem, desde que fosse defendê-lo nessa guerra.

Mesmo encoberto pela camada de nuvens, o sol cozinhava a cabeça daqueles homens que aguardavam a jornada para a guerra. Egas Faraó temia que a notícia do assassinato

chegasse antes. Seria preso e morto. Percebeu que um homem transitava por entre eles. Era baixo e um chapéu de palha o protegia. Rabiscava alguma coisa. Parou diante de Egas e o interrogou:

- Qual o nome do teu senhor?
- Não tenho nenhum.
- E não devias ter um?
- Já tive.
- Essa marca na cara, é de fujão?
- É do meu nome.

O homem agachou-se, ergueu a aba do chapéu e pôs o dedo da marca:

- E porque te marcariam com a letra do próprio nome?
- Para que eu nunca me esquecesse dele.
- Qual teu nome?
- Egas Faraó.
- Sabe que vai para a guerra?
- Um homem vai para onde tem de ir.
- Então não tens senhor, verdade?
- Nenhum.

O estranho riu, balançou a cabeça e rabiscou a folha de papel e deu para Egas Faraó.

Pediu que entregasse ao soldado responsável pela triagem dos voluntários.

Horas depois, Egas Faraó estava diante dos militares. Como lhe foi dito, entregou o papel. O soldado que recebeu, leu para que constasse no livro de registro:

Egas Faraó; Crioulo; Sr. xxxx; A carta foi concedida “com a obrigação de servir em lugar de meu filho xxxxxxx não só em todo a atual guerra que o Império do Brasil sustenta contra a República do Paraguai, como de, depois dela concluída, continuar a fazer todo o serviço da Guarda Nacional em lugar do dito meu filho no prazo de quinze anos [...], para cujo o fim fica o dito meu escravo Egas Faraó obrigado a vir residir neste Município e arredores logo que se conclua a atual guerra”.

2

Dois anos depois, o mesmo vento morno ainda varria os pântanos e cerros paraguaios. Alguns homens o chamavam de “o bafo do diabo”. Para eles, tudo por ali era maldito. Eram coisas do inferno, desde os soldados guaranis, as mulheres, as crianças. Nada prestava. Nesse dia, Egas Faraó escovava a pelagem moura do cavalo de um oficial. Depois, enquanto selava o animal, refletia sobre seu passado e de como sua vida se desenrolava na guerra. Entre o cativo da estância e o soldado não havia diferença alguma. Onde se achava, mostravam-se os

mesmos homens que mandavam em tudo, distinguindo-se apenas em fardas e condutas militares. Mas as coisas iam tão cascudas quanto traiçoeiras. Sim, talvez tivesse uma diferença mesmo, corrigiu-se Egas Faraó, e se existisse, representava-se na posição de certa liberdade que tinha nos campos. Um homem sobre um bom cavalo, não um pangaré que o exército lhes dava. Ou quando não tivesse de gastar as botas em quilômetros de marchas em lama e pedra. Terminou o serviço. Debruçou-se no lombo do cavalo e olhou para a extensão do horizonte. O que faria se sobrevivesse ao final da guerra? Os campos onde se criara não passavam de um cenário desbotado em sua memória. Seu crime, uma sombra. A mulher que amava, a cicatriz em seu rosto.

Mesmo que naqueles dias tivessem mortes acorrentadas à sua vida, Egas Faraó não ignorava o que se testemunha em toda guerra: o pior e melhor em cada homem. Mas a guerra no Paraguai se alongava. Depois de algum tempo, acostumava-se a macabra rotina. E o medo da morte e a esperança na vida, confundiam-se nos acampamentos.

Anoitecia. Egas Faraó se dirigiu à margem do acampamento. Juntou-se ao grupo de soldados que se descontraíam em jogos de osso, cartas e dados. Egas se acomodou e assistia aqueles homens cheios de estórias, ideias e muitas dúvidas na cabeça. Lembravam-se dos que não aguentaram aquela vida de morte e desertaram. Dos que fracassaram e foram fuzilados. Quem não fugia, executava o serviço ingrato de matá-los. Alguém perguntou sobre o que fariam quando a guerra acabasse. Desempenhariam o mesmo de sempre, respondeu o outro, cada um de volta para seu galinheiro.

– E quem é do mato?

– Volta para o mato!

– E quem tem mulher?

– Deixa que eu volto!

E todos riram. Entre as poucas risadas que restavam, perguntou-se:

– E quem é cativo?

Os homens entreolharam-se enquanto guampas com cachaça passavam por mãos e bocas. Houve um breve silêncio que logo seria interrompido:

– É melhor não voltar! E segue o trago!

– E as terras que prometeram?

Outra voz rebateu:

– Quem aqui vai cobrar a promessa?

Dessa vez, o silêncio foi mais longo. Ouviu-se apenas o estalo nas fogueiras e o leve estouro das lonas que o vento sacudia. Mas aos poucos, esses homens se descongelaram, beberam e riram outra vez. Egas Faraó se manteve calado. De onde estava, avistou Romano,

deitado à beira do fogo, com os olhos a focarem o céu. Egas entregou a guampa ao homem que cruzava a sua frente. Depois, avançou, desviando-se de vultos, canhões e cavalos. Achevou-se e quis saber se tudo estava bem com o amigo. Romano respondeu que sim, apenas não estava com vontade de ouvir aquelas bobagens que se diziam dia e noite toda vez que estacionavam em algum lugar. Preferia a solidão, onde ouviria suas próprias besteiras que ao menos não saiam da mente dele. Além do que seriam bem mais interessantes. Egas perguntou o que ele tanto olhava no céu, ainda mais nublado do jeito que estava:

– Por acaso, vêes além das nuvens? – ironizou Egas Faraó.

Romano apenas contraiu o canto dos lábios. Baixou os olhos e apontou as centelhas que saiam do fogo. Demonstrou que elas subiam, rodopiavam no alto e no final desapareciam como se uma força invisível à engolisse, mas:

– Sempre tem outra atrás delas.

Egas ficou quieto. Sentou-se ao lado dele. Olhou para o fogo até que seus olhos captassem o cerne das chamas, no eixo onde a lenha paria as labaredas:

– Não queria que Libânio fosse fuzilado.

– E por que disparou nele?

– Rompeu com sua palavra.

– Cativos tem palavra?

– Todo homem deve ter.

Ambos insinuaram um sorriso de homens que no fundo compreendem a ironia dos fatos e das coisas. Como a criança que deslumbra pela primeira vez os pássaros no céu, Romano apontou para as cinzas que flutuavam:

– Vês? – disse. – Elas fogem em disparada, mas sempre se apagam, mesmo que atrás delas venham outras tantas faiscando, nunca vencem o limite da escuridão.

Egas viu nos olhos de Romano o reflexo úmido, duplicado em chamas minúsculas como se estivessem presas a globos de vidro. Noutro dia, soube que seu amigo desertara.

3

Quatro anos de lutas no Paraguai e Egas Faraó voltava aos campos do Rio Grande. O corpo, acostumado ao clima quente e úmido, encolhia-se sobre o cavalo como um velho moribundo. Mesmo de poncho, sentia-se despido. O vento era mais gélido, mas tinha o mesmo cheiro de alecrim. Era outono e trazia na bagagem as lembranças da guerra: um rifle *Remington*, uma cartola inglesa e a imagem na cabeça da última campanha de que participara. Foi um assalto a uma vila, onde os defensores não passavam de crianças em uniformes

militares. Entretanto, na guerra enquanto o inimigo não ergue bandeira branca, a matança segue por cima do que estiver a frente.

Aos vinte anos de idade, Egas Faraó sobrevivera ao término da guerra, contudo isso apenas marcava o fim de mais um ciclo, parte de uma dívida que faltava muito para ser quitada.

Assim que as tropas brasileiras retornaram, o império tratou de dissolvê-las. Muitos homens se dispersaram, reencontraram suas antigas vidas, novas chagas e mentiras. Mas para Egas Faraó restavam onze anos de serviço. Tempo suficiente para acabar com a vida de qualquer pessoa. Por outro lado, ninguém o esperava, não havia nem uma tapera onde pudesse se abrigar, entregar-se ao descanso, aos afagos de mãe ou esposa. Sim, onze anos não seriam tão dolorosos para ele, pensou. Para alguém que não tinha nada, ao menos não morreria de tédio.

Sob a manhã de inverno, Egas Faraó se enfileirava junto a outros homens ainda militarizados. Novas ordens, mesmo regime e disciplina. Antes de qualquer coisa, lembraram-nos de suas dívidas com o império; e de como deviam pagá-las. As fronteiras deveriam ser restabelecidas, os negócios com gado e charque garantidos. Sem demora, construiriam um posto de fronteira num suave platô. Este teria as dimensões de uma quadra com supremacia sobre aqueles campos. Possibilitava a visão frente a quem os buscassem pelo ponto estrangeiro ou mesmo de quem viesse de solo pátrio. A obrigação era garantir os limites de fronteira, inibir saques, roubos e contrabando. Por isso, caçariam bandidos e os cativos que ainda se insubordinavam ao sistema escravo.

Foram dias de muito trabalho. Enquanto alguns transportavam para o local a madeira, palha e o barro, outros, como Egas Faraó, conduziam o gado adquirido junto a proprietários que negociavam com o exército. Os demais erguiam cercas de pedras que serviriam de mangueira para os animais. Eles seriam muito úteis. Desde a carne ao couro que serviria de lona, forro de cavalo, baldes e outras coisas mais que aguçasse a imaginação campeira. No final, o posto se organizou sob o comando de um capitão. Um mestiço, crente de seus deveres militares e políticos. Dia e noite, patrulhas de cinco homens percorriam quilômetros pela fronteira. Às vezes, esses grupos voltavam com algumas faltas. As deserções e mortes continuavam.

4

Quando chegou naquela noite, após um dia inteiro de patrulha, Egas Faraó soube que o comandante o esperava. Entrou no que seria o gabinete. Nada mais que um cômodo igual aos outros. De barro, varas e palha com a única diferença de haver um homem com estrelas

bordadas nos ombros e a bandeira imperial estaqueada na parede. Havia mais três homens, entre eles estava Veronato. Seu rosto negro reluzia o suor na pele sem barba. Egas Faraó o conheceu no último ano de guerra. Alguém que possuía raízes muito semelhantes a sua.

O comandante do posto militar tinha informações de que um grupo roubava gado para vendê-lo no outro lado da fronteira. Naquela sala, disse, estavam diante dele os melhores soldados campeiros que conhecia. Todos ali fariam parte da patrulha que emboscaria esses ladrões. Sabia inclusive o ponto, na margem de um arroio, onde eles cruzariam de volta. Em sua voz rouca, mas forte, avisou que ninguém carregaria na garupa dos cavalos nenhum daqueles homens. Como incentivo, quando voltassem, pagaria a todos uma parte do soldo e alguns dias de licença para gastarem com as mulheres que encontrassem nos botecos de fronteira. Dispensou-os. Todos aqueles homens saíram com sorrisos e olhares que reluziam o brilho do lampião, menos Egas Faraó.

Durante à noite que já se extinguia, Egas Faraó gastou parte dela na limpeza do rifle. Engraxou-o e o empanturrou de cartuchos. Desembainhou a adaga de prata, onde se lia no cabo os dizeres “*No es de arriar el poncho*”. Amolou a lâmina no carinho de um artesão. Separou a montaria e deitou-se. Recostou a cabeça no rolo de couro e lã, fechou os olhos. Antes que flertasse com o sono, perguntou a si mesmo se chegaria vivo ao final de todos aqueles anos que ainda restavam. Se um homem como ele mereceria viver porque quando amanhecesse, mataria mais gente ou seria morto de uma vez.

Os homens chegavam às margens do arroio. Tinham um dia de vantagem. Diante da trilha, o capitão projetou o corpo para frente como se farejasse o terreno. Apontou para as inúmeras pegadas sobre a lama. Ordenou que se organizasse para a emboscada.

Egas Faraó observou aqueles rastros, depois olhou para o arroio. Gritou ao capitão. Tinha algo a dizer. Foi-lhe concedido o direito. Egas confessou:

- Não acredito que voltem por aqui.
- Por quê?
- O senhor voltaria?

Egas Faraó virou o rosto, um gesto de que não estava convencido. O capitão respirou ofegante:

- Quer me trovar alguma coisa?
- Aposto que voltam noutro ponto, nesse mesmo arroio.
- Por que?

Egas Faraó defendeu a ideia de que levar o gado para os castelhanos era fácil. Tratava-se de roubo de uma fronteira para outra. O mais perigoso seria o retorno. Sabiam que tinha muita gente bufando atrás deles.

O capitão coçou a barba rala, suja e crespa. Ajeitou o chapéu em feltro negro, perguntou:

– Apostar o quê?

Os outros homens estavam mudos e congelados. Egas olhou para o rosto daquele homem que lhe propôs o desafio:

– Garantias.

– Garantias? – pôs os cotovelos no dorso do cavalo. – Garantias de quê?

A palavra desse oficial era o que Egas Faraó negociava. Não apenas para si, mas para os outros de que no final de suas obrigações firmadas desde a guerra, estariam livres de todos os deveres e que lhes seria dado as terras que os homens que lutaram tinham direito. E esse capitão endossaria os documentos. O comandante riu. Olhou para as testemunhas que continuavam imóveis:

– E se estiver errado? – questionou o capitão e logo sentenciou. – Todos servirão nas terras da minha família.

Nessa fronteira, diante de homens que estavam entre o medo de serem punidos e a esperança de que um dia suas vidas mudassem, firmou-se o pacto sem papel nem tinta, apenas palavras.

Aqueles homens passaram toda a madrugada sob o regime de silêncio e privados de fogueiras. Enrolados em palas e o que mais lhes pudesse aquecer as margens do arroio. Apenas se ouvia um breve ruído das águas por entre pedras e se via os filetes de nevoeiro que pairavam sobre as águas. Egas Faraó deitara-se de bruços, com a bochecha na coronha do fuzil. Por toda a noite os olhos se mantiveram em piscadelas lentas, como se a qualquer momento dormiria.

Quando a noite se tornava cinza, já era possível outra vez enxergarem as árvores da margem oposta e a passagem natural repleta de pedras que lembravam ovos de galinha. O sol anunciava-se como uma rede que se abre em raias luminosas. Na outra margem, localizou-se de novo a picada por entre as árvores. Todos se olharam, num diálogo visual e íntimo, o bastante para convergirem suas armas para o mesmo ponto. Não tardou os ladrões de gado brotarem na picada, montados em seus cavalos. Quando todos trafegavam nas pedras, desviando-se das armadilhas que o limo oferece, o comandante iniciou a fuzilaria. Os tiros não duraram mais que poucos segundos. Os cavalos que não morreram, saíram corcoveando aos coices por entre o mato. Após aguardarem o breve silêncio junto a fumaça da pólvora que se dissipava, saíram de suas posições. Perceberam que não se esboçava movimento algum. Precipitaram-se sobre as vítimas. Egas Faraó caminhou na direção do corpo que ainda se mexia nas pedras. Enquanto prosseguia, o cano do fuzil ia à frente como o focinho de um

predador. Viu a correnteza que passava por sobre o ventre estourado e se tingia de vermelho. Reconheceu aquele homem que se negava à morte: era Romano. Quando Egas baixou o fuzil, ouviu-se um disparo. O balaço atingiu o ombro de Egas. Logo, Romano foi exterminado pelos tiros dos soldados.

Na marcha de volta, entre o som de cascos e patadas no solo duro, trocava-se e rebatiam-se dúvidas enquanto o espanto saltava nos olhos. Mas em todas as falas, apenas uma pergunta ficou sem resposta: por que homens que lutaram na guerra agora eram bandidos? Egas Faraó permanecera mudo por todo o percurso. A imagem daquela morte continuava na sua cabeça como uma pintura em tela na sua frente. Uma figura que o engolia enquanto uma das mãos pressionava o pano sobre o ferimento no ombro.

5

Egas Faraó explodiu em meio a cusparadas de cachaça:

- Deixa essa merda aí – e que a bala permanecesse onde estava.
- Ela vai te matar! – avisou Veronato.
- Que me mate, então.

Veronato limpou a ferida e costurou a pele à maneira bruta e necessária. Egas Faraó não gemeu mais, apenas trazia os olhos vagos para algum lugar além da porta do alojamento. Depois, ninguém mais falou sobre a cena.

Os homens que participaram da emboscada receberam o que lhes fora prometido; parte do soldo para gastarem com bebidas e mulheres da fronteira. Egas Faraó permaneceu no acampamento. Não estava pronto. O ombro ainda o incomodava. Montar no sacrifício, ir-se a farra e se envolver em brigas? Estaria sempre em desvantagem. Que os companheiros aproveitassem por ele. Naqueles dias, o descanso era sua melhor decisão possível.

Ao longo das semanas, Egas Faraó se manteve distante de tudo. Apenas próximo de si mesmo, como um religioso que se retira para o alcance elevado do espírito. Nem mesmo o comandante da guarnição, quis dirigir-lhe uma ordem se quer. Deixou-o na paz solitária de como se faz com os animais ferozes quando são feridos.

Numa tarde em que escovava o pelo do seu cavalo, Egas faraó sentiu uma coceira no ombro. Afastou a camisa e viu que a lesão cicatrizava. Dias depois, numa noite, sentiu que havia algo diferente nessa recente ferida. Pediu que Veronato aproximasse o lampião. Onde era o ferimento, brotou um cisto do tamanho de meia laranja. Egas apertou, bateu com os dedos. Nada sentiu. Estava tudo resolvido, disse. Depois de quatro dias, quando acordou pela manhã, o cisto havia mudado de lugar. Estava abaixo do peitoral. Algum tempo depois,

apareceu na coxa direita. Não havia nada a fazer, concluiu Egas Faraó, apenas aceitar a estranha liberdade dessa bala.

6

Naquela manhã, Egas Faraó olhava o horizonte e via apenas o indício de que haveria sol. Sentia a brisa morna que percorria os campos, vez e outra, e trazia consigo o cheiro acre de gambá. Viu o amigo que se aproximava montado no cavalo. Veronato se achegou e divagou:

- Mais um verão!
- E nós ainda por aqui.
- Isso é bom?

Egas Faraó deixou essa pergunta vaga por alguns segundos de silêncio. Depois, falou de um vazio dentro dele. Uma sensação de que jamais viveria além daquele regime e sistema. Recordou-se dos anos que vivera como cativo na estância:

- Já te disse que foi nela que matei pela primeira vez?
- O que foi? Uma pomba?
- Um homem.
- Mereceu?

Não sabia disso, respondeu Egas. Tratava-se do capataz. O homem que ficaria com a mulher que lhe tirava o sono.

- Então mereceu – disse Veronato. – É isso que te incomoda?
- Veja esses campos – Egas rumou para outro assunto. – Será que tem fim?

Veronato coçou o rosto sem barba como se a quisesse rasgar a pele:

- Deve ter. Mas o que importa?
- Quero um pouco dela para mim.

Veronato espantou-se junto a uma risada que terminou logo num forte pigarro. E o que mais queria? Ser comandante do posto? Ou quem sabe general? Veronato entrelaçou os dedos e depois segurou o queixo como se buscasse uma ideia original:

- Queres ser o duque da senzala! – e riu de novo.

Desta vez, Egas Faraó não se conteve e o sorriso se fez largo, o suficiente para dar-se conta de como era bom rir um pouco. Quando o riso se esvaiu, olhou para Veronato. Não, não queria ser duque, general. Não queria ser nada que não pudesse ser. Mas confessou que não seri mal ter um “torrão” dela. Depois de tudo tudo que enfrentavam em todos esses anos. Ergueu o dedo em riste, uma promessa, um aviso: quando terminasse sua dívida com o império, seria dono do próprio destino:

– Virá comigo?

– O que pode ser pior?

Depois dessa conversa, Egas Faraó sentia-se preenchido de uma vontade intensa. No seu íntimo, construía-se a imagem do que ansiava. O tempo passaria, e havia muito a fazer.

7

Era o final do ano de 1873. Egas Faraó ainda patrulhava a fronteira. Entretanto, os dias nos campos já não eram mansos como nos tempos antes da guerra. Agora, havia muito mais homens dispostos ao roubo, saque, contrabando que submeter-se à vida comum das estâncias e cidades. O comandante da guarnição fora substituído por um major que se mantinha quase sempre recluso em sua sala de comando. Tudo que ordenava vinha por intermédio da sua ordenança. Licenças, mortes, deserções e cada vez mais se diversificava os homens que ainda mantinham as ordens do império na imensidão dos campos. Foi nesse tempo que Egas Faraó mais agiu na fronteira como representante da lei. Vigiou fronteiras, troteou com bandoleiros e caçou escravos fugidos. Por vezes, cavalgava tanto para dentro do solo argentino quanto uruguaio. Nada disso importava. Queria trazer o fujão a cabresto ou arrastá-lo como um bezerro. Mas do que Egas tomou gosto mesmo foi pelo contrabando. Aprendeu a dosá-lo no seu próprio sistema. Matava uns contrabandistas, negociava com outros. Assim, ao longo dos anos que seguiram, reuniu tudo que pôde numa gruta em meio aos matos daquela fronteira. Um segredo que não revelou nem mesmo a Veronato. Havia algumas roupas, bebidas e armas, além de quinquilharias que acreditava um dia precisar. Entre elas, um vestido de chita. Um dia, pensou ele enquanto segurava essa roupa, ainda botaria uma mulher dentro dele.

8

Era uma casa típica das famílias que sobreviviam por aqueles campos. Varas, palha e barro. Não se sabia ao certo de que tipo de gente era aquela. Se alguém comentasse que eram araganos, contrariava-se que se tratava de charruas. Outros apostavam que eram minuanos, e de novo se rebatia tratar-se mesmo de guenoas. De certo que descendiam dos mais antigos que habitavam a fronteira. As colonizações, as guerras e a fé trataram de dispersá-los, soprando-os como sementes aos pontos mais distantes do pampa. Alheios ao que se pensava a respeito de suas origens, sobreviviam.

Melânio acordava de uma noite de intensa bebedeira. Tinha seu próprio vendaval. Era de costume que negociasse o que pudesse com estranhos que passassem por onde morava.

Carne de capivara, veado, tatu e tudo mais que pudesse caçar ou oferecer, como a própria mulher que vivia com ele, ou, se necessário, suas duas filhas que mal beiravam a adolescência. Para ele, não interessava, desde que tivessem algum dinheiro e bebida ardente.

Aos seus pés, tinha a visão embaçada da menina. Encarou-a por um instante numa ideia de que fosse uma aparição de sonho ou de mistério. Mas a consciência reorganizou-se, resgatou na lembrança de que se tratava de uma de suas filhas:

– O que foi, víbora de la cruz?

Melânio não se esquecera das mordidas que ela dera no seu rosto. Para esse homem, o pai tinha o direito a tudo. A menina olhava-o por baixo, encolhida, mas arrepiante como um gato selvagem, uma serpente a marcá-lo com as presas. Ela se manteve em gesso. Melânio enfiou o rosto no meio das tralhas que lhe serviam de encosto. Esfregou-se e bufou. Até que ouviu o aviso:

– Tua morte vem a trote.

O homem se virou numa explosão muscular, mas não viu mais ninguém. Sugava o ar como se precisasse absorvê-lo por completo. Seu corpo já não queria mais o leito. Sentiu as tripas se mexerem, apertavam-se. Estava de pé. Apenas um pano ordinário no improvisado de um chiripá. Foi até o fogo onde se suspendia uma panela preta. Línguas de bois revolviam-se na fervura. Espreguiçou-se caminhou para fora da casa.

Deparou-se com Egas Faraó sobre cavalo. Melânio se pôs ao lado da mulher que esmagava o milho num grande pilão de madeira. Gesticulou para que as filhas se juntassem a eles. Olharam para o cavaleiro cujo bigode negro emitia pequenos pontos luminosos. Eram as gotas de suor que absorviam a luz do sol em meio-dia escaldante. Egas Faraó não disse boa tarde, nem qualquer outra palavra ou gesto que iniciasse um encontro amistoso. Mantinha as rédeas envoltas às mãos, ainda quase esticadas. O cavalo tordilho mascava, atrapalhava-se com língua, dentes e prata. As palavras desse homem foram firmes como estocadas:

– Quero uma delas.

O homem olhou-o por um tempo, depois para a mulher e filhas.

– O que oferece?

– Amizade e as moedas de prata que levo comigo.

– Qual delas tu vai levar?

– Qual é a mais braba?

Melânio agarrou os cabelos da menina e a puxou para sua frente:

– Víbora de la cruz!

Egas Faraó desceu do cavalo. Esperou que a menina viesse até ele. Melânio a empurrou. Egas olhou para aquele rosto infantil, mas olhos de um castanho que reluzia.

Pegou-a da mão e a suspendeu até a montaria. Entregou certa quantia em dinheiro ao pai. Montou no cavalo, logo atrás da menina. Seus braços a envolveram e seguraram as rédeas. Enquanto o animal troteava, a menina olhou por debaixo das axilas daquele homem. A mãe que jamais ouvira a voz, a irmã que não pode brincar e o pai que morreria logo noutro dia antes que gastasse o dinheiro.

9

- Como te chamam?
- Víbora de la cruz.
- Seu nome de verdade?
- Canuta Arã.

Egas Faraó era seu nome, disse a ela. Não trouxera aquela menina para lhe servir como escrava nem aos caprichos de um homem abusivo. Despido de qualquer senso ou caráter. Ao contrário dos homens de seu espaço e tempo, queria uma esposa, uma companheira que solidificasse sua vida, sua terra e fincasse em cima dela os filhos que fortificariam a família. Seu sangue eterno aos tempos futuros. Mas Canuta Arã era de poucas palavras, apenas de olhos vivos e de uma língua quase morta.

Não há tempo que não desvele o caráter de um homem. Egas Faraó conduzia a sua vida como sempre o fizera. Explicou a ela a necessidade do que fazia e do tempo que se ausentava. Ensinou como se manuseava uma espingarda e o revólver. Deixava-a com essas armas e pedia que saísse de casa apenas pela manhã bem cedo. De idas e vindas, Canuta Arã recebeu aquele homem como um estranho, depois amigo, e por fim o amante no fogo da eternidade dos tempos. Não importava que estivessem longe de tudo. Era amor. E o amor verdadeiro não possui fronteiras.

Canuta Arã sabia das simpatias, dos símbolos e das superstições. Não aprendera com ninguém. Tudo surgiu dentro dela com o tempo. Cresceu dentro dela como um instinto natural. Egas Faraó perguntou a ela como aprendera todas aquelas respostas perante as forças que vinham da natureza:

– Nos sonhos – disse ela. Das profundezas dela mesma. Tudo lhe viera nas ranhuras de sua obscuridade além do que pudesse imaginar. Eram imagens, sussurros, mas que ao longo de suas solidões, praticava e funcionavam frente aos fantasmas desse mundo. Tocou no cisto que estava nas costas dele:

- Apenas o caroço pode te matar, nada mais! – seus olhos tinham as pupilas trêmulas.

Tudo que Canuta Arã fazia ao longo dos tempos, língua estranha, rituais místicos, renderam-lhe que fosse conhecida entre as pessoas da região como “A bruxa”.

Alguns meses depois, Egas Faraó observava a protuberância da barriga da esposa. Sabia que sem demora não mais ficariam sozinhos.

10

Simoa nasceu de madrugada enquanto jorrava uma chuva gélida em meio a trovões e relâmpagos. Quando veio ao mundo, a criança não chorou, apenas deu alguns gemidos quase silenciosos. Nos dias que se seguiram, ela continuava quieta, apenas dona de olhos negros e estreitos como os asiáticos. Canuta Arã se acostumou a interpretá-los para saber quando deveria amamentá-la. Egas Faraó aceitava que a filha fosse muda. Ter nascido numa noite tempestuosa ou por razões de sua mãe ser quem era, quem sabe, justificaria o silêncio da filha. Porém foi aos dez anos de idade que Simoa ensaiou a primeira palavra de sua vida. Egas Faraó ainda não saberia, mas essa filha aprendera primeiro a linguagem do silêncio, do não dito e do que se diz nas expressões e nos sinais. Simoa cresceria à sombra de seus costumes e mitos. Mas a palavra de Egas Faraó seria a sua própria crença.

11

Um ano depois de Simoa, na manhã fresca de flores de cidreira e limão, nascia outra filha de Egas Faraó. Assim que a viu, não vacilou em chamá-la Eudoxa. E mesmo antes que ela organizasse suas primeiras falas de maneira compreensível, Egas Faraó a botava no colo e mirava bem nos olhos dela. Depois, falava alguma coisa qualquer apenas para ouvi-la repetir. Eudoxa o fazia, mas as palavras soavam mastigadas numa fonética mole, porém original e inventiva. Para ele, isso não importava. Aquela voz lhe agradava. Era como se ao invés da filha, segurasse uma gaiola com um pássaro e ficasse admirando, não um canto longo, mas breves notas que lhe eram de suficiente prazer.

12

Três meses depois de Eudoxa completar um ano de vida, mais uma menina chegava à família de Egas Faraó. Foi no final de uma tarde abafada repleta de ruídos de grilos, corujas e graxains. Dessa vez, Canuta Arã pôs o nome. E batizou-a de Pulqueria. Um bebê que se mantinha inquieta no berço de vime e soltava grunhidos enquanto se mexia como se fosse um

casco que tenta desvirar-se. Quando aprendeu a engatinhar, percorria toda a casa. Estava sempre junto dos cães e galinhas. E assim, no final de cada dia, a família se completava. Simoa ficava próximo às botas do pai. Seus olhos vagos, pronta para ajudar-lhe no que precisava. Por nenhum momento demonstrava ciúmes das irmãs. Na ausência dos pais, cuidava-as como fazem os bons tutores.

Assim, as irmãs cresceram na força e harmonia de suas diferenças. Simoa atingiu o tamanho que pode e as irmãs aumentaram até que seus ombros tangenciassem a sua cabeça. Simoa se manteve amiga do silêncio. Não desperdiçava conversas. Nas pausas do trabalho, no verão, as irmãs se reuniam abaixo da grande figueira. No inverno, sentavam ao sol, sobre o tronco da árvore caída. Passavam horas a ouvirem o que Eudoxa inventava em suas músicas. Eudoxa brincava com a fonética das palavras. Estendia-as e as encurtava moldando-as como bem entendesse. Cantava melodias que as conduziam para longe, cada qual para a profundidade do eu e para o infinito que poderia ser aquele mundo em que viviam. Nessa idade, Eudoxa dominava o violão que seu pai lhe dera. E as duas irmãs apenas acompanhavam aqueles dedos a acariciarem as cordas para extraírem deles os mais puros gemidos. Eudoxa compreendia o violão ao longo de sua madeira e cordas. Alisava-o como se fosse o pelo de um felino. Pulqueria esboçava um sorriso tímido. A imaginação tão volúvel quanto às nuvens. Mas quando Simoa falava, todas ouviam e não questionavam o que se determinava. Assim, a primogênita representava o que Egas Faraó não teria em nenhum filho que tivesse em toda a vida.

Depois de Pulqueria, Canuta Arã nunca mais engravidou. Egas Faraó jamais se queixaria de não ter filhos homens para ajudá-lo ou acompanhá-lo nas grandes jornadas. Elas que serem recipientes do ensino e de sua continuidade.

13

– Tu não usa divisa no chapéu? – quis saber o dono da mercearia quando pôs na bancada o que Egas pedira: açúcar, sal, farinha e erva-mate.

Egas colocou tudo dentro da bolsa de couro e pagou. O homem espetou-o outra vez, questionando-o se achava certo os homens que sempre os protegeram dos saques dos castelhanos percam o direito de governar essas terras. Egas Faraó não olhou para seu rosto, apenas respondeu:

– Não sei o que sucede.

Um dos homens que bebia no canto onde a mesa estava cheia de cartas de baralho reviradas, gritou:

– Sucedede que vai ter guerra! Não entregaremos nada a nenhum fresco da capital!

Egas Faraó agarrou a sacola. Mas antes que cruzasse a porta, ouviu:

– Homem sem divisa é homem sem partido.

Mesmo que não admitisse, Egas Faraó sabia dos fatos que ocorriam na fronteira. Mas não iria gritar nomes nem causas de ninguém, muito menos expor um lenço na cor que fosse ao dorso do chapéu. Tinha sua grota, sua gente para cuidar. Desde criança que servia aos outros, cumprira suas obrigações, matara em tempo de guerra e paz.

Quando chegou em casa, seus pensamentos já estava menos convulsivos. Mesmo que algo dentro dele o mantivesse um pouco inquieto como se soubesse a verdade, mas não se convenciam dela. Por longo tempo, naquela noite, continuou sentado, no lado de fora de sua casa, sobre o banquinho de anca de vaca e couro. Olhava para o nada, e nada encontrava naquela escuridão entre pios de corujas e choros de graxains. Canuta Arã chegou até ele, deu-lhe um copo de madeira onde havia um pouco de cachaça:

– Te vejo diante de uma grande forquilha.

Egas Faraó não disse nada. Continuou inerte às suas dúvidas. Acariciava o queixo largo repleto de pontinhos de pelos brancos. A cachaça lhe queimava a garganta, mas logo acariciava e dava-lhe uma anestesia que o tranquilizava. Então, olhando para a escuridão sem fim, perguntou:

– E o que tem nela?

– Morte e desilusão.

Egas bebeu até que o líquido se extinguisse. Uma cachaça que já não era tão ardente, mas doce e suave. Puxou o ar com força e expirou a contidas leves o hálito alcoolizado:

– Tomo parte de que lado?

Canuta Arã aproximou por detrás e o abraçou. Pôs os lábios no ouvido dele:

– Do nosso lado – e se afastou. Colocou-se na frente do companheiro, agachou-se e segurou das mãos dele. Ela tinha os olhos aguçados, brilhantes como esferas de bronze polido. Feito a mãe diante do filho, aconselhou-o:

– Nem sempre se tem apenas duas margens de um rio. Os caminhos que nos levam aos destinos são os menos imaginados.

LIVRO III

Um limite entre nós

na segunda chicotada
você já é outro
– não importa o lado
do chicote

1

– Está perdido, negro?

E dessa vez, Ábedu Lecur escutou como se alguém sussurrasse em seu ouvido. Era a certeza de que fora descoberto. Enquanto saía do refúgio, sentia-se um ladrão que fora surpreendido pela gente que o lincharia. Arredou galho por galho como se tivesse receio de quebrá-los. Postou-se feito um recruta desengonçado perante o homem que o indagava:

– Está perdido, negro? Entende o que digo?

Essa voz carregava o cheiro de fumo e cachaça. Ábedu entendera sua pergunta. No seu imaginário, bastava uma resposta simples. Mas que poderia ser fatal. Aquelas pessoas não lhe davam referência alguma de quem eram, de que lado eles brigavam e para quem. Ábedu sentia dor nos ossos de seus maxilares. Era como se estivessem presos a uma rigidez imposta por uma força interna que os impelia a se grudarem cada vez mais. Quando respirou numa lenta sucção do ar para depois soltá-lo aos poucos, percebeu que sua boca amolecia. A brecha o deixou que respondesse, mesmo que fosse numa voz trêmula:

– Me perdi da batalha.

– E que bosta de homem se perde de uma batalha?

Ábedu Lecur ergueu a cabeça. Agora enxergava com nitidez o rosto desse homem. Não era mais uma sombra ou imagem disforme de um espírito:

– Talvez eu seja essa bosta.

Viu que os olhos dele se fecharam um pouco. O estranho se arrebentou numa grande gargalhada. Disse que jamais ouvira alguém admitir tal coisa. Já testemunhara muitos se perderam em guerras, por inúmeras razões. Numa luta, nunca se sabe o que se espera. É onde o impossível se torna real e os fantasmas ganham vida:

– Qual a cor que defende?

Outra vez na parede, pensou Ábedu, acuado por uma pergunta que era lâmina em seu pescoço. Se estivesse do lado errado, se diante dele estivesse o inimigo, saberia que tinha dignidade:

– Não defendo cores – respondeu Ábedu. – Defendo igualdades.

– Nem perante a morte somos iguais – rebateu esse estranho. Não se importava com bandeiras, cores, discursos ou a puta que lhes pariu, bradou ele num tom forte. Mas iria ajudá-lo no retorno:

– Voltará para onde?

– Para essa guerra.

– Agora ganhou coragem?

Ábedu Lecur ficou em silêncio. Nada mais provável do que isso. Não podia contrariá-lo. Desse ponto de vista era de se esperar. Escondera-se no meio do mato como uma galinha que fugiu do abatedouro. Entretanto tinha a convicção de que poderia contornar essa barreira. Aliás, pouco lhe preocupava esse homem. Pelo que percebeu, vivia em seu mundo próprio e pouco se importaria com os outros além daquela gente que viviam com ele.

2

Durante o retorno, Ábedu Lecur se preocupava pela possibilidade de encontrarem grupos envolvidos nessa guerra. Mesmo que não houvesse o que fazer naquele momento, ainda era inevitável não ter medo dessa companhia. Ainda estava vivo, era certo, mas até quando? Seria vendido? Esfolado? E as múltiplas sensações de que alguém poderia saltar por de trás das moitas, de cima das árvores, por detrás dos cerros, inclusive do céu, pipocavam na sua cabeça. Percebeu que Egas Faraó o vigiava. Disse que se acalmasse. Não havia perigo.

– E como sabe? – contestou Ábedu. De onde tinha tanta certeza?

– Conheço cada trilha, mato e grotas – e riu. – Até os bichos me conhecem!

Mesmo que esse homem pudesse matá-lo a qualquer momento, Ábedu Lecur teve o impulso de saber um pouco mais sobre quem o escoltava. Soube que fora cativo desde criança, que lutara na guerra e que vivia em algum lugar naquele mundo. Quis saber por que não lutava por um dos lados. Quem sabe receberia alguma vantagem.

– O que te faria escolher um lado nessa guerra? – perguntou Ábedu.

Egas Faraó continuava com os olhos sempre a vigiarem tudo a sua volta e a longas distâncias. Mesmo assim, respondia à pergunta. Aquela guerra só traria pobreza para sua família. Como sempre, as terras de pastoreio seriam divididas entre os mesmos homens. Seria melhor que ficasse assim. Mas Ábedu insistiu:

– Mas se um dos lados te garantisse uma boa terra e gado?

Ábedu Lecur viu que Egas Faraó freou o cavalo. Os olhos desse homem o buscaram:

– Existe esse lado?

Tinha de existir, rebateu Ábedu. Ao contrário, como seria o mundo daqui a alguns anos. Guerras em cima de guerras e um amontoado de papéis que registrariam as trocas de seus proprietários? Não, não poderia acreditar num mundo que seria uma eterna repetição de poderes e sentenciou:

– É por isso que por de trás das cores que defendo, brigo por meus ideais.

– O que são ideais?

Motivos, razões, crenças, explicou Ábedu, certezas que impulsionam muitas pessoas no mundo a seguirem em frente. Egas lançou outra dúvida:

– E depois, o que fará com esses ideais?

Ábedu Lecur suspirou. Manteve sua visão firme nesse homem:

– Darei começo ao equilíbrio da balança. Um pouco mais de igualdade para os negros.

– E os bugres? Tem muitos por aí.

Ábedu Lecur não sabia o que era um bugre. Mas isso não o impediu de englobá-los em seus planos:

– Todos que estão abaixo dessa balança – disse.

Mas era muita gente abaixo dessa balança, comentou Egas Faraó. Mas que pesavam como plumas frente ao punhado de homens, cujas famílias tinham peso do chumbo.

Pararam diante de uma estrada que se perdia por detrás dos cerros. Egas Faraó disse que bastava segui-la. Logo estaria de volta à cidade. Ábedu não acreditava a tamanha sorte que tivera. De certo era um sinal de que sua missão estaria acima desses propósitos comuns ligados apenas ao dinheiro. Agradeceu na pureza de sua alegria a esse homem que o guiava. Não queria perdê-lo para o tempo, para as coisas da vida. Quando a guerra acabasse, certo que o buscaria com um belo presente nas mãos. Antes de seguir seu caminho, quis saber como Egas Faraó conheceria tão bem os campos daquela fronteira:

– Já cacei muito por essas bandas.

– E que bichos mais caçava?

– Negros, assim que nem tu! – riu e retornou em disparada até juntar-se às mulheres.

3

Na cidade de..., havia uma atmosfera que pairava uma poeira por causa do intenso movimento de homens, animais e carroças. Gritos de ordens, relincho de cavalos e mugido de bois. No meio de tudo isso, do outro lado da rua, Ábedu via aquele homem que dedilhava o violão. Extraía em notas lentas, estendidas, uma canção estranha, mas que lhe inspirava saudade. Lembrava-se ainda da batalha. Da fuga que empenhara na sobrevivência instintiva. Não seria dessa maneira que atingiria seus objetivos. O que faltou para se entregar àquele confronto? Coragem? Acreditava que a tinha. E mais, acreditava que a única maneira de construir uma carreira política, no mínimo respeitável, para lutar pelas melhores condições dos negros seria esse o caminho e momento. Mas estava sozinho.

Na frente dos canhões, enormes sacos de areia e pedra. Alguns oficiais posavam para fotografia. Peitos elevados, olhares altivos em barbas e bigodes a apontarem o infinito. As mãos seguravam espadas que reluziam ao intenso brilho do sol escaldante. Congelaram. A fumaça explode. Os homens riram, apertaram as mãos. Por trás desse momento que constaria na posteridade, Ábedu via os inúmeros tantos outros combatentes jogados pelas ruas, calçadas e portas das casas, onde tivesse o mínimo de sombra possível. Outra vez a pergunta na sua cabeça: o que seria preciso para ganhar notoriedade nessa guerra? Não poderia apenas matar e seguir aniquilando os que se metessem ao caminho até que ela terminasse. Se necessário, mataria, mas se julgasse necessário ou na força dos seus instintos. Era disso que precisava. Estar entre os republicanos de influência. Homens que tinham autoridade e liderança. Recolocou as botas. Levantou e arrumou calça e túnica. Ajeitou o cinto como pode para que as roupas aguentassem a caminhada. Estava sem o chapéu. Precisaria dar um jeito nisso. Nos primeiros passos, a calça desceu. Segurou-a e a puxou de volta. Caminhou na desenvoltura do palhaço.

Entrou na casa que servia de comando da guarnição com a mão segurando a calça. Havia um grande movimento. De onde estava, viu no gabinete que havia muitos homens que discutiam assuntos de guerra. Falava-se de pontos da fronteira, rios, caminhos, estâncias. Achevou-se um pouco mais. Ninguém o notou e o assunto se mantinha cada vez mais fervoroso. Dizia-se que com o que tinham naquele momento, não venceriam aquela guerra.

– Viram o que eles fizeram dias atrás?

– Os *blancos* estão com eles.

– Todos sabem disso.

– O problema não são os *blancos*, colorados e demais lacaios monarquistas.

Houve um silêncio. Todos se voltaram para essa voz que ponderava sobre algo que os afligia.

– O problema são os irmãos castelhanos!

– Mas a força política dessa região sempre foi do velho monarquista e do velho barão.

– Besteiras! Essa guerra não será vencida na conversa. Essa guerra será vencida no cansaço, na destruição, no extermínio dos adversários.

– O que o senhor sugere?

– Devemos quebrar a espinha desses infames. Os irmãos castelhanos são a alma dessa revolução.

A reunião se desfez. Alguns se dispersaram, outros sentaram e fumaram como se ainda procurassem entender o que fora dito. Ábedu Lecur se aproximou do coronel xxxxx.

Apresentou-se como se exigia os padrões militares: rigidez e obediência. O oficial o encarou como se estivesse diante de algo inusitado:

– Está vivo! – espantou-se o coronel.

Ábedu engoliu em seco. O que diria diante dessa reação? Imaginou de imediato desdenhá-lo com qualquer palavra que viesse a cabeça, mas evitou. O espanto desse oficial já lhe indicava que o surpreendia e, a partir disso, não seria tão negligente em trata-lo como indivíduo capaz. Ábedu desviou-se da imagem desse homem e se fixou no quadro na parede que retratava a pungência de celebridade esquecida. O major lhe permitiu que ficasse a vontade. Desabafou que todos no exército atravessavam um momento difícil. Acendeu o cigarro. Tragou de maneira lenta, mas forte enquanto os olhos se fechavam. Expirou a fumaça que pairou no ar, envolvendo-se em Ábedu. O major avisou que não entregariam o governo da província para os rebeldes. O exército bancou a república, disse, e a manteria intacta. Suspirou. Assobiou baixinho. Forçou uma tossezinha. Uma nova e longa tragada. Coçou a barba grisalha:

– Não sei o que faço contigo.

O que faria com ele? Estourou na cabeça de Ábedu. Falava como se esbanjasse vidas alheias, por acaso ele era um coelho? Uma galinha que não para no galinheiro? Não se organizava grupos humanitários. Estavam em guerra! Para Ábedu, aquele homem enlouquecera. Não via que era simples. Bastava colocá-lo a frente de um piquete organizado:

– Um piquete organizado? – desdenhou o coronel. Porque faria isso?

– Preciso de uma tropa de verdade – confessou Ábedu.

– E o comandante seria de verdade? – duvidou o coronel.

Ábedu desconsiderou. Entretanto ouviu desse homem que os piquetes disponíveis já tinham comandantes. Nenhum deles abriria mão de seus homens e mesmo assim não iria empossa-lo em tropa alguma, mesmo se insistisse:

– Não sabe nada de fronteira, de guerra nem de gente! – e explicou que um piquete não era apenas um grupo de milicianos que cavalgava pelos campos. Esses homens lançavam-se para descobrir tudo que indicasse a posição, passagem, avanço dos inimigos. Dispunham de cavalos que lhes possibilitava um deslocamento de intensa velocidade. Não podiam ser apanhados. Se o fossem, a morte seria certa. O mais provável seria realocá-lo num batalhão de infantaria ou no estado-maior e ser ordenança de algum coronel para escrever ordens, mensagens ou mesmo suas memórias:

– Poderia fazer isso aqui, para mim.

Ábedu não gostou nada disso. Seria um capacho por toda a guerra e quando ela acabasse, seria cuspidado para fora ou mantido como um escravo alforriado preso aos caprichos dessa elite saladeira.

– Eu poderia caçar os irmãos castelhanos.

O major tirou o cigarro da boca, tossiu e escarrou. Repôs o fôlego e riu. Esse negro diante dele enlouquecera:

– Um preto de cola fina da capital vai fazer isso? – e o encarou.

Era Verdade, concordou Ábedu. Não conhecia a fronteira, mas tinha coragem:

– Jesus não vagou por quarenta dias e enfrentou o demônio?

– Se comparas ao nosso senhor?

– Me comparo ao sacrifício.

Nesse instante, estabeleceu-se uma pausa. Ábedu sabia que não fora corajoso em sua primeira batalha. Mas se o fosse, também não sobreviveria. Diante desse homem, uma barreira a seus planos, precisava encará-lo. Era uma pequena demonstração de coragem e lucidez para que o convencesse de que era alguém a ser valorizado. Mas foi o coronel que rompeu o silêncio:

– Serão bem mais que quarenta dias – avisou ele. – pelo que sabia, aquela guerra duraria bem mais que isso. Mas Ábedu deveria saber que por aquelas bandas encontraria muitos demônios que se mostram nas mais curiosas formas e vivem nos lugares mais inusitados. Havia muito mais nesse mundo do que os olhos e a língua de um homem pudessem compreender.

Apesar de ouvi-lo, Ábedu não acreditava nessas palavras. Quem era esse homem para convencê-lo do contrário? Sua hipocrisia se arrastava por gerações que mantinham e alargavam suas terras sobre os ossos dos inimigos, e insistiu:

– Conheces um homem chamado Egas Faraó?

O major arregalou os olhos e, numa expressão de raiva, explodiu:

– O negro que mora no grotão? – e logo desdenhou: – Ninguém comanda esse negro!

Até esse momento, Ábedu Lecur não imaginava que poderia tirá-lo da comodidade que se achava. Como havia nessas palavras o tom do ódio de que não se pode comandar. Mas deixou que justificasse essa fúria repentina. O coronel prosseguiu no relato. Para ele, Egas Faraó levava a vida na concha de sua grotá, junto de sua gente. Muitos homens o conheciam, sabia que fora soldado por longo tempo. Que ganhara bons cavalos nas apostas de corridas e algumas cabeças de gado nas épocas de invernações. Depois disso, quase ninguém mais o viu. Quando a guerra se tornou inevitável, mesmo o coronel admitiu procurá-lo:

– Sabe o que ele me propôs?

Ábedu não saberia. Apenas enrugou a testa e aguardou que a resposta viesse de imediato. Mas esse homem sentou na cadeira e soltou os braços. Mostrava-se na imagem de uma figura esgotada, porém seu rosto estampou o sorriso nitidamente sarcástico:

– Capitão. Aquele negro queria ser capitão. E não apenas isso! – levantou-se outra vez. Agarrou outro cigarro e logo incendiou a palha. Entre tragadas rápidas, fortes e da fumaça em fragmentos, disse:

– Queria mais terras, de pastagem boa. Por que não trabalha para uma dessas famílias que vivem por aqui? Todos os pretos daqui fazem isso.

Como não houve acordo, o coronel disse que o negócio falira. Mas foi melhor desse jeito. Não seria bom incorporá-los ao resto da tropa. Aquela gente toda era estranha demais. Deixariam qualquer um desconfortável. Ele mesmo tinha medo daquelas mulheres:

– São todas bruxas – confessou. – E aquele menino cor de verme é o demônio delas.

Bruxas, demônios, fantasmas e o que mais viriam? Ábedu Lecur via esse homem como um ótimo contador de histórias, alguém perfeito para as noites junto aos netinhos. Preferiu a teimosia:

– O senhor acha que ele conhece bem os campos da fronteira?

– Esse homem conhece bem até o inferno!

– E quanto ao que pedi?

Como? Recobrou-se o coronel. Mas foi enfático: jamais colocaria um piquete nas mãos de Ábedu Lecur. Mas o convidou que ficasse. Sabia que ele tinha experiência em jornal. Poderia ajudá-lo com os papeis, a parte que mais detestava em seu posto. Ábedu Lecur olhou em silêncio. Agradeceu e pediu licença para se retirar.

A resposta que recebera do coronel ecoou na cabeça de Ábedu Lecur. Quando saiu à rua, o silêncio refletia o vazio do abandono de tudo que constituía aquele lugar como cidade. A brisa do final da tarde, suave e fresca, o arrebatou. Contraíu os ombros e cruzou os braços. Pensava naquela conversa com o major. Até na guerra esse tipo de homem querem se impor como únicos dignos de privilégios. Mas os que pensavam como esse oficial estariam todos errados. Por mais que se viva como animais, Ábedu acreditava que as pessoas não podiam sê-lo. Todos têm desejos. Mas o major acreditava o contrário disso. Sabia também que os vencedores daquela guerra dominariam a política, as terras e tudo que tem nelas, incluindo as pessoas. Não há homem que não deseje alguma coisa.

– Um cigarro, amigo?

Ábedu Lecur se virou para onde vinha essa pergunta. Deparou-se com o homem que se vestia com roupas que mal cobriam seu corpo. Aparentava-se como se uma fera o tivesse

atacado. Tinha os olhos grandes, castanhos e redondos. Seu cabelo liso e negro, caía por sobre a testa cor de bronze e ressecada.

– Não fumo – respondeu Ábedu.

Mesmo assim, o estranho ficou ao seu lado, na clara intenção de conhecê-lo. De início, Ábedu Lecur pensou em ignorá-lo. Não havia na sua cabeça espaço vago para conversas triviais. Porém esse homem ficou em silêncio, com os olhos que buscavam o que ele não enxergava. De súbito, o estranho disse:

– Eles nunca vão pegar os demônios?

Ábedu Lecur escutou, mas fingiu o contrário. Entretanto, teve a certeza que era mesmo com ele quando ouviu:

– Não acha?

– O que, amigo? – Ábedu reiniciava a conversa.

– Acha mesmo que esses soldados vão pegar os demônios?

– Que demônios?

– O Basilisco, o Gualicho e o Yarárá.

Ábedu Lecur jamais em sua vida ouvira nomes assim. Com certeza que imaginava o demônio e suas artimanhas da vida contra os homens de bem. Mas esses que ouvia, nunca pensou que existissem:

– Que demônios são esses?

Era o mal, explicou o homem, as pragas que assombravam aquela fronteira desde os inícios dos tempos em que os homens dessa terra traíram uns aos outros por causa da cobiça alheia. Eram três demônios. Três irmãos. Não havia dúvida entre os moradores de que os irmãos castelhanos era a encarnação dessas entidades malignas:

– Não terá vitória sem que se corte a cabeça das bestas.

– Como? – inquietou-se Ábedu, mas antes que completasse a intenção dessa dúvida, o estranho pôe-se em movimento e abordou do outro lado da rua alguém que transitava com o cigarro nos lábios.

Ábedu achou a cena engraçada. Aquele dia fora repleto de surpresas. Homens que acreditavam em coisas tão inusitadas. Arrepiou-se. O vento formou redemoinho no meio da rua e dançou por diante dela. Sua força zunia no ouvido como um assobio maroto. Logo, tudo ficou silêncio.

Nos dias seguintes, mantinha-se a brisa gélida. Sabia-se que o inverno se aproximava. Ábedu Lecur soube que os rebeldes se retiraram todos para a fronteira. Ninguém se atrevia a lutar nessa época do ano. As geadas decretavam a trégua nos campos de batalha.

4

O cristalino reluzente nos olhos de Auta Violante não impactou em nada quando Ábedu Lecur desceu daquele trem. Nesse momento, buscou forças para demonstrar o quanto estava feliz em vê-la. De certo o estava, mas faltava-lhe o gosto pleno do que realmente queria: encontrá-la e vê-la, como fazia naquele instante. Queria mesmo em sua bagagem estivesse a vitória na guerra e no plano político. Por isso, esperava que a guerra continuasse. Se a paz se fizesse logo, enquanto caminhava na rua da capital, nada lhe sobraria.

Auta Violante o abraçou com força e pressionou o rosto contra seu peito. Ábedu Lecur largou sua bagagem e a envolveu nos braços. Enquanto acariciava os cabelos, olhava para o movimento na rua sem que prestasse atenção em qualquer coisa. Havia uma cortina entre o que via e o que pensava. Por trás desse véu, dizia consigo:

– Os rebeldes invadirão de novo? Eles têm que invadir de novo!

5

Desde que voltara da fronteira, Ábedu Lecur sofria de uma inquietude interminável. Se durante o dia trazia os olhos vagos que se perdiam nas palavras de Auta Violante. À noite, os mesmos olhos ficavam atentos na busca de algo que nunca encontrava. Revirava-se na cama, levantava-se e sentava-se na poltrona como um velho demente preso ao passado distante que retinha sua única felicidade. Entretanto, Ábedu não sofria dos traumas da guerra, mas do que carregava dentro dele antes dela. Temia que a situação se mantivesse como estava. Os rebeldes noutro país enquanto os republicanos a tomarem cafés e a discutirem política e economia. Se a paz se fizesse nesse momento, seria um homem pulverizado. Viu a imagem de Auta Violante que rompeu a porta do quarto. Sentiu o toque das mãos que lhe acariciaram as costas e escalaram até seu crânio. Arrepiou-se e se manteve imóvel, como se o espírito habitasse apenas o tronco de uma árvore seca. Auta Violante afastou as mãos:

– O que essa guerra fez contigo?

Ábedu Lecur se manteve em seu próprio enredo. Ouvira a pergunta dela, mas a resposta serviria apenas para ele. Essa luta entre homens não seria a última. Não, pensou Ábedu, essa guerra não lhe fizera nada além do que faz aos que sobrevivem. Mas ele não se metera nisso para sobreviver. Atolara-se nisso tudo porque era preciso se impor, romper o espaço por entre a sociedade. Virou-se para Auta Violante e a fitou nos olhos:

– Já imaginou como seria se teu filho sobrevivesse?

– Como teria amado essa criança!

– Mas foi melhor assim. Não sofreu.

– Mas eu sofro, e muito. Sofro por não ter filhos... Por não ser amada.

Ábedu Lecur desviou seus olhos para o chão. Voltou-se de costas. Mas ouviu de Auta Violante:

– Agora sei o que a guerra fez contigo.

6

– O que achou dessa aventura?

Foi a primeira coisa que Ábedu Lecur ouviu naquela manhã. Estava diante de Possidônio como um filho que volta da escola e tem que dizer ao pai que suas notas foram abaixo do esperado. Possidônio reforçou o interrogatório:

– Nada boa, não é?

– E por que seria? – responde Ábedu. – Existe guerra boa? E logo se jogou na cadeira. Resumiu os fatos daqueles últimos meses. De como os homens o haviam tratado, mesmo recebendo o posto de Alferes.

– Alferes? – espantou-se Possidônio. Achou que o amontoariam junto aos recrutas. Homens que não passavam de indigentes, ladrões e vagabundos.

Ábedu tinha vontade de saber das notícias que perdera, de como os jornais retratavam o mundo que não para de se transformar. Porque enquanto esteve na fronteira, esquecer-se de tudo isso. Não encontrou um jornal velho se quer para ao menos saciar-se de civilização. Possidônio contrariou essa postura. Como um homem que tem a própria vida para se preocupar haveria de pensar em notícias. Se não sobrevivesse, do que adiantaria as notícias do mundo? Esse homem tinha razão, concluiu Ábedu. Mas enquanto estava de volta, precisava inteirar-se dos fatos. Então Possidônio lhe fez um breve resumo dos últimos tempos. Disse-lhe que os republicanos se organizavam cada vez mais. O estado ganhava apoio federal. Tropas de outros estados desembarcariam a qualquer momento. Informou ainda que o governador estava obcecado em destruir os rebeldes, se pudesse queimaria todos dentro de suas próprias casas. Invadiria os países vizinhos, se necessário. Mas apesar de tudo isso, o governo central demonstrava indícios em negociar a paz. O que deixou o governador mais possesso. Entretanto, nada se comparava ao ódio que tinha dos irmãos castelhanos, em especial ao mais velho que infernizava as tropas republicanas campo a fora:

– Todos os jornais republicanos amaldiçoam esse homem.

– E quem são esses irmãos castelhanos?

Possidônio jogou o jornal sobre o ventre de Ábedu:

– Leia!

Ábedu Lecur abriu o jornal e folheou até parar na página onde havia a face de um homem sob o título: “O demônio da monarquia” e leu o texto que descrevia esse homem e seus irmãos como os maiores sanguinários daquela revolução. No final, sob a saudação divina a Deus, o artigo pedia aos céus que livrasse a pátria da fúria desses homens. “Mate a besta, morre a revolta”, foi as últimas palavras que leu. Ábedu dobrou o jornal:

– Acredita que a paz virá logo?

Possidônio suspirou. Levantou-se da poltrona, cujo couro retalhava-se. Caminhou até onde estava Ábedu. Coçou a cabeça e cruzou os braços:

– Não acredito.

– E por quê?

Existia muito poder em desordem, explicou Possidônio. Enquanto essa força permanecesse livre, ora nas mãos de um, ora nas mãos de outro, como se fosse uma batata quente, o perigo é constante:

– Os homens de dinheiro e malícia ganham adeptos e controlam esse poder.

Ábedu Lecur entendeu essas palavras. Na capital do estado, os republicanos controlavam tudo, mas na fronteira eram os rebeldes que tinham mais influência. Era uma região fatiada que sangrava. Enquanto os republicanos não tiverem mais adeptos dessa região, não haveria como vencê-los. Mas essa força não é controlada por todos, refletia Ábedu, mas canalizada em representantes. E entre esses, sempre há o mais simbólico. Derrube-o e essa força cai como um dominó.

8

Depois de algum tempo de insistência, Auta Violante convencia Ábedu de que seria bom passearem naquela manhã de domingo. Caminharam por longo tempo, como um casal de velhos ainda apaixonados. Chegaram a beira do rio, onde havia um pequeno mirante com piso de pedras, bancos sob uma grande árvore sem folhas. Apesar do clima ameno, a ausência de nuvens permitia que o sol amornasse o dia. Sentaram-se. Auta Violante encostou o rosto no ombro de Ábedu. Este apenas olhava o rio e o quanto suas águas estavam douradas. Ao longe, viu pássaros brancos que seguiam viagem. Auta Violante lembrou Ábedu de dias antes, de quando tiveram o desentendimento. Ninguém estava errado, disse ela. Ninguém saberia mesmo a verdade de algo que jamais aconteceu:

– Mesmo que não me vejas como sua mulher, eu jamais te abandonarei.

Ábedu não se mexeu, mas foi bom escutá-la, senti-la nessas palavras, nessa voz tão macia como a de uma menina. Um descanso, depois da fúria que o consumia por dentro. Auta

Violante era uma mulher tão jovem ainda. E bonita! Mas jamais se casaria com outro enquanto ele estivesse ao seu lado. Então o que fazia junto dessa mulher? Se não era capaz de amá-la, que a deixasse para que outro o fizesse. Afinal, a quem ele amava? Talvez fosse um homem incapaz disso:

– Não me deve nada – disse ele.

– Mas devo ao que sinto – rebateu Auta Violante.

– Não te quero lavando trouxas na beira desse rio nem com crianças dependuradas em teus seios.

– Cresci fazendo coisas piores que isso.

– Não quero uma escrava.

– Escravidão é não ter vida e eu quero uma vida contigo.

Ábedu silenciou. Auta Violante tinha motivos. Era a ideia de uma boa vida. Justo para todos que amam e querem ser felizes. Mas isso seria capaz para ele se o mundo em que vivia não fosse tão confuso. Como desejava que tudo se resolvesse naquele momento. Ser capaz de dizer não a si mesmo, de virar as costas para aquele entulho que a guerra trás consigo. Livrar-se de todos os compromissos e palavras empenhadas. Entretanto carregara-se de tantas promessas, mesmo sua imagem também não passava de uma promessa.

Chegaram a casa. Ábedu Lecur pediu que Auta Violante o ouvisse com atenção. Segurou o rosto dela e disse:

– Eu te ajudei a se livrar da tua escravidão – e a beijou na testa. – agora, deixa eu me livrar da minha.

9

Noutro dia, na presença de Possidônio, enquanto olhava através do vidro da janela, Ábedu Lecur via aquele amontoado de casebres. Davam-lhe a impressão de estarem tão próximas. Não acreditava que tivessem avançado tanto em pouco tempo. Antes que terminasse o raciocínio, Possidônio o interrompeu:

– E por que tem que voltar?

Precisava, respondeu Ábedu sem que movesse um músculo do corpo, apenas seus olhos tremiam na visão presa àquele amontoado de casas. Era necessário. Havia algo dentro dele que o impulsionava. Sentia que tinha um grande trabalho, e não estava completo. Teve consciência de que precisava de mais experiência. Até o momento, fora um mero espectador. Se deixasse como estava, seria um covarde. Um covarde esquecido que fracassou. Mas tinha

uma ideia, talvez um trunfo. Se desse certo, iria colocá-lo nas manchetes dos jornais e perante o governador. Muitas portas se abririam a partir disso.

– E que mágica é essa? – interessou-se Possidônio.

– Desde quando se revelam truques?

Possidônio riu. Mesmo assim precisava saber como faria. Era inverno ainda. Teria de esperar até que aquecesse outra vez e os rebeldes invadissem o estado. Se é que voltariam. Ábedu ficou em silêncio. Seus olhos se mantinham as imagens de tudo que estava além da janela. Sua boca mexeu-se devagar, como se ele extinguisse os últimos suspiros de uma vida:

– Partirei amanhã. E o Frasimonte?

– Está por aí, mais velho e muito mais delirante. – Agarrou do ombro de Ábedu e o encarou – Não precisa provar mais nada.

Ábedu ainda mostrava os olhos trêmulos, aguçados:

– Agora não tem mais volta.

LIVRO IV

Quase deuses

Eu
 não deveria tentar
 aqui, agora,
 montar o interminável
 quebra-cabeças
 que sou.
 Lágrimas sempre atrapalham.
Paulo Colina

1

Desde que partiram da vila, foram três dias sob a brisa cortante e de noites de gelo e breu. Uma jornada onde Ábedu Lecur refletia sobre a decisão que escolhera e até onde isso poderia levá-lo. Sabia que algumas centelhas de medo reluziam no ímpeto de sua decisão. Mas não deixaria que elas se tornassem faíscas ou mechas que o incendiassem do medo incontrolável a mais explícita covardia. Olhava para aquele homem que o conduzia ao encontro talvez mais importante de sua vida. Sem Egas Faraó, suas chances se pulverizavam como a mais pura miragem. Mas ali estava ele, entregue a um homem que nada mais sabia além do apelido. Tuco, o que significava? Pensou ele enquanto olhava para aquela face cor de café, olhos acinzentados e sempre vagos. Na cabeça, um chapéu negro, murcho como se estivesse molhado. Quando esse homem parou a sua frente, Ábedu o viu puxar as rédeas e o

animal postar-se de frente numa guinada bruta e obediente. Ouviria dele, ao longo desses dias, uma única coisa:

– Daqui me vou – e apontou para onde se devia seguir.

Ábedu Lecur olhou para aquela trilha que se infiltrava por entre as coxilhas e pedras que lembravam ruínas de um antigo castelo. Suspirou, voltou-se para o guia. Se o silêncio fora tão importante para ele, não seria nesse momento que desabrocharia em discurso. Pagou-o pelo serviço e agradeceu; e em troca viu apenas o gesto de cabeça e seu cavalgar sem pressa como um bêbado que se deixa a mercê do cavalo no retorno para casa. Ábedu viu cada vez mais a figura desse cavaleiro confundir-se com aquele campo como se tudo que experimentara não passasse de um delírio, de uma lenda que o perturbaria ao longo de sua vida. Depois, saltou de seu cavalo. Tirou o revólver da cintura. Inspeccionou o tambor. Estava cheio. Fechou-o. Permaneceu por algum tempo com aquela arma na mão. O cano tremia. Suspirou, estabilizou-se. Repôs a arma no coldre e seguiu. Abriu a bagagem. A ração que trouxera não daria para mais que dois dias. Seria bom que não só resolvesse o que pretendia como obtivesse sucesso. Pior que isso, seria ter que usar essa arma em seu próprio extermínio. Não suportaria pisar outra vez nas calçadas da capital com o fracasso lhe vampirando o espírito. Era sua oportunidade, seu ponto de virada. A sua política por outros meios.

2

Sacou o relógio de bolso. Quinze horas e os ponteiros lhe davam a impressão que não se moviam. Seu estômago doía. Apeou do cavalo, resvalando-se na pelagem encharcada e sebosa. Prendeu o cavalo no tronco da árvore de galhos retorcidos e esparsos para tão logo o despir de todo conjunto de ferro e couro. Em seguida, Ábedu espreguiçou-se e pôs as mãos sobre as nádegas e esfregou. Caminhou por alguns metros. Não ouvia nada além de alguns esparsos zumbidos de insetos e cantos de aves que se repetiam nos assobios que ecoavam pela mata. Sentou-se na pedra, retirou as botas. Sacou algumas bolachas da bagagem. Bebeu água. Passou a manga da camisa nos lábios e se viu diante da estranha figura que o olhava do alto da coxilha. Ábedu nunca tinha visto algo desse tipo em toda sua vida. Um jovem tão pálido e de cabelos dourados como se parte da luz do dia saísse de seu corpo. Vestia-se apenas de uma camisa e calça encurtada até os joelhos. No ombro, a espingarda. Do outro lado, seu braço suspendia algumas perdizes. Ábedu ergueu-se na cautela de quem se depara com uma fera. Assim, esperou por algum tempo. Quem sabe o que via naquele momento notasse que ele não era ameaça alguma e desaparecesse. Mas a imagem se manteve onde

estava. Para Ábedu, não haveria muitas opções. Ou fingia que não tinha ninguém ou se aproximava desse estranho. Esta última alternativa lhe pareceu mais sensata e respeitosa, pois era ele que não passava de um intruso por aquelas bandas. Antes que iniciasse a caminhada, lançou um “olá” que se perdeu no vento. Quando chegou, viu-se diante de um rosto de traços típicos de um homem negro. Ábedu engoliu em seco. Como era possível? Interrogou-se num eco na obscuridade de sua mente. E um repetido “olá” escapou-se outra vez. Nada ouviu. Mas o menino ergueu aquele cacho de perdizes e lhe ofereceu. Assim que o segurou, viu que essa figura se pôs em movimento na direção de onde estava sua bagagem. Seguiu-o enquanto perguntava seu nome, de onde era e se poderia ajudá-lo a chegar a uma determinada parte. Sua marcha apenas parou quando Ábedu disse o nome de Egas Faraó. Esse jovem se virou. Seus olhos eram de um amarelo verde. Mas não disse nada além de olhá-lo por alguns segundos. Ábedu se manteve ignorante à cena. O menino se apossou das aves e se afastou indo enfiar-se outra vez em meio daquele mato. Ábedu ficou imóvel, ainda preso à lacuna da incompreensão. Em que mundo se metia? Era possível tudo aquilo? Homens que não dizem nada e quando dizem é na linguagem do mistério? Ábedu Lecur passou a mão pelo rosto. Olhou a sua volta num giro de alguém que desperta num lugar totalmente desconhecido.

Mais uma noite que chegou, úmida e fria. Ábedu estava embaixo da árvore, onde fizera um círculo de pedras envolto a uma pequena fogueira. Enrolou as pernas na manta e se recostou na cela. Tinha nas mãos um fino galho, que ora e outra fuçava nas brasas. Largava mais um graveto no fogo e assistia a combustão como algo a ser descoberto.

Acordou de súbito. As pontas dos dedos congeladas enquanto a sua cabeça latejava. Desfez-se da manta e assoprou no que restava da fogueira. Aliviou-se quando viu algumas brasas por debaixo das cinzas. Recolocou as raízes secas e gravetos. Soprou até que a fumaça se expandisse e o fogo brotasse como a chama de uma vela. Aos poucos, acrescentou mais galhos até que começasse a aquecer seus pés. Enfim, largou-se no chão. O resto da noite foi entre cochilos e vigílias. Sabia que era bem melhor que morrer congelado.

Quando amanheceu. Buscou o primeiro lugar que avistou onde havia sol. Deitou-se e dormiu mais um pouco.

Ábedu abriu os olhos, o sol estava no centro do céu. Pôs a mão aberta sobre o rosto. Ficou um tempo olhando para o espaço. Sentou-se e viu que no alto das pedras, aquele estranho jovem o observava de novo. Mas dessa vez não estava sozinho. Junto dele, havia a presença de uma mulher. Talvez se enganasse, mas acreditava que era uma das que acompanhavam Egas Faraó. Acenou. Vieram em sua direção. Enquanto caminhavam, Ábedu deu-se conta que sua arma estava junto à bagagem, dezenas de passos longe dele. Até poderia buscá-la, mas seria uma clara intenção de ameaça. Que a sorte ou algum deus estivesse ao seu

lado naquele instante. Quando os dois chegaram, Ábedu apenas pode oferecer um aceno com as mãos e um sorriso desajeitado. A mulher foi direta:

– O Alma-de-gato me disse que tu busca meu pai.

Era verdade, respondeu Ábedu. Tinha um assunto para resolver com ele. Entretanto percebia que aqueles olhos castanhos como ambrosia, mantinham-se fixos nele a investigá-lo numa avaliação muda. Mas logo, interrogou:

– Que assunto? .

– Assunto nosso.

Ábedu sentia-se como se estivesse diante de um juiz, igual a um homem que a certo ponto, já não acredita na própria inocência. Mesmo assim, Ábedu insistiu:

– Me leva até ele?

Ela cerrou um pouco os olhos e depois abriu como se acordasse de um transe:

– Quer o meu pai na guerra contigo, não é?

Foi estranho ouvir essas palavras. Como adivinhava? Como era capaz de tão crua franqueza? Mas Ábedu levava a crença de que não se resumia a isso:

– Trago uma escolha.

Antes dele, comentou ela, outros homens também estiveram ali, em busca de seu pai. Alguns com propostas, outros com promessas. Houve ainda aqueles que tentaram outros caminhos e:

– Se arreponderam por isso.

– Os outros homens eram iguais a mim?

Não eram, respondeu ela. Todos eram homens que se via pela região. Os donos de alguma parte, chefes de alguma coisa:

– E nenhum era preto que nem tu.

– Então este preto pode falar com seu pai?

– O que carrega contigo? Negócio ou promessa?

– Verdade.

3

– O preto que se esconde!

Foi o que Ábedu ouviu de Egas Faraó quando este surgiu com o mesmo sorriso que vira na última vez que se encontraram, mas rebateu de imediato:

– E agora eu que procuro.

– Mas eu não me escondo.

Ábedu Lecur estendeu a mão e disse seu nome enquanto encarava a figura que poderia ajudá-lo a virar o jogo. Quando se apertaram as mãos, sentiu a aspereza e a força de uma garra. Logo, Ábedu não quis perder tempo. Precipitou-se em revelar o motivo de sua presença. Entretanto, Egas Faraó o interrompeu. Para ele, os assuntos importantes não se decidem numa palavra, num instante apenas. A palavra de um homem ganharia peso apenas quando se mostrasse o quanto valia. Teriam tempo para conversarem muitas coisas, inclusive sobre o motivo que o trouxera de tão longe. Mas naquele momento, era importante que descansasse. Ainda havia inverno, tempo de resguardar, respeitar os fantasmas que se perderam na guerra:

– A importância de cada coisa está no apreço que temos por ela – e ordenou que Simoa carregasse a bagagem do visitante para dentro da casa e recolhesse o seu cavalo.

Ábedu viu Egas Faraó se ausentar. Mas ele ficou ali, sozinho, olhando para aquele pequeno reduto. Casas com estruturas de postes e varas, paredes de barro e teto de palhas grossas. Havia alguns animais domésticos, bois e cavalos. Ouvia alguns gritos, conversar, mas tudo se tornava distorcido pela noite que chegava. A voz que venho de dentro da casa, pediu que entrasse.

4

A lamparina diluía a penumbra dentro da casa. As linguetas do fogo trêmulo, no fogão de barro, projetavam sombras que se reuniam em sua volta como se fossem Neandertais em uma caverna. Como de costume, e ainda mais incisivo no inverno, a família se mantinha com os lábios na água quente do mate, ouvidos nas estórias atemporais e, agora, olhos naquele visitante. Ábedu Lecur recusara o chimarrão, ainda que sentisse um frio terrível por entre os músculos. Sustentava-se no piso natural, de solo batido, onde havia uma fina camada de palha seca. O cheiro de fumaça, tabaco e carne queimada impregnavam o ambiente. Infiltravam-se em suas narinas para embriagá-lo num sintoma nauseante. O desejo que tinha era de que pudesse jogar-se num canto, cobrir-se com sua manta e de toda palha possível e esquecer-se num sono nulo de um afogado. Mas não seria possível até que o anfitrião permitisse. Enquanto isso, suportava-se a si mesmo. Havia uma imensa força interna que o pressionava para que decidisse logo a questão. Do lado externo, Egas Faraó e o mistério de suas palavras. Lembrou-se de Sotero e o tempo que os separava. Seu amigo jazia na memória da imagem desbotada. Chegará o instante em que apenas o nome e a simbologia disso tudo resistirão até que ele mesmo se extinga. Então, abandonou esse passado e focou no presente e na importância que representava. A escolha não fora simples, mas a executava. Encontrar-se junto desse homem, dentro da casa dele, era um avanço inegável de seus planos. Voltou-se

para Egas Faraó. Este sorveu do mate e encheu a cuia de água quente e entregou nas mãos da mulher que o conduzira até o pai. Neste momento, Egas Faraó o tocou no ombro e disse que ela se chamava Simoa, era a mais velha de suas filhas. Em seguida, o seu braço esticou na direção da outra jovem. Era Pulqueria, a mais nova delas e seu braço apontou para outra filha:

– E essa é Eudoxa.

Ábedu Lecur vidrou naquela jovem que mal se via o rosto porque ela olhava os próprios dedos a escalarem as cordas do violão sobre suas pernas. Ábedu ensaiou algumas palavras, mas Egas Faraó o interrompeu e mostrou onde estava sua companheira: Canuta Arã, disse e descansou o braço por sobre o ombro de Ábedu Lecur. Essa era sua gente, acrescentou numa voz mansa, entorpecida, não haveria nada mais além deles que lhe importasse nesse mundo.

Ábedu Lecur estudava aquelas mulheres envolta apenas daquele homem. Todas tão jovens quanto a mãe delas. Mas duras também. Duras em palavras, nos gestos, nos olhares. Talvez mais duras ainda, pensou ele, eram suas almas. O som das cordas surgiu lento, mas profundo. Ábedu se voltou para Eudoxa e viu que ela se mantinha imóvel. Apenas os dedos a acariciarem aqueles fios que vibravam. Nasceu uma voz aguda como a de uma criança nos concertos religiosos, unindo-se às notas do instrumento:

Não quero que te vás
nem que fiques
nem que me deixe só
nem que me leves...

5

Nas primeiras horas daquela manhã, Ábedu Lecur sentiu o forte empurrão nas costas. Acordou de súbito e quando abriu os olhos, viu a imagem de Egas Faraó a observá-lo. Era preciso que levantasse, disse este homem e se retirou. Ábedu sentou, recompondo-se como um bêbado.

Depois de organizar-se, estava fora da casa. No horizonte, apenas o lilás do céu e algumas nuvens envoltas aos morros como se fossem aureolas de anjos. Ábedu Lecur avistou Egas Faraó e o cigarro de palha preso aos lábios. Deslocou-se e parou a seu lado. Viu o fumo queimar-se e a fumaça expandir-se:

– Por que veio de tão longe? – interrogou Egas Faraó.

– Necessidade.

Egas faraó rebateu de que existia sinceridade em toda parte. Sem ela, não haveria existência de homens, animais, plantas. Todos carecem de alguma coisa, mas:

– Apenas os homens se enganam com isso.

Ábedu Lecur digeriu essas palavras que arranharam sua garganta. Para ele, as necessidades de um homem não se equivaliam a de um animal ou planta. Eram nutritivas para o progresso moral do homem, mas perguntou:

– Por que nos enganamos?

Egas Faraó tragou, livrou-se do resto da palha e cuspiu. Informou que existiam muitos bichos onde morava. Criaturas de beleza intrigante e outras de feiura medonha. Plantas com flor, outras com espinho apenas. E aquelas de flor e espinho. Um enredo confuso e harmonioso possível apenas por saberem com certeza de suas necessidades, mas ao contrário delas, os homens transbordam suas vontades:

– Quanto de terras um homem precisa para viver?

Ábedu Lecur estudou a pergunta. Vivera boa parte da vida naquela cozinha. Mas Sotero se consumiu naquelas paredes repleto de aranhas e baratas. Nunca o viu cogitar sobre terras, bens, apenas sobre coisas que não se configuravam como posse, apenas como sensações de vida. Talvez aquele velho apenas quisesse amor e liberdade. Infelizmente, morreu com eles dentro da cabeça. Olhou para Egas Faraó:

– O quanto for necessário para aumentar seu poder.

Viu que Egas Faraó contraiu a testa numa clara expressão de que não esperava aquela resposta. Não disse nada, Ábedu soube que precisa explicar sua resposta. Não demorou a dizê-la. O mundo onde viviam, disse, era repleto de poder. Uma força que se materializava nas terras, no gado, nos jornais e na exploração de tudo que multiplica o dinheiro. E as necessidades são ondas que fazem dinheiro. Egas estava correto quanto ao que pensava em relação aos homens, mas o que adiantaria? Ábedu acreditava que esse poder precisava e deveria ser dividido e lembrou outra vez:

– Precisamos equilibrar a balança.

Ábedu Lecur esperou que Egas Faraó dissesse alguma coisa. Mas o viu apenas esfregar o bigode grisalho por certo tempo. Depois, seus olhos se voltaram para o infinito. O silêncio deste homem o incomodou. Não pode mais aprisionar as palavras que vazaram de sua boca. Precisava que o ajudasse nessa guerra, confessou Ábedu Lecur. E justificava esse apelo dizendo que Egas Faraó era o único homem capaz de ajudá-lo. Segundo soube, era o que melhor conhecia a fronteira e tinha inegável experiência militar:

– Toda guerra é conflito de poderes.

Mas Egas Faraó respondeu que os conflitos da revolução reiniciariam depois que o inverno cedesse. Isso se os homens não se acertassem antes. Ábedu Lecur discordou e torcia

para que isso não ocorresse. Precisava dessa chance. Não era todos os dias, disse Egas Faraó, que apareciam homens que mostravam que precisavam da guerra. Ábedu Lecur disparou:

– Não se importa com os outros homens negros?

Em sua vida, respondeu Egas, não se importara com o aspecto de homem algum. Na extensão daqueles matos, caçara fugitivos de todas as cores e pelos. Matara outros tantos por razões alheias ou pessoais. Esteve a disposição do exército por quinze anos, sobreviveu e ganhou suas terras. Queria apenas paz, agora:

– Me importo com os que merecem a minha confiança.

– Sabes o que é ser escravo?

– Sabes o que é ser escravo na guerra?

Ábedu calou. Sentia os lábios grudados, a língua rígida. Palavras demais, ideias demais, pensou consigo. Era apenas esperar, refletir antes que dissesse idiotices. Uma frase correta resolveria o problema. Mostraria o quanto valeria apenas a sua vinda. Mas nada disso foi possível naquele momento. Egas Faraó riu:

– Vamos! – disse ele. – Tem muito que se fazer nesses dias. Alguma vez na vida caçou?

Ábedu Lecur ficou sem palavras diante dessa pergunta. Egas faraó queimou outro cigarro e se pôs caminhando. Ábedu o seguiu, colocando-se ao seu lado, respeitoso como o aluno que acompanha o mestre.

6

Depois de alguns minutos, os dois homens estavam diante do curral onde guardava todos os cavalos. Egas Faraó escorou-se no longo tronco, que servia de base à cerca, cuja madeira se enfeitava de cogumelos. Eram animais que reunira com os anos. Alguns foram presentes, outros prêmios nas carreiras de cavalos e havia aqueles que Egas Faraó declarou ter achado pelos campos:

– Soltos? – espantou-se Ábedu na cerne de sua ignorância.

De certa maneira sim, respondeu Egas Faraó, eram animais que pastavam livres, mas não eram selvagens. Há anos que não se viam mais cavalos nesse estado natural. Referia-se mesmo aos que se perdiam de seus donos. Ábedu não entendeu:

– E como se perde de um cavalo?

– Quando se está morto – respondeu Egas e gesticulou para o jovem albino, que Ábedu conhecera na chegada, para que se juntasse a eles. Quando o menino acercou-se, Egas ordenou que levasse o visitante para o campo e caçassem alguns preás:

– Vá brincar um pouco! – aconselhou Egas Faraó enquanto virava-se de costas para seu hóspede.

Não tardou os dois caçadores de preás se encontrarem sob as árvores de galhos finos e duros, de folhas miúdas e ásperas. Cada vez que as pontas desses galhos picavam as orelhas de Ábedu, este se lembrava do quanto era importante se manter agachado durante o caminho. Enfim se livravam dessas árvores e se achavam diante de um campo repleto de arbustos. A brisa corria leve e fluía junto dela um suave cheiro mel. Ábedu olhou para seu companheiro que trazia consigo uma espingarda calibre vinte e dois. Era um menino que aparentava não mais que treze anos. Tinha feições tão inocentes quanto os cílios dourados sobre olhos verdes de seu rosto. Ábedu queria conhecê-lo mais:

– Como te chamam?

– Alma-de-gato.

– Não te deram um nome de verdade?

O menino o encarou. Era seu nome de verdade. Em razão de haver um pássaro que seria muito parecido com ele. Disse ainda que sua mãe não o quis quando nasceu, mas seu pai o criou junto a família de Egas Faraó:

– O senhor caça?

– Nunca.

– Atira bem?

– Ainda não sei.

Alma-de-gato ficou estático. Era estranho um homem feito que não fizera uma caçada se quer. Nesses tempos e terras, os homens aprendiam tudo que lhes servisse ao sustento e sobrevivência. Ábedu sabia que tinha de explicar-se. Não sentira necessidade, até aquele momento, mas gostaria que lhe ensinasse. Alma-de-gato disse que tinha bastante munição. Pegou a espingarda e mostrou como funcionava. Apontou onde o pequeno projétil se encaixa. Depois, pediu que para que Ábedu fosse ao seu lado, andasse com cuidado e olhasse ao longo das trilhas que os pequenos roedores faziam. Eram caminhos estreitos, mas bem nítidos. Logo encontraram os primeiros animais. Alma-de-gato parou, fez a mira e disparou. Ábedu viu o bicho tombar e tremer a perna como se quisesse coçar a barriga. O menino pegou o animal e alcançou a espingarda para que Ábedu a pegasse.

Ábedu apanhou a arma e o projétil. Municiou e tomou à dianteira. Rastrou por mais alguns metros e se deparou com outro bando. Olhava aquelas pequenas criaturas que se empanturravam de grama. Mirou, disparou. Nada além da rápida poeira que saltou como um espirro. Alma-de-gato riu. Mas Ábedu não viu graça alguma. Caminharam por algumas horas mais. Entre disparos, a voz daquele menino sempre a guiá-lo na disciplina de uma boa

pontaria. Enfim, Ábedu eliminava sua primeira vítima. Tão pequena e inofensiva quanto às ideias que trazia consigo.

Voltaram para casa já no final da tarde. Ábedu encontrou Egas Faraó, sentado à porta. Ele tragava o cigarro de palha. Ábedu parou a sua frente:

– Como foi a caçada?

Ábedu confessou que gostara. Nunca havia atirado de espingarda. Apesar de a distância tê-lo deixado zozzo, foi divertido. Egas o interrompeu expelindo a fumaça em seu rosto:

– Será noite de lua cheia.

– E o que acontece?

Egas Faraó sorriu:

– Vai caçar com as gurias.

7

O brilho da lua iluminava o longo daqueles campos e se refletia nos banhados. Ábedu Lecur observava aquelas mulheres que iam a sua frente. Ouvia seus sussurros e risos sufocados, a exceção de Simoa que não dizia nada. De vez em quando gesticulava para as irmãs e estas a seguiam sem perguntas. Ábedu sentia a onda de vento que avançava por entre as coxilhas e o lambia no pescoço com sua língua gélida. Viu as mulheres se agacharem. Imitou-as. Não perguntou nada, apenas ouvia o sussurro do vento. Simoa gesticulou para que ele se aproximasse dela. Obedeceu. Curvado, deu passos curtos e lentos. Ela apontou para alguma coisa a certa distância. Ábedu olhou, mas não percebeu nada além dos arbustos. Então, sentiu que Simoa encostou o braço no seu maxilar, para que lhe guiasse. Assim, pode ver a silhueta do animal. Era um veado campeiro, cujos galhos lembravam os ossos da mão de um homem. Depois viu que Simoa recebeu a espingarda de Eudoxa e mirou. Ele olhava aquele gesto, uma atitude firme, decidida. O cano da arma não vibrava. Nada se movia. Apenas alguém entregue ao extinto da caça. Ábedu piscou e deu um leve pulo involuntário. Fora um tiro seco, de estampido que não ecoou, apenas um ruído dispersado pelo vento. Ergueram-se. Chegaram até o animal. Ábedu viu aqueles grandes globos úmidos que refletiam o céu negro de uma pequena esfera de luz contida. Eudoxa cortou um grande galho ereto e o desfolhou. Amarraram as patas do animal e o suspenderam. Ábedu se ofereceu para ajudá-las. No caminho de volta, elas se revezaram entre si, Ábedu continuou com sua carga até chegarem em casa. Sabia que não tardaria que a noite se dissipasse. Nos ombros, a pele esfolada como se tivesse sido chicoteado. As mulheres se dispersaram sem lhe dizer uma

palavra. Ábedu percebeu que precisava recolher-se. Jogou-se por sobre suas coisas e se cobriu como pode.

Logo pela manhã, Egas Faraó o acordava outra vez. Levou-o para o curral onde passou toda aquela manhã. Conheceu um pouco da anatomia e da psicologia dos cavalos. Soube de seus nomes, cada história, importância e de suas capacidades e serventia porque para Egas Faraó:

– O cavalo de guerra não leva carga, o de carga não vai para a guerra.

E os dias daquele inverno seguiram para Ábedu repleto de coisas novas e doloridas. Mas os traumas não marcavam sua carne ou músculos, eles rasgavam seus princípios. Apesar da vida que tivera como cativo, conhecera apenas a palmatória. As mortes de frangos, os peixes estripados eram justificados pelo ato rotineiro. Mas os animais do campo lhe transmitiam algo de especial. Era como se todos o olhassem de uma maneira que o conhecessem e isso lhe seria cobrado um dia. Mas foi na manhã de um domingo que teria um novo teste. Ábedu estava diante do animal que se mantinha amarrado no moirão. Era um suíno de pelagem rala e branca. Além de toda família de Egas Faraó, encontrava-se Veronato, Alma-de-gato, além de outras pessoas que compartilhavam do lugar. Nas mãos de Ábedu, uma adaga prateada, longa como seu antebraço. Egas Faraó pôs a mão aberta no ventre do animal, próximo às patas dianteiras:

– Está vendo aqui?

Ábedu enxergava. Sentia a garganta ressecada. A testa vertia suor. Egas pediu que botasse a mão ali, onde a dele estava. Ábedu obedeceu. Sentiu a essência da vida animal. Em seguida, Egas instruiu:

– Enfia com força entre esses dois dedos – e indicou para o espaço entre o indicador e polegar.

O animal soltava roncões curtos e frequentes. Ábedu sentia-se esmagado por todos a sua volta. Tinha a impressão de que os ouviam, que seguravam os risos de escárnio. Sentiu uma pressão no cérebro, um zumbido interno. Egas Faraó sussurrou:

– Mata logo que todos aqui estão famintos!

Mas Ábedu sentia-se envolvido por uma força que o abraçava. Egas Faraó agachou-se ao seu lado:

– No caminho que tu quer seguir – disse ele. – não tem porco, apenas homens que te matarão na mínima vantagem que deixar para eles. Na guerra, não se tem espaço para lembranças. Enfia essa adaga!

E Ábedu empurrou o metal até que o cabo tocasse as costelas. Ouviu um grunhido tão agudo que lhe retumbava a cabeça. Mas o ruído foi extinguindo até aquela massa de carga

tombar para o lado. Ouviu as gargalhas e conversas que não entendia. Limpou a mão enlameada de sangue ainda quente. Limpou-a na grama.

Do que restou do animal, estava estaqueado sobre as brasas. Ábedu não tinha raiva alguma. Ao contrário disso. Sentia-se aliviado. Sabia que aquilo tudo era necessário. O inverno não tardaria chegar ao fim. Logo, os rebeldes atravessariam a fronteira e tudo iniciaria outra vez. Egas Faraó ainda não empenhara sua palavra quanto ao compromisso de ajudá-lo. Talvez estivesse de chacota com ele e apenas o mantinha ali para dar-lhe uma lição, como se faz com os moleques mimados. Porém, avaliou de outra maneira. Se ele fora um pouco ingênuo e propor algo tão arriscado, Egas não seria. Quem convida um homem para o risco da morte e espera que o aceite de bom grado? Ábedu sabia que até o instante que Egas quisesse escutá-lo de verdade, teria de apresentar uma proposta para esse homem. Não um idealismo patriótico, libertário ou utópico. Mas algo concreto, parte do estilo de vida desse homem.

8

Ábedu Lecur soube naquela noite que Egas Faraó estaria disposto à conversa que ansiava tanto. Passaram-se alguns dias desde que estavam juntos, não apenas dessa família, mas também com toda aquela gente que compartilhava de um modo de vida tão alheio ao que estivera acostumado. Ábedu Lecur deixou que falasse. Egas Faraó revelou que já sabia de suas intenções. Era uma empreitada corajosa. Caçar o demônio, às vezes, é caçar a si mesmo. É uma força que sempre nos confunde. Mas isso seria outra conversa. Perguntou se Ábedu Lecur tinha uma estratégia, um plano que mostrasse como tudo seria executado. Não se poderia simplesmente avançar contra os homens mais temidos da guerra; e achar que os mataria como se fossem carneiros. Esses homens não brotaram da noite para o dia. Muita gente já não os considerava homens, mas outra força. Quando alguém corre na língua do povo e se contam coisas que apenas se dizem à noite, em meio aos sussurros, sinal de benção, é algo a se considerar. Ábedu Lecur perguntou:

– O Basilisco?

– O Basilisco – confirmou Egas e acrescentou que cavalgava junto de seus irmãos: Gualicho e Yará a amaldiçoarem os campos ao longo dos tempos.

– Acredita nisso?

– Acredito no que me serve. Deixemos, por hora, isso de lado – E mesmo que se dissipasse toda essa crendice, Egas perguntou como enfrentaria os mais de mil homens que cavalgavam com eles.

Ábedu Lecur se ajeitou onde estava. Acomodou-se melhor sobre aquele banco de anca de vaca coberto de couro bovino:

– Tenho uma proposta para te fazer.

É o que escuta por aí ao longo dos anos, disse Egas Faraó. Alguém sempre propõe alguma coisa. Mas Ábedu estava louco. Mesmo se carregasse uma boa proposta, ele tinha um punhado de gente. Não os condenaria por causa disso:

– Não tenho nada contra esses homens.

Ábedu suspirou, apertou os lábios na ostensiva expressão de que seria mais difícil convencê-lo. Entrelaçou os dedos e se projetou a frente como se fosse revelar um segredo:

– Mesmo que um dia eles estarão contra sua família? – e se afastou um pouco, cruzou os braços esperou a resposta.

Mas a fala que queria ouvir não veio. Egas Faraó ficou como estava, olhando-o no fundo dos olhos. Nunca fora homem curioso ou afobado. Para lidar com a situação, sabia que era necessário que o hóspede fosse o mais claro suficiente nos assuntos. Ábedu Lecur não carregava a intenção de convencê-lo facilmente. Queria uma aliança forte, nos princípios filosóficos que acreditava. Explicou para Egas que o mundo diminua. Já não havia terras sem dono. Ou é das grandes famílias ou é do exército. Essa guerra definiria os novos senhores. Quem ganhasse, ditaria a nova ordem porque:

– Uma coisa é certa: os republicanos ganharão. Tem que ganhar.

Não era o que interessava e sim os acordos que viriam com o tempo. Mesmo que quisesse, o governador da província não conseguiria exterminar todos os rebeldes. Havia muita gente importante envolvida. Figuras ilustres da política. Egas Faraó fumou o cigarro de palha até que o fumo se mostrasse rubro:

– Tudo que é apenas político, não é de veras.

– O que entende de política?

Dependia de que tipo de política falavam, esclareceu Egas Faraó. Mas sabia de uma coisa:

– Está em toda parte.

Ábedu encrespou a testa. Pensou, se sabia que estava por toda parte, por que aquela descrença? Quem sabe não discutissem o mesmo assunto. Mas esclareceu de que política falava:

– A política é que nos civiliza. Nos torna gente, diferente dos animais.

– Gente? – interrompeu Egas Faraó. Jogou o toco de cigarro no fogo. Escarrou na palha e lembrou Ábedu a respeito do que provara um pouco do que se pode acontecer numa

batalha. Nada que acontece nela é sombra de civilidade ou gentileza. Ninguém se quer pergunta se o adversário faria o favor de entregar as armas. E encerrou:

– A guerra é a política por detrás das máscaras.

Ábedu Lecur não retrucou. Sentira muito medo naquele dia. Ainda carregava na nos ouvidos os gritos que o assombravam em algumas noites. Mas Egas estava disposto a ensiná-lo sobre política:

– Essa lei vai até onde se entenda e se atenda às palavras.

Algumas semanas se passaram até que naquela madrugada soube que Egas Faraó o esperava no potreiro. Quando chegou, escutou de imediato que deveria ajeitar sua montaria. Antes que subisse no seu cavalo, Egas Faraó que lhe disse:

– Troque de animal, esse não presta!

Ábedu congelou. Suas mãos se mantiveram presas à sela. Com uma corda nas mãos, Egas se dirigiu para o meio dos outros cavalos do curral. Quando saiu, trazia consigo um cavalo de pelagem moura:

– Monte nesse aqui!

Ábedu Lecur se manteve obediente. Ajeitou tudo como lhe fora ensinado e subiu no cavalo. Esperou. Egas Faraó surgiu montado no seu cavalo. Partiram.

Andarem sem pressão, como se o importante fosse a paisagem, não o tempo. Ábedu se acostumara com o silêncio daquele homem e a suas inusitadas conversas que lembrava as pessoas que viviam mais dentro de si que junto aos outros. Porém isso já não incomodava Ábedu Lecur. Assim como aquela natureza. Imaginava que tipo de homem transformara-se. Estava tão longe de casa. Encontrava-se mesmo longe de tudo. Sentia-se como se navegasse cada vez mais para dentro do mar na busca do imaginário, mas cada vez mais via apenas água e infinito. Subiram por longo tempo por entre caminhos que margeavam cerros e penhascos. Quando terminaram esse caminho, havia uma terra plana, abaixo de árvores esparsas, mas de grandes copas como se fossem grandes guarda-chuvas. Ábedu viu Egas saltar da montaria. Esse homem espreguiçou-se e lhe disse:

– Dessa vez, vais caçar com o carancho velho.

Era a primeira vez que Ábedu Lecur se afastava do reduto. Ao contrário das outras, essa jornada junto de Egas Faraó o levava ao extremo da campanha, muito além do que imaginava. Antes que anoitecesse, pararam. Ajeitaram-se debaixo da árvore, encaixando-se por entre duas raízes por sobre a terra, tão grandes como se fossem os tentáculos de um

monstro marinho. Juntaram os galhos secos que encontraram nas proximidades. A noite se anunciava gélida e nebulosa.

A noite desabou sobre eles. O fogo brotava em pequenas línguas avermelhadas. Os dois homens se olhavam. As labaredas eram a fronteira que os separava de um mundo preso às suas origens, mas diferente nas ideologias. De onde se achava, Ábedu percebeu que Egas depositou um objeto sobre as pernas. Algo embrulhado num tipo de lona. Quando o desnudou, Ábedu Lecur descobriu que se tratava de uma longa espingarda. Jamais vira uma arma tão grande. Egas Faraó alisou o metal e a madeira como se fizesse ao pelo de um animal dócil:

– De tudo que peguei nessa vida – explicou ele. – Essa aqui está no topo. Sabe o que ela faz?

– Mata!

Egas Faraó riu, balançou a cabeça e continuou em suas carícias enquanto justificava aquele apreço. Claro que ela matava, disse. Não seria isso o fim de cada arma? Mas a que tinha no seu colo era como se fosse:

– O sopro da morte – comparou Egas. Essa arma explodiria um beija-flor a cem metros de distância. E confessou que mais de uma vez matara homens que jamais souberam de onde venho o disparo e muito menos o rosto de quem os executou. Deu tapinhas na coronha:

– Aqui está a nossa vantagem.

– Então aceita?

– O que acha? – e Egas Faraó apontou a espingarda no alvo imaginário.

Ábedu Lecur ouviu essas palavras e enfiou a unha do polegar por entre os dentes. Soube que era disso que precisava. Compreendia aquele plano. Uma ideia interessante e, acima de tudo, possível. Egas pediu que segurasse a espingarda. Ábedu segurou-a como se recebesse um bebê nos braços. Sentiu o peso do metal frio, da madeira lisa, lustrosa. Depois, devolveu-a. Egas Faraó a guardou com o mesmo zelo, protegendo-a como uma relíquia. E de certo era. O que esses homens tinham nas mãos era um milagre. Eles não imaginavam, mas aquela arma era o Rifle longo Sharp 1874. Algo que fora possível graças ao contrabando intenso pelas artérias das fronteiras americanas. Depois de dizimar os índios norte-americanos e os búfalos, uma dessas magníficas ferramentas do homem pousava no mais improvável lugar. Mas continuava com o mesmo e belo desempenho eficiente.

No silêncio da manhã de céu limpo, sem brisa, onde se ouvia apenas os cantos dos pássaros, Ábedu Lecur se perguntava o motivo do trabalho que desempenhava. Não compreendia para que serviriam os inúmeros crânios de bois que coletara no campo. Juntou-os num pequeno amontoado apocalíptico. Sentou numa das cabeças. Olhou para o acampamento, distante centenas de metros, mas enxergava Egas Faraó indo de um lado a outro. Ábedu estendeu o poncho na grama e depositou algumas ossadas. Uniu as pontas do poncho e formou uma imensa trouxa de ossos. Agarrou-a firme pelo nó e suspendeu até as costas. Manteve o foco e marchou. Um caramujo gigante e lento.

Enfim atingia o objetivo. Livrou-se da trouxa. O suor pingava do rosto e mãos. Egas Faraó mostrou as estacas de bambus que fincara no solo, todas em fila, alinhadas como numa cerca. Pediu que encaixasse as cabeças na ponta de cada uma dessas varas. Enquanto executava a tarefa, mantinha-se em silêncio. Não era sua intenção contrariá-lo ou incuti-lo com dúvidas bestas. Sabia que aquele homem o ensinava sobre uma vida que desconhecia. Mas seria mesmo necessário? Quando encaixou a última cabeça, afastou-se para junto de Egas Faraó que pediu que lhe observasse:

– A cabeça da direita! – em seguida, sustentou-se sobre o joelho direito e apontou o rifle.

Ábedu olhou para o alvo. Ouviu o estouro do disparo. Os ossos se esfarelaram, ainda sim um rugido se dispersava pelos matos enquanto algumas aves voavam sobre as árvores. Egas Faraó levantou-se. Entregou-lhe a espingarda:

– Um tiro em cada boi!

Ábedu agarrou esse rifle na certeza de que empunhava uma importante ferramenta, da qual não poderia dispensar o emprego. Afirmou-se no joelho e encaixou a arma no ombro, onde buscou a perícia exemplificada. Mesmo assim, sentiu as mãos de Egas a moldar-lhe a postura e a dizer-lhe que deveria enfiar a coronha no ombro com mais firmeza. Mirou no alvo, mas percebia que não tinha força para manter o cano sem que balançasse. Mas reuniu forças. Precisava executar a tarefa. Cada disparo foi um coice em sua carne. Outros disparos, todavia aquela cabeça se mantinha presa e intacta na vara. Descansou o braço, respirou fundo e retornou a posição de tiro. Disparou e viu que o alvo se estilhaçou:

– Já é um começo – era o conceito Egas Faraó.

Noutro dia, cavalgavam por longo tempo. Ábedu se quer imaginava por onde andariam. Enquanto venciam distâncias, Egas lhe mostrava todos os detalhes que se pode verificar numa trilha. Galhos rompidos, pegadas, fezes de homens e animais. Ensinou-lhe como se analisava esses indícios para que se calculasse o tempo e a quantidade dos autores desses rastros. Egas ainda brincou:

– Todos deixam um rabo pra se pisar!

Seguiram por dias na rotina de treinos de tiros, caçadas e estudo dos rastros que todo tipo de animal pode deixar. Andavam ora a trote, ora em disparada. Aos poucos, Ábedu percebeu que o frio que antes sentia toda vez que montava o havia abandonado. Livraram-se dos cavalos e penetraram no mato de solo íngreme. Ábedu carregava o rifle a “tira colo”. Andaram agarrando-se nos galhos e troncos. Atingiam o solo plano. Desviaram-se por algumas árvores até que Ábedu enxergou a longa planície. A sua frente, Egas Faraó mostrou que havia três homens, em primeiro plano, envolta de uma pequena fogueira:

– Atira num deles!

Os homens estavam distantes, quase imóveis, tão alheios àquela observação. Apesar de todos esses dias, mantendo-se subordinado a todas às ordens, Ábedu não se conteve:

– Por quê?

– Faz diferença?

Ábedu Lecur acreditava que sim, pelo simples fato de não haver razões alguma para isso. Já não treinara o suficiente com todo tipo de animal? Por que precisaria matar um homem, cujo rosto se quer identificava? Concluiu:

– Para mim faz diferença.

Não havia diferença alguma na guerra, rebateu Egas Faraó. O que valia a vida desses estranhos, desses ladrões, assassinos? Ninguém andava por esses campos a passeio. Talvez Ábedu não prestasse mesmo para essa tarefa:

– Dê meia-volta e vá embora!

Ao inferno com tudo aquilo, pensou Ábedu. Estava muito longe para voltar, muito comprometido para desistir. Carregou o rifle. Deitou-se e apontou para aqueles homens. Mas qual deles? O suor escorria de sua testa e salgava seus lábios. Que a bala e o deus de cada um decidissem. O disparo partiu naquele em que o instinto de Ábedu Lecur julgou conveniente.

No meio dessa noite, Ábedu abriu os olhos. Viu-se diante de Egas Faraó, sentado, a fitá-lo. Sem demora, esse homem perguntou:

– Assustado?

Não estava, disse. Sonhara com seus pais. Isso não acontecia há muito tempo. Pensou que os tivesse perdido em sua memória. Mas que agora estava feliz, poderia guardar a imagem desse sonho:

– E tu, lembra dos teus pais?

– Nem nos pesadelos. Acho que foram pretos que nem eu.

– Os meus também eram.

– Eram o que?

– Assim, pretos que nem tu.

Egas Faraó ficou em silêncio. Mas logo começou a rir cada vez mais eufórico. Ábedu olhava-o a espera de que cessasse essa hilaridade e ficasse sabendo sobre o que se tratava o motivo da euforia. Egas, ainda rindo, repetiu:

– Preto que nem eu!

– Qual a graça nisso?

– Olha teu braço!

– O que foi?

– É da cor do meu?

Ábedu ficou por alguns segundos digerindo essa pergunta. Mas ainda não completava o significado que lhe conferia graça:

– O que tem isso?

– É da cor do meu? – insistiu Egas Faraó.

Não era, respondeu Ábedu. Mas afinal, disse, o que isso tinha de tão engraçado? Egas suspirou:

– Tu não era filho do teu pai. Nunca pensou nisso? – e levantou-se. Disse que andaria um pouco e ver se tudo corria bem a volta do acampamento.

Ábedu Lecur ficou onde estava, deitou-se de novo. Seus olhos carregavam a dúvida de uma traição, de uma verdade que lhe fora escondida ou falseada. Pôs sua cabeça a refletir, revolver tudo que pode em seu passado. Nessas coisas perdidas, venho-lhe a imagem de uma cena que se repetiu na sua cabeça. Nela, compara seu braço com o do seu pai. Isso se repetia inúmeras vezes e o menino insistia:

– Por que não sou preto que nem o senhor?

Essa drama vinha do passado ou de seu imaginário? Queria mesmo que essa conversa jamais tivesse acontecido.

Chegaram ao reduto no final da tarde. Ábedu Lecur sentiu-se feliz ao ver aquelas pessoas que vieram para cumprimentá-los. À noite, toda a família de Egas Faraó se reunia. Junto dela, estava Veronato. O assunto era a respeito do que fariam nos próximos dias. Ábedu apenas os ouvia, como se não conhecesse a língua em que falavam. Por fim, Egas Faraó explicou porque tomava aquela decisão. Ábedu estava certo quando lhe disse sobre o que aconteceria depois dessa guerra. Determinou quem iria nessa jornada. Seriam apenas onze pessoas: sua família, Ábedu, Veronato e seu filho e mais três outros nomes. Além de seis cavalos de montaria de reserva e mais três mulas de carga. Por fim, disse a Ábedu Lecur:

– Iremos atrás da glória!

– Nossa glória!

10

Por longo tempo de marcha, presenciaram o quanto havia carcaças de animais bovinos, desde os campos até a parte lodosa do arroio. Em vários pontos do céu, corvos rodopiavam em sincronia. A brisa trazia o cheiro podre das carcaças desses animais junto à lama. Alguns desses bovinos, ainda estavam com o couro preso à ossada. Egas Faraó acreditava que boa parte daqueles animais fora exterminada por alguma força armada passou antes deles. Os que não puderam levar, apenas mataram para que não servisse ao inimigo.

Após margearem o arroio, soube-se que se aproximavam do que restava da antiga charqueada. Mesmo a certa distância, Ábedu Lecur avistava as ruínas do que fora uma das mais importantes exportadoras da carne salgada. Do que resistia das estruturas, o mato se encarregava de absorvê-las como um estranho manto de trepadeiras. Mas não seria prudente penetrar nessas ruínas sem a certeza de que não haveria perigos. Para isso, Egas achou melhor que todos se afastassem e seguissem até o ponto mais alto antes da propriedade. Escolheram uma elevação, distante duas quadras. Se fosse uma armadilha, além de não serem flanqueados, teriam tempo para fugir ou mesmo, se em caso necessário, lutar em supremacia no terreno. Ábedu Lecur admirava-se com esse estranho senso estratégico de Egas faraó. Um tino natural, uma postura de liderança típica dos homens acostumado a frente dos exércitos. Entretanto, esse homem jamais teve ao menos se quer um pelotão do exército para comandar.

Enquanto o grupo se deslocava, Egas mandou que Alma-de-gato fosse até o local e observasse se tudo estava seguro. O jovem partiu com os calcanhares a golpear a barriga do animal. Do ponto de onde estavam todos acompanhavam o ginete que se distanciava por entre os pontos de ossos sobre a ramagem. À medida que chegava à charqueada, aguçava-se a observação em tudo que rodeava os escombros das casas. Por fim chegou, rodeando a propriedade e, depois, percorreu por entre a charqueada. Saiu e retornou na mesma velocidade. Os olhos dos companheiros também mantiveram o mesmo cuidado no caminho de volta.

Alma-de-gato se colocou diante de Egas Faraó. Não havia coisa alguma, disse, além do que já tinham visto. Das casas, apenas janelas e parte das paredes. Quase tudo fora queimado.

Restava pouco para que o sol se enterrasse no horizonte. Mesmo assim, não acampariam no local. Ábedu Lecur caminhou pela charqueada. Jamais tinha visto uma. Encontrou Setembro, uma figura miúda, um pouco arqueada. Sua testa larga e negra, reluzia

o último brilho do sol. Andaram juntos por entre os escombros. Entraram do que restava do que fora a casa grande. O feudo de um recente passado em que a guerra fragmentava ainda mais. Veronato disse que jamais imaginara que poria os pés dentro de uma casa como aquela. Mesmo que fosse da maneira que ela se encontrava daquele jeito. Saíram pelo que um dia fora a porta da residência. Andaram mais um pouco. Veronato apontou para que fossem mais perto da margem do arroio. Quando chegaram, Veronato mostrou onde se carneava centenas por dia. Lembrou, e descreveu o cheiro de sangue podre, das moscas a grudarem nas peles sebosas e torradas dos homens cativos:

– Ainda ouço o mugido triste daqueles bichos – recitou ele. – Acho que boi também assombra a gente.

Ábedu Lecur ouviu calado. Apenas imaginava o passado que não viveu. Não havia problema de se matar um ou outro bicho para se calar a fome, mas aquilo era demais, era insano. Quantos homens haviam morrido nessa vida? Quantos apodreceram? Bernos a brotarem de suas feridas, depois de comerem suas carnes. Se essa guerra dissolvesse o que os marcava há tantos séculos, quem sabe assim não haveria dúvidas quanto a cometer a morte dos homens que atravessassem seu caminho. Ábedu perguntou se Veronato trabalhara por muito tempo. Não sabia se carneara tanto ou o tempo que ficara fora longo. Ábedu olhava o horizonte e agradeceu a ironia da vida e do tempo. Agradeceu a Deus por nunca ter experimentado uma vida nesses lugares.

Ouviu os chamados. Voltaram em passos rápidos. Montaram nos cavalos. Afastaram-se de onde estavam. Como no horizonte apenas se via o rastro róseo do que fora o dia, Egas Faraó mandou que Pulqueria e Eudoxa fossem à vanguarda e descobrissem um local seguro para passarem a noite. Antes de esporear o cavalo, Eudoxa sorriu para o pai. Ábedu Lecur sentiu como se assustasse do clarão de um relâmpago.

11

Era uma noite em que não se viam estrelas. Estavam em campo aberto, na espera das duas mulheres que partiram há algumas horas. Nada se falava, não se permitia que fumasse ou executasse algo que ameaçasse o silêncio. Assim como os demais, Ábedu Lecur se mantinha imóvel, com a mão direita na coronha do revólver. Teve a impressão de ouvir um leve ruído de pancada no solo em descompasso com a marcha da tropilha. Quando se deu conta, estava diante das filhas de Egas Faraó. Eudoxa disse ao pai que havia localizado uma casa no alto de uma coxilha, próxima a uma grande figueira. Estaria a poucas léguas de distância. Egas Faraó ordenou que se pusessem em fila. Não deveriam se afastar nem perder

o controle de seus animais. Seguiram noite adentro. Ábedu se prendeu como pode em sua montaria enquanto enxergava apenas parte da cola do animal a sua frente que se balançava em pêndulo.

Depois de um longo período, Ábedu Lecur já lutava contra o peso das pálpebras. Sentia-se dormente. Teve a imagem de sua casa, seus livros, e percebeu que tinha cochilado. A marcha continuava.

Enfim pararam. Ninguém se manifestou até que Egas Faraó dissesse alguma palavra. A informação de que poderiam descer chegou por uma cascata de sussurros. Subiram o suave declive. A casa estava vazia, mas em condições de passarem à noite. Antes que alguém entrasse, Egas Faraó disse perante a porta:

– Ave Maria puríssima! Sem pecado concebida!

12

Os dias seguiram sempre com nuvens compactas como crostas de algodão. O piquete arrastava-se. Era a quarta manhã seguida em que não via sol. Havia uma forte neblina. Essa cortina de talco pairava suspensa imune à gravidade. Envolvia a vegetação mais rasteira e sufocava todos os sons da natureza. O grupo arrastava-se. A frente deles, seguia apenas Veronato. Um dos poucos que, assim como Egas faraó, conhecia muito bem por onde andava. Ábedu Lecur se encontrava no meio da coluna. O poncho cobria-lhe desde a cabeça e terminava unido por suas mãos que o agarravam fortes contra o abdômen. Sentia agulhadas nas pontas dos dedos dos pés. De onde estava, via apenas o vulto esparso daquele homem que seguia à frente. Ábedu não teria certeza se aquele grupo ainda marchava com todos os integrantes. Sabia que Egas Faraó não lhe daria orientações alguma de como postar-se nas situações de jornada. Não o avisaria se sua vida corria risco. Considerava-o homem suficiente para saber aprontar-se frente às ações de combate. Não que acreditasse que Egas fosse o homem mais sábio que conhecia, mas aquilo tudo era óbvio. Não poderia pendurar-se nele ou algum outro qualquer e esperar que o cuidassem. Tinha um posto, uma responsabilidade. Aprendera que na guerra, as palavras apenas serviam para dar ordens, de resto eram as boas escolhas, coragem e iniciativa que determinava quem estaria cavalgando no próximo dia. Pararam. Ábedu continuou até chegar ao lado de onde estava Egas Faraó. Viu que Veronato congelou como uma estátua. Manteve-se assim por um longo período e gesticulou para que a coluna também freasse. Egas Faraó gesticulou para os que estavam mais próximos e o sinal foi repetido entre todos. Desceram dos cavalos no silêncio e zelo que se exige nas surpresas

do perigo. Juntaram-se a Veronato. Formaram uma fileira compacta. A respiração fumegante de homens e animais. Ábedu Lecur livrou-se do poncho, enrolou-o e prendeu na montaria. Viu que Egas Faraó pegou a arma, engatilhou-a em silêncio e apontou para algo que talvez apenas ele enxergasse. Todos os demais repetiram o gesto como diante de um ritual. Como não possuía habilidade suficiente com sua carabina, Ábedu preferiu o revólver. E se manteve na dúvida se observava Egas ou o que poderia surgir a frente. Quando seus olhos se voltaram para esse homem, apenas viu a fâisca e ouviu o estouro que logo seguiu-se tantos outros rebentos naquela linha de fogo. Foi quando percebeu que, diante do susto que tivera, não havia apertado o gatilho do revólver, o que fez imediatamente para não ser o único sem iniciativas. Após os disparos, Ábedu apenas ouviu o som embolado de patadas de cavalos junto a gritarias que não passavam de linguagens típicas dos homens que se comunicam com os animais. Permaneceram com as armas apontadas até não ouvirem mais nada. Não desfizeram a posição, iniciaram um avanço lento, por alguns metros e pararam outra vez. Ábedu viu que Egas continuou a frente. Foi atrás dele. Os dois estavam diante de um jovem caído, olhos abertos, sangue no pescoço. Um pequeno jato rubro vertia de sua garganta. Ábedu olhou aquele morto, um menino de fato, não mais que treze anos. Estava diante de mais um negro morto naquela guerra. Uma vítima que não teve a chance de se quer sonhar com o mesmo futuro que ele acreditava um dia ser real.

- Acho que foi balaço de pistola – arriscou Egas Faraó.
- Acha? – perguntou Ábedu Lecur.
- Se não tinha perdido metade desse pescoço.
- Será?
- Pior que não tem nada que preste, nem bota esse infeliz usava.
- Não é maldade que fique assim?
- Maldade? Não sei. – e caminhou para onde estava o seu cavalo.

Alguém mais teria usado um revólver, pensou Ábedu. Não se lembrava. Estava mesmo diante de sua primeira vítima? Aquele menino? Apesar de estar na guerra, sentia-se assassino.

13

O nevoeiro se dissipou no início daquela tarde. Acamparam onde havia um pequeno cemitério, cujas árvores já brotavam e destruíam muitos túmulos e lápides. Logo que se livrou do peso das armas e desabotoou a camisa encharcada, Ábedu Lecur caminhou por entre as tumbas. Algumas delas, destruídas, mostravam os ossos que resistiam no tempo. No que restava das lápides, ele tentava ler os nomes das vítimas, seu tempo de vida. Muitas delas

se ligavam ao mesmo sobrenome. Ábedu imaginou que talvez nem existisse mais essa família. Diante dele, estava o resumo do que fora uma grande existência. Depois, sentou-se no tronco apodrecido. Tinha muita fome.

No final da tarde, Ábedu levantava-se depois de se empanturrar de carne. O cheiro de gordura queimada prendera-se em suas mãos. Sentia um formigamento nas pernas. O dia continuava quente. No horizonte, havia um cinturão escuro, num tom semelhante ao castanho. Ábedu soube que precisavam se aprontar. Logo partiriam. Canuta Arã olhou para o horizonte e disse:

– Céu melado noutra dia molhado!

Horas depois, o relâmpago rasgou a noite como se fosse uma grande raiz de fogo clareando os campos num gigantesco flash. Sua luz revelou o grupo que se deslocava no campo. Ábedu Lecur olhava para o céu. As nuvens negras se enroscavam, mexiam-se como um grande monstro, cujo ventre explodia e retumbavam no seu peito. A coluna se deteve. Canuta Arã se adiantou ao grupo. Apeou do cavalo e depositou algo em cima de uma grande pedra sussurrou palavras que Ábedu Lecur não compreendeu. Retornou e a coluna se pôs em movimento. Quando Ábedu passou, viu que na pedra havia uma cruz de sal.

14

O vento chicoteava os corpos sobre os cavalos. Vinha de todas as direções enquanto a garoa os alfinetava como se fosse areia fina. Ábedu contorcia o rosto e procurava manter a cabeça o mais baixa possível. Entretanto, quando não mais suportava a ardência, girou a cabeça para o lado e ofereceu apenas o maxilar, depois o outro. E assim, mantinha-se naquela cavalgada que já durara tempo suficiente para lhe adormecer o quadril. Mais um pouco e os seus ossos desmanchavam, pensou ele e ensaiou pedir a Egas que descansassem um pouco. Mas viu que nas proximidades não havia árvores ou qualquer outra coisa que lhes oferecesse o mínimo de proteção. Veronato se mantinha ao lado de Egas Faraó. Seguia ao embalo da montaria. Mostrava-se como se fosse espantalho amarrado ao cavalo. Ábedu sabia o que o incomodava. Seu único filho, Alma-de-gato, saíra para rastrear havia horas. Como todos os outros, deveriam avançar alguns quilômetros e retornarem com informações. Se havia riscos, abrigo ou qualquer outra coisa que interessasse ao grupo. À frente, avistaram uma grande barreira rochosa. Uma fortaleza natural com apenas uma fendas por entre as pedras. Egas Faraó sinalizou que parassem. A coluna obedeceu. Ábedu passou o braço sobre os olhos. Retirou o chapéu e bateu na coxa. Tornou a colocá-lo. Olhou para Egas Faraó. Viu que passava alguma ordem para Simoa. Esta olhou para as duas irmãs. Depois, como se

preparasse numa disputa, prendeu a mão nas rédeas, encolheu o corpo e desceu o relho na anca do animal junto a uma linguagem forte e enfática. Rompeu a densa cortina da garoa que se estendia ao limite dos olhos. Com a mesma ferocidade, Eudoxa e Pulqueria a seguiram. Egas gesticulou outra vez e o grupo se moveu. Ábedu Lecur observou aquelas mulheres que partiam. As vestes molhadas a tremularem como labaredas d'água.

Encontravam-se a certa distância para chegarem ao grande cerro rochoso. Mas antes, havia o campo de árvores na altura dos cavalos, de troncos e galhos retorcidos, repletas de espinhos do tamanho de garras de galinha. Logo que penetraram por entre as árvores, Ábedu viu que Veronato saiu da coluna e parou. Egas olhou para trás e voltou até onde estava. Veronato apontou para ave que estava no topo da árvore:

– *Lechuza!*

Egas Faraó não disse uma só palavra. Voltou para frente da tropa. Quando Ábedu passou, viu Veronato de frente para aquele animal de olhos negros no fundo de um rosto chato e um bico discreto que lembrava uma unha de gato. Seu corpo era coberto com penas de zinco e prata. Encaravam-se numa linguagem que vinha desde o mistério dos tempos em que os homens viam nos animais o que jamais enxergaria com seus olhos. O pássaro exalou ruídos intensos como se fosse uma serpente antes do bote. Veronato retirou um objeto prateado de baixo do poncho e o beijou:

– Cruz do diabo! Creio em Deus, não em vós!

As mulheres se juntaram ao grupo. Ábedu achegou-se junto de Egas. Queria saber das informações e demonstrar o quanto se preocupava com Veronato. Mas esperou que Simoa falasse ao pai o que haviam descoberto. Ouviu que ela informava ainda não encontrarem rastros do Alma-de-gato e homem que o acompanhou. Seu nome era Corino. Um rapaz de vinte anos que aparecera ainda menino vagando pelos campos de Egas Faraó. Apesar de não trazerem notícias mais importantes, sabiam de um bom lugar para acamparem. Enquanto eram ditas essas palavras, Ábedu olhava para Eudoxa e do jeito que estava sobre o cavalo, assistente das conversas de pai e irmã. Era estranho vê-la assim, daquele jeito, tão fêmea e imponente. Mostrava suas mãos, uma sobre a outra, abertas sobre o dorso do animal. Eram pequenas como as de uma criança. No seu rosto escorria gotas de suor que infiltravam aos calos excessivamente negros. E os olhos de Ábedu se grudaram aos lábios grandes, delineados como o arco de um cupido.

Enfim apeavam dos cavalos. Ábedu Lecur sentiu uma dor aguda na vértebra que o endureceu por alguns segundos. Sem demora, um dos homens pegou um saco de couro e retirou um punhado de esterco de cavalo, bem seco, e pôs no chão. Ateou fogo.

Havia fogueira para todos, onde achassem que precisavam. Para secar trajes, aquecer os cavalos e esquentar água. Ábedu olhava para o outro lado de onde estava. Via Egas Faraó, Canuta Arã e suas filhas. Todos formavam um círculo e discutiam alguma coisa. Como se houvesse uma pendência a ser resolvida. Mais ao lado, distante alguns metros, estavam outros homens que riam. Junto deles estava Isidro que nada dizia, apenas olhava para as chamas que roçavam as folhas da árvore. Ábedu não pensava em conversar com ninguém. O mais importante é que se pensasse e analisasse o que haviam feito e os próximos passos que precisaria dar. Cavalgavam há muito tempo e nenhuma pista de onde estariam os irmãos castelhanos. Estendeu o pelego no chão, o mesmo que usava na montaria. Deitou e suportou a cabeça no poncho enrolado. Cobriu-se apenas com o casaco. Batia com os bicos das botas e pensava no que poderia ter ocorrido com os dois jovens que cada vez mais viravam mistério. Deitou-se de lado e viu que Egas Faraó estava junto de Veronato. Apenas Egas falava. Por fim, apertaram-se as mãos e cada um voltou para onde estava. Ábedu acompanhou os passos de Egas até que sentasse junto das mulheres outra vez. Lá estavam os cinco, pensou, o que se passava na cabeça daquele homem junto delas. O que era a vida? Lá estava um homem, com sua esposa índia que teria um terço de sua idade. Que tinha três filhas que utilizava como se fossem seus soldados, mas que lhes confiava tudo que sabia. Não, nenhuma delas merecia aquilo. Cavalgarem até o fim do mundo, dormirem ao relento e lutarem como machos e brutos. De quem era a culpa? De Egas Faraó? Deus, o todo poderoso que criou tantos céus e terras? Ou da vida e do mistério de tudo que se vê sobre a terra? Não se julga um homem sem conhecê-lo. Não precisava perguntar a elas se eram felizes. Via em seus olhos, na presteza e vontade que explodia a cada manhã, em cada arrancada sobre seus cavalos. Não, não teria esse direito de avaliar felicidades e muito menos a moralidade de alguém. Não se julga a vida que jamais a desvendaremos. E nesse baú da mente, lembrou-se de Sotero. O mundo já era tão grande naquela casa. Se ele visse ou soubesse onde estava agora. Como amava aquele negro velho e o cheiro de roupa limpa de dia e de cebola à noite.

16

“Graças ao bom Deus!” Foram as primeiras palavras de Ábedu naquela manhã do dia seguinte. Apesar de ver a respiração dos que falavam, ao menos não caía uma gota de chuva.

Ao longe, por entre troncos e galhos podia ver que no horizonte se anunciava uma faixa de um marinho-laranja.

Outra vez sobre os cavalos na espera do fim do enigma que os enforcava. Angustiava-se cada vez mais ao ver que Veronato se consumia naquela angústia. De homem da cachaça, do riso ao silêncio amordaçado, de olhos entrincheirados na feição do rosto talhado em rugas. A marcha continuou.

O sol era uma nítida esfera de fogo isolada no céu quando se ouviu o forte romper de patadas. Pulqueria surgiu por de trás de uma gigantesca pedra repleta de limo. Ela acompanhava as ondulações rápidas do cavalo como se flutuasse no corpo do animal. Quando sua montaria parou, a alguns metros de Egas Faraó, ainda derrapou as patas traseiras escarpando o pasto da terra. Antes que ela explicasse ao pai, Isidro disparou com o cavalo e desapareceu no caminho de onde ela veio.

Enfim o mistério terminava. Todos assistiam ao recado diante dos olhos. Preso ao tronco da árvore estava o Alma-de-gato. Não lhe deixaram cavalo, roupas, armas. Apenas o corte profundo na garganta e o rastro de sangue que escorria pelo peito e gotejava na grama. Veronato ajoelhou-se na frente do filho. Suas mãos esmagavam o chapéu enquanto a boca aberta mostrava os dentes cerrados com força que se ouvia o estalo da mandíbula. Dava a impressão que convulsionaria a qualquer momento. Todos assistiam em silêncio. A dor de um homem é apenas sua e demais ninguém.

Horas depois, montado no cavalo que marchava lento, cambaleante, Ábedu Lecur ainda olhou para trás e se fixou na imagem da árvore retorcida. Sua nudez cor de palha guarnecia o amontoado de pedras da sepultura onde jazia aquele jovem.

17

Seguiram a rota de um pequeno riacho que descia ao longo do cerro. Outra vez, cada um rebocava seu cavalo, com exceção dos que traziam os cavalos de muda e de bagagem, que foram amarrados para que seguissem uns aos outros. Acampariam num espaço onde se caminhava por entre as pedras que lembravam cascos de tartarugas gigantes. Quase um labirinto, mas que Egas Faraó conhecia muito bem. Descobri-o quando rastreou um bando de contrabandista. Chegaram onde as águas caíam e faziam um lago de poucos metros de diâmetros, mas na sua volta, havia um solo de areia e pedra em que a grama o deixava firme e seco, mas um pouco macio. De onde estavam tinham a visão de norte e sul da fronteira. Logo que o sol se pôs, a cortina de inverno varreu tornando-o tudo mais gélido e silencioso.

Fizeram fogo. Pegaram água para fazer mate e café. Depois, suspenderam sobre as brasas a carcaça de um veado.

A noite dominava o tempo. E os olhos de Ábedu já não enxergavam nada além das estrelas que pontilhavam o painel celeste. Se sobrevivesse, pensou ele, que rumos tomaria em sua vida? O mundo sempre foi maior do que imaginava. E na profundidade do firmamento lhe comovia ainda mais. Lembrou-se do cemitério, do jovem Alma-de-gato. Frente a tudo isso, falou consigo: não somos nada.

Ábedu abriu os olhos. Uma brisa correu pelo seu ouvido. Surgiam os primeiros passos e sussurros. No horizonte, viu apenas que se fazia uma cinta quase de fogo. Encolheu-se um pouco mais por de baixo do poncho. Outra vez fechou os olhos. Não queria dormir, apenas se transportar para casa. Um pouco de descanso, de harmonia das coisas de sua vida. Mas o sacrifício era necessário. Não voltaria do mesmo jeito que partira: um homem desconhecido, sem nada seria ignorado pela memória.

Já era possível ver as pedras nitidamente, os arbustos e onde cada um repousava e os que faziam café. Ábedu arrancou o poncho de seu corpo e levantou como se se libertasse de amarras. Esticou braços e pernas. Foi até a água e agachou-se. As palmas da mão juntaram um pouco de água e jogou no rosto. Abriu os olhos e viu que a água ainda tremia, por debaixo, algo lhe chamou a atenção. Enxergava o que parecia ser uma silhueta de um homem:

– Egas! Olhe aqui!

Além de Egas faraó, vieram Izidro e Simoa. Ábedu apontou com o dedo. Todos inclinaram as cabeças até quase mergulharem.

– Uma rocha.

– Um cervo morto.

– Uma sombra.

A noite se dissipara por completo. Egas olhou por mais alguns segundos:

– É um homem.

Os que não estavam de vigília se apresentaram para olhar aquele corpo que pousava no fundo daquela água. Enquanto discutiam, Ábedu se perguntava o que fariam. Quantos cafés tomaram daquele caldo e ninguém estranhou nada. Rezar para que o cadáver não mostrasse indício de putrefação. Caso contrário, estariam com problemas. Por fim Egas Faraó mandou que o tirasse dali. Pegaram as cordas de laço e cortaram galhos. Improvisaram dois ganchos e o pescaram para fora. Tratava-se um homem jovem, de rosto sem barba ou bigode. Tinha as feições características dos índios. Pelos indícios, morrera afogado há pouco tempo, máximo dois dias, atestou Egas Faraó. Ábedu Lecur suspirou. Sentou-se. Sua testa vertia gotas de suor.

18

Durante aquela cavalgada, ninguém disse uma palavra. Nem ao menos se olhavam além do tempo necessário. Era como se cada um lutasse contra sua própria vergonha. Vergonha da vida, vergonha do que cada um escondia ou mesmo de cada ignorância vivida. Foi então que pararam em baixo das árvores. Ábedu viu Egas Faraó e Veronato a discutirem alguma coisa. Aproximou-se deles e perguntou:

– Ainda estamos no rastro do Basilisco?

Egas Faraó se virou e se fixou bem nos seus olhos:

– Por hora, vamos caçar outro tipo de animal – e se voltou para Veronato.

Ábedu Lecur permaneceu onde estava. Não via razões para deixá-los sozinhos a acertarem seus assuntos como se fosse parte de um comando exclusivo. Mas esses dois homens mantiveram-se como estavam, a trocarem sugestões de lugares, caminhos e alguns nomes estranhos a saírem de suas bocas. Depois, os dois homens apertaram as mãos num claro sinal de pacto honroso. Veronato se retirou, desaparecendo-se por entre a relva. Egas faraó parou diante de Ábedu Lecur:

– Vamos atrás dos homens que judiaram do Alma-de-gato.

– Mas isso não foi o que planejamos. – contestou Ábedu. Havia um explícito drama na sua voz. Palavras que traziam emoção do medo de desviar-se da rota e nunca mais encontrar o que tanto buscava. Caçar os assassinos daquele menino seria o mais justo, um dever moral para eles. Entretanto, se agissem com impulso o quanto mais perderia nessa empreitada? Ábedu manteve os olhos sobre Egas Faraó para que visse que falava sério.

– Quando partimos, – alegou Egas Faraó. – Na minha cabeça não tinha nada, apenas uma esperança e o sabor de uma boa aventura. Mas agora, eu só penso em vingança. Uma sede que não suporto.

– Precisamos disso?

– E como precisamos.

– Por quê?

Egas Faraó defendeu a maneira de como enxergava os fatos. Esperava que, quando encontrassem os que haviam esfolado aquele menino, e enfatizou que iriam encontrá-los, fariam tudo que lhes dessem vontade. Pouco lhe interessava o perdão, a benevolência de que se espera dos homens de bem:

– Nunca sabemos o que um homem esconde dentro de si, não é?

– Então somos animais? – interpelou Ábedu Lecur.

– Dos piores!

Ábedu ficou inerte. Essas palavras foram como se ouvisse uma voz que ecoava dentro de um túnel escuro, cuja luz da saída não passava de um ponto tão distante quanto improvável perante sua lucidez. Mas se manteve em seus objetivos. Era preciso, não podia abandoná-los como se fossem escolhas banais. Enfatizou:

– Devemos seguir o planejado.

– Olhe para lá – apontou Egas Faraó. – Os rebeldes estão naquela direção. E desse lado aqui – virou-se e mostrou um leve desfiladeiro. – Estão os carneiros.

Ábedu Lecur voltou sua visão para o caminho onde supostamente seguiu o Basilisco, o homem que escapava com seu sonho. Como Egas poderia lhe virar as costas nesse momento? Pensou Ábedu. O que era mais importante? A vingança de um menino ou a esperança de um povo? Esse homem não compreenderia nada mesmo. Sempre vivera no seu mundo de mato e bosta. Mas antes que dissesse alguma coisa, Egas Faraó avisou que já estaria decidido:

– Amanhã faremos uma charqueada com essa gente. Amigo, siga o caminho que acha melhor.

19

Largado no chão, em cima de suas tralhas, Ábedu se mantinha um pouco afastado do resto do grupo. Apenas ouvia sussurros e risadas contidas enquanto seu corpo fervia por dentro com a imposição de Egas Faraó. Além disso, sentia uma queimadura no rosto e uma dor aguda na cabeça, o que lhe deixava ainda mais irritado. Percebeu a silhueta de alguém que se aproximava. Deduziu que era Eudoxa. Assim que o vulto chegou diante dele, teve a certeza disso. Ela perguntou de imediato:

– Por que ficou aqui, longe de nós?

Ábedu olhava para cima e via o rosto de Eudoxa que se desfazia um pouco pela escuridão. Queria tanto saber como ela se mostrava. Porém a voz dela carregava uma objetividade seca. Ábedu baixou a cabeça e respondeu numa voz contida:

– Talvez essa noite seja a última junto de vocês.

– O que te fizemos?

– Nada. Apenas tenho posição contrária a de seu pai.

– É por que vamos atrás do bando que matou o Alma-de-gato e não do Basilisco?

Ábedu Lecur não respondeu de imediato. Mas essa a verdade. Uma verdade que era simples, porém dura e azeda. Manteve-se subjugado, incapaz de levantar o rosto e encarar o vulto a sua frente. O que foi um claro sinal de que Eudoxa estava certa. Nessa lacuna que se deixou, Ábedu apenas teve de ouvi-la:

– Se fosse tu naquela árvore – disse ela. – Eu não teria dúvida alguma. E se fosse eu, seu Ábedu? Ficaria aí, parado, preso a vontade de pegar aquele homem? Um homem que mal conhece a cara?

Enfim Ábedu se levantou. O rosto de Eudoxa tornou-se mais real, presente e, de alguma forma, via nos seus olhos o reflexo de um brilho que vinha não sabia de onde. Como o mundo é injusto, pensou ele. Por que a vida lhe empurrava para baixo? O que queria era apenas ser justo, lutar pelos que não podem, mas via cada vez mais a vida a lhe colocar artimanhas no caminho para que não chegue, para que desista. Obstáculos, desvios, tentações:

– Eu não sou como os homens daqui e acho que nunca serei – disse Ábedu.

– Espera que os homens sejam iguais?

Foi um equívoco, admitiu-se Ábedu. Sabia que os homens não eram e que jamais seriam iguais. Mas o que pensava mesmo, e isso se manteve implícito nas palavras que disse, era de que não seria um homem que pudesse mantê-la como esposa. Sentia-se de certa maneira amaldiçoado por isso. Era um homem entre mundos, metade de cada coisa que na verdade nunca se tornam nada. Algo lhe impedia de romper o limite junto de Eudoxa, assim como também o repelia perante Auta Violante. Mesmo que tudo se resolvesse, que tivesse o sucesso esperado e voltasse à capital e ganhasse seu prêmio, o que viria depois? Enfim nutriria de um amor por Auta Violante, a quem tanto o apoiava? Ou sofreria pelo resto da vida pelo que não fez nos dias em que esteve por esses campos? Homens que nada fazem, que aceitam a inutilidade de suas existências, terminam suas vidas bem mais felizes em qualquer história que viveram.

– Não, – disse Ábedu. – Não acredito que os homens sejam iguais. Mas eu gostaria de ser igual ao homem que tu carrega no peito.

20

Após um dia inteiro no rastro daqueles homens, enfim soube-se que os indícios os levavam a uma pequena casa fincada no alto da coxilha. Suas paredes, revestidas de varas e grossas camadas de barro, lembravam as escamas de um dragão. Enquanto sua espessa cobertura de palha se projetava por sobre as quatro janelas. Era o final de uma tarde nublada e ventosa. De onde estavam, o vento lhes trazia algumas vozes que se dizia no alto daquela coxilha. Até aquele momento, viram-se apenas quatro homens. Os seus cavalos estavam do lado da casa, presos em cordas. Ábedu Lecur ainda se arrependia pelo fato de não estar na caça do Basilisco e sim a ponto de ser cúmplice de um massacre. Ouviu a voz de Egas Faraó que o chamou para que se reunisse com os outros. Quando chegou, Egas Faraó traçou o

plano. Canuta Arã e Pulqueria ficariam com os cavalos enquanto os demais fariam o ataque pela manhã.

A noite se aproximava. Ábedu seguia as ordens que recebera de Egas Faraó. Chegava diante da coxilha vizinha da qual atacariam. Nela, havia algumas árvores, mas que eram suficientes para escondê-lo àquela distância. Junto, carregava a espingarda Sharp. As últimas palavras que ouvira de Egas Faraó se repetiam desde que se separara do resto do grupo. Se tivesse aprendido de verdade, e a covardia não o atrapalhasse, salvaria vidas pela manhã. E Ábedu retirou a arma de dentro da proteção de couro e enfiou os cartuchos até não caberem mais. Depois, largou a manta no chão, deitou-se e se cobriu com poncho. Olhou para a casa. Na frente dela, estavam os quatro homens. Todos se concentravam a volta do fogo que assava a carcaça de um pequeno animal. Uma vez e outra, Ábedu ouvia as rizadas e palavras que o vento lhe trazia. Observou-os até que anoite se profundasse mais e eles entrassem na casa. Apenas ficou a fumaça que riscava o céu negro. Ábedu ficou olhando. Tentava prever o que aconteceria nas próximas horas. Não havia dúvidas do que faria, mas não tinha certeza se o plano de Egas Faraó se mostraria eficaz. E fixou os olhos outra vez naquela casa e disse consigo após um leve suspiro:

– Qual de vocês eu matarei pela manhã?

21

Antes que o horizonte mostrasse os primeiros sinais da alvorada, Ábedu viu os vultos que subiam pelo lado da casa enquanto outros vinham do ângulo oposto. Logo que estavam próximos o suficiente, acenderam tochas e jogaram por sobre a casa. A brisa tratou de alastrar as chamas com facilidade. Ábedu engatilhou a arma e fez mira na porta. Ela não tardou a ser aberta. Neste instante, os homens da casa saltaram em disparada. Ábedu apertou o gatilho e sentiu o coice no ombro. Um dos homens tombou de imediato enquanto seu sangue ficou espirrado na parede. Os outros homens da casa, enquanto corriam, trocavam tiros. Destes, apenas um não tombou de imediato. Chegou a onde estavam os cavalos. Quando montou, e se projetava para a fuga, o cavalo ruiu atingido por um balaço. Logo que testemunhou essa cena, Ábedu apanhou a sua arma e correu na direção da casa. Quando chegou, esse homem já estava cercado por Egas Faraó e Veronato a lhe darem chutes com o bico das botas.

– Negro! – disse Egas Faraó. – Agora tu vai pagar pelo que fez ao guri.

O homem exclamava palavras em defesa própria. De que nada sabia, que não passavam de desertores cansados da guerra. Apenas andavam famintos, com frio e medo. Não eram assassinos. Mas nem Egas nem Veronato mostravam mudança em suas feições de raiva. Eudoxa se mantinha um pouco mais afastada, quieta, apenas acompanhava o destino desse

homem. Mas foi Simoa que o selou quando jogou no chão, para que todos vissem as roupas de Alma-de-gato. Enquanto isso, Ábedu Lecur se mantinha petrificado. Sabia que testemunhava algo que ainda ficaria pior, mas não poderia se retirar dali. Era como se estivesse amarrado e fosse obrigado a assistir aquela cena. Foi quando Egas Faraó pegou do chão uma tesoura de esquilar ovelha e pediu que Veronato segurasse o prisioneiro. Egas Faraó se projetou sobre ele e avisou:

– Vou te mostrar como se tosquia uma ovelha – e decepou uma das orelhas.

O grito estrondoso diluiu-se num gemido que se manteve estável até que se revezou com a respiração ofegante. Ábedu Lecur engoliu em seco. Sentia-se diante de uma cena em que não fazia parte. Mas depois, soube o quanto se ligava a tudo aquilo. Em meio a uma risada que não cessava, Egas Faraó disse a Veronato que fizesse o que bem entendesse. Depois, dirigiu-se a Eudoxa e Ábedu Lecur para que recolhessem as armas e munições, roupas e tudo mais que lhes fossem úteis. Quanto a Simoa, que ela avisasse sua mãe para que viesse a onde estavam. Enquanto Ábedu Lecur se afastava para dar jeito no que fora pedido, ainda viu Veronato desembainhar a adaga, e, tão logo, Ábedu voltou seus olhos para o chão.

Os corpos das vítimas foram colocados dentro da casa. Tratou-se para que ela queimasse ainda mais. Depois de ver o quanto o fogo consumia o que havia nela, Egas ordenou que se preparasse a retirada. A fumaça negra espalhava o cheiro de carne queimada por todas as direções. Ábedu montou no seu cavalo e tapou o nariz com o braço. Egas Faraó gritou na direção dele:

– Agora vamos atrás do teu Basilisco!

22

Passaram-se dois dias e Ábedu tinha na lembrança as ruínas de uma antiga missão jesuítica. Nada mais além de pedras que se empoeiravam. Depois, Ábedu estranhou o fato de chegarem naquela propriedade. Tanto se andou e jamais se quer haviam se aproximado de alguma casa ou tapera, a não ser que estivesse vazia ou fosse para executar o que haviam realizado dias antes: matar homens. Mas dessa vez era diferente, não se tratava de nada disso. Os cães a ladrarem apontava que a casa estava habitada.

– Egas, o que buscamos aqui?

– Andamos por muito tempo, chegou a hora de descansar junto de um velho amigo.

Era uma residência modesta com um pequeno galpão nas suas imediações. Não se notava nenhum animal além dos cães que a guardavam. Dela, saiu um casal de velhos que gesticulou para que aproximasse sem receio. Ábedu viu o sorriso no rosto de Egas Faraó que se dirigiu ao casal:

– Eita que as raízes não devoram pedras! – e apeou do cavalo.

Ábedu também se livrou de sua montaria. O velho retirou o chapéu da cabeça. Revelou-se um crânio liso, reluzente. Sua boca, de poucos dentes, anunciou-se numa voz rouca e quase inaudível:

– O que o senhor vem caçar por essas bandas?

– Bichos de lenços colorados.

O velho riu e logo informou:

– Se foram. Ouvi dizer que vão derrubar o tal Marechal!

Ábedu Lecur teve uma agulhada na cabeça. Achevou mais perto do velho. Desculpou-se e pediu para que repetisse o que dissera. O velho o fez:

– Foram para lá – e levou os dedos longos e ossudos na direção do infinito. – Além daqueles cerros.

– Tem certeza disso? – interrompeu Egas Faraó.

Tinha, enfatizou o amigo. Não muito longe dali se encontrava uma tropa do governo que os perseguiu por todos os lugares. A única vaca que tinha, além de algumas galinhas, tudo levado por homens dessa força militar. Foi deles mesmo que ouvira tal informação. Ábedu bateu nas próprias coxas com a fúria em suas mãos:

– Mas que inferno! – e deu alguns passos até sentar-se na areia. Uma agonia acidava o estômago até atingir a garganta e lhe enrijecer os dentes. Olhou para todos e cada rosto o fitava como se vissem um pobre coitado. Um homem desiludido, ingênuo que se desmanchava sem receio algum de suas vergonhas ou orgulho. Ergueu-se e olhou para o céu nublado:

– Puta que pariu! Puta que pariu! – e o grito ecoou até ser engolido pelo ruído dos insetos.

Egas Faraó riu, mas Ábedu não pensou em nada engraçado. Manteve-se com a mesma raiva a esquentar os nervos, músculos e sangue. Mas, olhando para aquele homem que continuava a rir, tudo foi se dissolvendo até que riu também:

– E agora? – perguntou Ábedu.

– Agora? Vamos esperar.

– Esperar? – espantou-se Ábedu. – O que?

– Estamos longe de casa. Faz tempo que não bebo, não danço e não namoro. Vamos ficar por aqui um tempo.

– O que acha que pode acontecer?

Egas Faraó olhou para Canuta Arã e pediu:

– Diz a esse negro se ele pode esperar ou volta para casa ainda hoje.

Ábedu Lecur de imediato se voltou para essa mulher. Ela o encarou como alguém que busca nos olhos o que as palavras não são capazes. Canuta Arã se mostrou durante toda a jornada alguém que apenas conversava com o seu marido e, às vezes, com as filhas e mais ninguém. E nesse instante, Ábedu ouviu dela o que o seguraria o tempo que fosse necessário:

– Ninguém escapa dos seus encontros. Deixe que o tempo lhe traga o que a vida te esconde.

Ábedu não disse mais nada. Caminhou em silêncio até onde estava seu cavalo. Agarrou-se nas clinas do animal:

– Então é isso?

– Então é isso. – respondeu Egas Faraó.

LIVRO V

A glória vale a vida de um homem de bem?

1

Naquela manhã, Ábedu Lecur abriu os olhos sem que mexesse um músculo do seu corpo. Seu ouvido colava por sobre um dos punhos enquanto o outro braço se retinha em meio às pernas. Manteve-se focado por algum tempo apenas naquele amontoado de cinzas diante dele. Tratava-se de uma criatura em transe. Dentro de sua cabeça, o cérebro funcionava com toda fúria. Sabia que o mês de julho extinguiu-se e com isso o inverno perdia força. Mas nenhum sinal dos rebeldes. Nem se quer boatos, sussurros ou pelo menos previsões que alimentassem o ímpeto de sua busca. Quando tudo é provável na vida de um homem, o desânimo ganha força e o esmaga como a pedra que cai na formiga. Naquele exato instante em que congelara a margem do que fora uma bela fogueira, pensou no que acontecia pelo Brasil a fora. E se o Basilisco e seus homens chegassem a capital do país? E se esse demônio morresse por lá? Ábedu sabia que qualquer um desses caminhos determinaria seu fracasso imediato. Perderia tudo, mesmo que naquele momento ainda não tivesse nada. Restava-lhe apenas a espera que ganhasse sorte e esses rebeldes voltassem para o estado. Era um tempo ruim para todos. Mesmo Egas Faraó se impacientava com aquilo tudo. Meses antes, escarrava diante da possibilidade contrária ao do sucesso. Mas nos últimos dias o via tão quieto como um cachorro doente. Era outro infeliz que perdia com essa guinada. Talvez seu prejuízo fosse mais profundo e irreparável que o seu. Perdera amigos, cavalos, e o que mais perderia? Dois

homens que sonharam demais. Ábedu enfim se mexeu. Coçou a cabeça numa fricção raivosa. Ouviu um ruído que vinha da porta. Alguns passos que se aproximavam. Era Eudoxa. Viu-a agachar-se na sua frente. Os olhos verdes-guaraná o engoliram como um lago profundo:

– Vai ficar aí com esse beijo de cavalo bichado? – e no seu rosto se manifestou uma expressão agradável da iminência de um sorriso. Suas pálpebras se esticaram. Quase se fecharam. Um brilho intenso se concentrou e mostrou-se mais nítido como se fossem dois pontos luminosos.

Ábedu contraiu um pouco os lábios, mas logo desistiu da falsa alegria que não acobertava seu estado amargo:

– Espero que não. Um dia terei de ir embora.

Ábedu Lecur fingiu-se inatingível por aquela presença. Mas sabia que diante dela, era impossível ignorá-la. O que o mundo sabia dessa menina? Verdade que não sabia nada de ninguém. Ajeitou-se da posição que já o deixava desconfortável. Sentou e abraçou-se às pernas como um menino emburrado. Eudoxa se pôs ao seu lado e o imitou. Roçaram-se ombros, e braços. Uma faísca na cabeça de Ábedu lhe mostrou que o cheiro dela estava diferente. Suas narinas sugaram aquele ar com mais força e cuidado. Uma tentativa de prova, resgate de uma percepção quase irreal. Havia um leve cheiro de canela, mas que se misturava a outro, um pouco mais doce, suave e acalentador. Não importava o que era. Exalava-se algo bom dos cabelos dela, da pele nua em seu pescoço. Eudoxa perguntou:

– E quando isso terminar?

– O que?

– Quando conseguirmos matar o Basilisco.

– Se matarmos ele.

– Acha que não conseguiremos?

– E que garantias temos dessa vida?

Ábedu refletiu de que o final é sempre um ponto interrogativo. Uma encruzilhada inevitável. Jamais se pode apenas parar e esquecer-se de tudo. O que viria depois do fim era o que o assustava naquele momento. Ábedu virou-se para Eudoxa e se deparou com uma face que o arrebatou numa fígada no peito. Um inexplicável aperto na garganta e uma pesada saliva que desceu lenta e abundante. E conclui na voz saiu embargada:

– Dependerá de como esse fim será pra mim.

– E pode ter mais de um final?

– Sempre achei que sim.

– Sempre achei que a morte é o único fim.

Talvez, divagou Ábedu. Acreditava que enquanto se vivesse, havia sempre um ciclo de términos e recomeços de coisas, fatos, ligações com pessoas e concluiu que:

– Às vezes, isso nos mata a cada dia. Mas pode também nos reviver por segundos.

Ábedu Lecur forçou um sorriso, mas sentiu que a garganta ainda se afogava em saliva. Porém não teve raiva desse destino inevitável de todos. A vida não seria mais injusta? O que a existência fazia com as pessoas? Separava-as em infinitas outras vidas. Mas a morte levava a todos. Tão gulosa e pródiga que devorava negros e barões. Mas se deu conta de que não queria que devorasse Eudoxa. Essa menina o tragava? Maldita vida que a prendera no mundo dos brutos! Funesta morte que vem para todos. Ábedu desviou dos olhos de Eudoxa, mas se prendeu aos seus lábios. Sentiu-se tão quente e nervoso que precisou dizer qualquer coisa:

– Não pensa de um dia se casar?

– Quem sabe um dia.

– Que dia será esse?

– Meu pai sabe.

– Será que sabe de tudo? – e Ábedu levantou-se.

Eudoxa também se pôs de pé. Cruzou os braços:

– Tu te juntarias com uma de nós?

Ábedu Lecur entregou-se outra vez aqueles olhos que lhe davam a impressão que tremiam. Era como se eles quisessem saltar para juntar-se aos seus:

– Por que não? – duvidou ele.

– Qual de nós tu escolheria?

Entre o tempo em que engoliu a saliva e o gaguejar na construção do que pensava, Ábedu percebeu o vulto que irrompeu pela porta. Virou-se e se deparou com Egas Faraó que avançava como com fúria. Parou e sorriu:

– O Basilisco voltou! Estamos de volta nessa parada!

2

No dia seguinte, o piquete aguardava a partida. Egas Faraó montou no cavalo e olhou para Ábedu Lecur:

– Dessa vez, vamos apostar forte!

Ábedu sabia o que isso significava. Quando partiram, o grupo se reduzira ao máximo. Egas Faraó levava consigo apenas sua mulher e filhas. Era sua aposta. Jogava sobre a mesa o que tinha de mais valioso. Ou tudo ou nada. Entretanto, Ábedu percebia que esse homem também transbordava confiança. Ele mesmo não duvidava do quanto todas aquelas mulheres

eram capazes. Em todas havia uma força, uma potência natural das coisas que não se explica, mas apenas se aceita e se admira.

O reinício dessa nova caçada demonstrava o quanto seria feroz. Cavalgaram numa intensidade a beira do fanatismo. Paravam apenas para que trocassem de montaria e logo se colocavam em marcha. Ábedu Lecur sentia algo diferente. Carregava uma intuição de que as coisas se engatariam dessa vez. Suportara o que jamais imaginou e o fizera com valentia e humildade. Que Deus lhe desse forças e senso de justiça a cada desafio que surgisse a partir de então, foi que pediu do fundo de sua alma. Cortaram por entre matos, transpuseram arroios e grotões. Para Ábedu Lecur, não havia mais espaço para queixas. Via nos olhos dos demais que compartilhavam do mesmo ímpeto. Era preciso que se encerrasse o jogo. Ábedu não sabia como, mas algo lhe dizia que a última chance se aproximava. Sua mão deslizou pelo peito do cavalo até sentir a coronha do rifle. Sua esperança personificada em madeira e ferro.

Depois de longo tempo nessa jornada, Ábedu Lecur percebeu que a mulher de Egas Faraó não dissera uma única palavra, nem ao menos um gesto, desde que saíram do reduto. Enquanto andavam, ela parecia uma boneca, cujo objetivo seria apenas iludir o inimigo quanto ao número daquele grupo. Enquanto isso, as filhas de Egas se revezavam na busca dos indícios que apontassem os rastros do exército rebelde.

No final da tarde, juntaram-se num capão de mato. O primeiro descanso, depois de longas horas sobre os cavalos. Longe da fogueira, oculto na escuridão, estava Ábedu Lecur. Enrolara-se ao poncho, cobrindo-se todo com apenas um espaço necessário para que enxergasse o que tinha sua frente. Mas apesar disso, os pés doíam, sentia-os como se estivessem gélidos emolhados. Percebeu que Egas Faraó se dirigia para onde estava. Assim que chegou, sentou-se e quis saber o motivo que se excluía do calor da fogueira. Ábedu respondeu não haverem razões alguma. Apenas queria pensar um pouco. Entretanto, esse momento lhe ofereceu um bom instante para uma pergunta, apesar de achá-la um pouco ingênua:

– Não tens medo de morrer? De perder suas filhas no mundo?

Egas Faraó respondeu de imediato:

– Ninguém pode me matar. E as gurias? O mundo que se cuide delas! – e soltou uma gargalhada – Que se cuide delas!

E diante dessa resposta, Ábedu Lecur pensava apenas em Eudoxa. Era sua escolha involuntária. Um desejo incontido, mas que sempre era resfriado pela crença da moralidade. Negava-se a si mesmo ao absurdo do desrespeito. Não imaginava que fosse capaz de desejá-la ou que tivesse esse direito. Cada vez que vinha a sua mente aqueles lábios grandes e delineados empurrava tudo para sua obscuridade. Mas os olhos verdes-guaraná o tomavam

por completo e quando isso acontecia, a lembrança de Auto Violante se afundava num passado que o iludia haver vivido. Mas como um demente que se recompõe, Ábedu restabeleceu o diálogo com Egas Faraó:

– O que achas da morte!

O homem suspirou um jato de névoa em meio à escuridão:

– Um sono profundo. O final de tudo.

– Nunca teve medo de morrer?

Jamais tivera, respondeu sem hesitar. Se o teve, não soube. Mas em sua vida, testemunhara muitos homens a se mostrarem tão covardes quanto insanos. Mas numa batalha pouco importava essa postura porque num lance de segundos, covardes vivem e valentes morrem, e às vezes não:

– A vida não foi feita para ser entendida. E tu, não tem medo dela?

Ábedu retraiu. Congelou o ato da resposta e sua memória resgatou passados desde a época que fora vendido, da vida junto de Sotero e do que veio depois. Não sabia se Egas poderia ver seu rosto com nitidez ou mesmo seus olhos, pois havia a clara sensação de que lacrimejavam:

– Sim – respondeu Ábedu. – Todos os dias – e de novo enxergou aquele suspiro enevoadado como um espirro silencioso. A brisa infiltrou-se por debaixo das árvores e sacudiu as chamas da fogueira. O rosto de Egas se iluminou um pouco e Ábedu pode ver os olhos vidrados, mas logo tudo entre eles se escureceu:

– E de onde ele vem? – insistiu Egas Faraó.

Era a possibilidade do fracasso que o assustava. Ábedu imaginou logo que essa resposta não cobriria a extensão do real significado. Nela estavam embutidos sua palavra, a responsabilidade e o peso de gerações futuras. Mas restabeleceu a ideia de que não poderia se dar a esse privilégio.

Após um breve silêncio. Egas Faraó pediu que se juntasse à fogueira. Não queria que acordasse estropiado. Sairiam às vésperas do amanhecer. Eram poucos. Um que ficasse debilitado comprometeria a jornada do próximo dia. Era preciso que todos estivessem em condições de montar e brigar se necessário. Deu duas tapinhas no ombro de Ábedu e se afastou. Depois de um tempo, Ábedu percorreu o mesmo caminho, ajeitando-se no bafo que exalava da fogueira. Egas Faraó surgiu outra vez. Sentou-se ao seu lado e o cutucou. Abriu a túnica e mostrou um cisto do tamanho de um ovo, logo abaixo do mamilo:

– Apenas isso pode me matar!

Era uma coceira que sentia ao longo do pescoço. Tapeou-se. Esmagou o que seria um inseto. Esmerilhara o grilo entre os dedos. De tanto que navegou em suas lembranças, Ábedu se deu conta que pairava sobre ele apenas silêncio e gelo numa noite sem lua nem estrelas. Um pouco distante, enxergava Pulqueria e sua mãe, enlaçadas embaixo do poncho. Não viu Egas Faraó. Do outro lado, através da fumaça que subia, estava Eudoxa. Uma imagem por entre névoa, um fantasma da sua madrugada. Ela continuava imóvel, sentada como um monge. Ábedu apenas a vigiava, como se diante dele não houvesse ninguém, apenas o mistério de um sonho. Eudoxa levantou-se e, devagar, contornou a fogueira. Ábedu sentiu que ela se posicionou atrás dele. O que faria? Pensou. E o coração dele disparou nas explosões dos tambores de guerra. Aos poucos, sentiu as mãos dela a tocarem suas costas e se deslizarem até seu peito. O hálito morno acariciou a sua nuca e logo os lábios quentes estavam unidos no beijo que dava em sua orelha.

4

Pela manhã, não havia mais nevoeiro. Enfim se enxergava a longa distância. Viam-se pássaros coloridos a saltarem nos galhos das árvores. Pelo campo, os veados disparavam e se dispersavam desviando-se de arbustos enquanto espantavam perdizes que voavam como se explodisse do chão para logo pousarem no meio da relva. Assim, os olhos se voltavam para as menores coisas por aquele caminho. Ninguém duvidava de que precisavam encontrar os rastros que lhe indicassem vestígios de tropa ou mesmo patrulhas por aquela região. Ábedu vinha próximo de Egas Faraó e perguntou:

– De madrugada, não te vi no acampamento.

– Enquanto as ovelhas dormem, o lobo caça – e avançou o cavalo pouco mais a frente.

Ábedu notava que ele respirava quase ofegante e, vez e outra, uma tossezinha nascia por entre pigarros. Mesmo assim, via-o que Egas Faraó olhava para todas as direções que se perdiam nos campos e matos. Até que chamou Simoa. Ordenou que fosse a frente e levasse uma das irmãs. Ábedu não queria que fosse Eudoxa. Sabia que era um pensamento idiota, mas era inevitável não concebê-lo. Simoa olhou para trás e gritou:

– Eudoxa! – e logo golpeou o relho na anca do animal que se arrancou num salto a frente.

Eudoxa a seguiu na mesma fúria, como se a perseguisse. Ábedu Lecur acompanhou a imagem dela até que desaparecesse por detrás do cerro. Pela primeira vez, aquela partida tinha o gosto acre e sufocante de uma despedida.

Desta vez, mesmo que andassem sem as duas irmãs, era preciso que se mantivessem no mesmo cuidado. Entravam e saíam de matos, trilhas, descampados e voltavam para o mesmo caminho para não desencontrarem com elas. Ábedu ouviu a voz baixa, constante, de Canuta Arã:

– Lá vêm as gurias.

Ábedu olhou no horizonte, mas não via nada além do horizonte silencioso e imutável. Tudo eram árvores, pedras, campo. Talvez fosse o desejo em vê-la que o cegava, mas passou a mão pelas pálpebras e, mesmo assim, manteve-se privado da imagem dela. Por aonde vinha? Como? Perguntou-se. Até que pelas dobras dos cerros avistou as mulheres que chegavam. Simoa disse a Egas Faraó que havia encontrado o rastro de um grande número de animais. Enquanto isso, Ábedu Lecur trocava olhares com Eudoxa. Às vezes sentia que precisava dizer tanta coisa, outras vezes se calava, apenas o pecado e culpa sussurravam em seus ouvidos.

Todos estavam diante daquelas inúmeras pegadas de cavalos e marcas de carroças. Egas Faraó inspecionou de onde elas vinham e depois para a direção que seguiam. Ordenou que todos montassem. Dessa vez, ele avançaria na frente:

– Agora, a coisa fica bruta.

5

A escuridão se dissipava. Fora necessário o relincho incontrolável dos cavalos para que se percebesse que era inevitável não pararem de imediato. No meio da noite, onde quer que estivessem naquele imenso vazio de uma escuridão que lembrava o espaço celeste. Mas agora, as últimas estrelas ainda brilhavam com mais intensidade. Vagava o último suspiro do frio da madrugada. Ábedu via nos campos como passaram àquela noite. Toda sua extensão estava branca e nas partes onde se fazia charco, planava o intenso vapor das geleiras. Era necessário que se prosseguisse outra vez.

As ferraduras rompiam as finas camadas do pasto congelado. Pararam quando o sol se encontrava no centro do céu ausente de nuvens. Livraram os cavalos das selas, arreios e pelegos. Ábedu soube que era o momento de revisar ferraduras, dentes e apalpar musculaturas. Deixaram que os animais pastassem à vontade, sem carga alguma nos lombos. Sentaram-se, formando um círculo. Cada qual se impôs na tarefa mais importante daquele dia: limparam as pistolas, espingardas e afiaram facas e espadas. Canuta Arã distribuiu uma porção de canjica para todos. Depois, encilharam os cavalos e se puseram de volta à jornada.

Chegaram às margens do arroio. No horizonte, via-se apenas a metade de um sol alaranjado. Desceram dos cavalos e cada qual puxou sua montaria por sobre as pedras

úmidas. Penetraram numa trilha que seguia sob as árvores unhas-de-gato. Atingiram o cume da coxilha, no ponto quase plano onde havia duas figueiras que lembravam dois imensos guarda-chuvas abertos e retorcidos. Ábedu Lecur avaliou os arranhões nos braços e retirou os espinhos. Escalou os galhos da árvore. Contemplou o horizonte que se perdia como um oceano verde-ouro. Suspirou, exclamando-se em seguida o quanto andaram e ainda não enxergava coisa alguma e rosnou:

– Basilisco maldito, vou te caçar no inferno! – e desceu da árvore.

Deu-se de cara com Egas Faraó. Este coçou a barba:

– Te acalma, negro! A morte sempre chega a quem merece!

6

Do alto daquela coxilha, Ábedu olhava o horizonte. Sentado, com a nuca no tronco da árvore, acompanhava o lento, mas poderoso avanço do sol. E foi-se até o mais longe possível, onde o cinza se tornava verde-ouro. A mudez e a cumplicidade dos campos, e, naquela extensão idílica, ainda havia alguém que estava disposto a matá-lo.

7

Distante algumas centenas de metros, Ábedu Lecur buscava, através da lente do rifle, o homem que procurou pelos meandros de uma terra estranha, cruel e apaixonante. Uma pequena janela para seu futuro. Um portal que o levava aos inúmeros rostos que formavam aquele grande exército. Havia homens de todas as crenças e peles. Viu-se diante de um mistério e se perguntou: o que faz um homem arriscar sua vida por algo que talvez nem saiba o que significa? Mas talvez fosse tarde demais para divagar sobre isso. Buscou o Basilisco, o monstro, o demônio, o mal dos tempos recontado nas superstições da língua peculiar daquela gente da fronteira. Até que o cano da arma parou no alvo:

– Achei! – disse ele.

Egas Faraó agachou-se ao seu lado e como se contasse uma história a um filho, recitou:

– Respire suave como se degustasse o ar que paira a tua volta. Solte o rosto na coronha como se encostasse aos braços de uma mulher. Esqueça tudo! Olhe apenas para o que está lá na frente. As árvores não interessam, nem os bichos. Despreze homens que não são teu alvo e agora puxe o ar como se puxasse o gostoso fumo e soltasse apenas o que não tem gosto!

Ábedu Lecur ouvia e se afundava naquele transe que o aproximava cada vez mais daquele homem sobre o cavalo. Por aquela mira, um orifício de milímetros de diâmetro se tornava uma lupa por onde enxergava muito além do que esperava. Era o Basilisco! Via um homem que o separava de suas conquistas, de sua glória, que o distancia de casa. E com a bochecha esmagando a madeira e ferro fixava-se naquela imagem enquanto o dedo paralisava no gatilho. Sim, pensou ele, o destino daquela revolução estava na carne e ossos do seu dedo. Egas, com os olhos na direção do alvo, mandou que terminasse logo a pontaria e esmagasse o gatilho, antes que cansasse naquela posição. Por detrás daquele homem, o sol era metade de uma gigantesca bola em brasa pura e o céu terminava com leves manchas cor de vinho. Afogando-se na imagem desse homem, Ábedu perguntou-se porque razão tantos o seguiu por tão longas distâncias de perigos e miséria. Sentia-se diante dele como alguém que poria fim ao último representante de uma raça. Havia algo em si que dizia que jamais veria o que estava diante dos seus olhos naquele momento. Até Ábedu Lecur ouviu o disparo e retraída seca da coronha e tão logo outros tiros mais explodiram campo a fora. Viu aquele homem desabar do cavalo e rapidamente os que o acompanhavam o carregarem para dentro do mato. Egas Faraó bateu nas costas de Ábedu:

– Seu filho da puta! Que balaço!

Ábedu Lecur se manteve sentado, com a arma no colo. Nesse instante, suas mãos tremiam. Olhou para Egas Faraó. Tinha os olhos estáticos, o rosto desbotado. Levantou-se e entregou a espingarda. Egas a tomou nas mãos e percebeu que estava fria. Voltou-se para Ábedu, tinha a testa encrespada:

– Não disparou? Por quê?

Ábedu Lecur respondeu num tom de quem não se lembra de nada do que fez:

– Não pude. Apenas isso.

Egas Faraó tirou o chapéu da cabeça e o esmagou com as duas mãos:

– Diabos! – desabafou ele. – Mas alguém fez! Tudo que fizemos se afundou no olho-de-boi. Ábedu Lecur largou-se no chão. Sentou como um homem que se vê no abandono do amor de sua vida. Aos poucos, sentiu que o sangue circulava como antes em seu corpo. O que primeiro surgiu na sua mente foi a sentença de que deveria ter disparado e pronto. Uma, duas, quatro vezes até o quanto aquela poderosa espingarda pudesse cuspir o chumbo ardente e a história seria reescrita.

Enquanto Ábedu se mantinha onde estava, tentando recompor-se de seu fracasso, Egas faraó organizava-se para que se preparassem para fugirem daquele espaço. Tinham de sair logo antes que se envolvessem diretamente com aqueles dois exércitos.

8

A escuridão avançava sobre a terra. Todavia no horizonte ainda se percebiam as silhuetas de homens a cavalo em contraste àquele céu com os respingos do brilho vespertino. Nos campos afluía um clarão trêmulo que aumentava. Era o fogo que serpenteava com rapidez toda a extensão daqueles campos. De onde estava, Ábedu ouvia os estalos da queima, os relinchos e as patadas da tropilha, além dos gritos dos homens que se confundiam em juras de vingança e maldições. Ábedu não entendia toda aquela confusão. Perguntou para Egas o que era aquilo tudo:

– É o que acontece quando se corta a cabeça de uma víbora. O corpo dela se sacode, pula e esguicha sangue para todos os lados – respondeu ele.

– Terá batalha pela manhã?

Com certeza não haveria, confessou Egas Faraó. Naquele momento, o fogo era o senhor dos campos. Ninguém se atreveria a enfrentá-lo ou mesmo aproximar-se dele. Por onde passasse, não restaria nada além de cinzas e desolação. Ábedu insistiu:

– O que faremos?

Egas rebateu:

– Tu não sabes?

Ábedu Lecur sabia disso. Sua pergunta fora idiota. Toda aquela jornada tinha um único objetivo que fora abortado por sua indecisão. Mas não havia certeza de que aquele homem havia morrido. E se o Basilisco fizesse jus à lenda? Mas se tivesse morrido, em algum lugar o enterrariam. Ábedu olhou para Egas Faraó:

– Acha que encontra o rastro dele?

– Queres caçar um defunto?

– Quero encontrar um corpo.

O que Ábedu queria mesmo era privar o exército republicano da glória que pertencia a ele. Amaldiçoou o homem que disparara antes dele. Mas por mil demônios, pensou, até quando reteria sua perversidade?

9

Ábedu matava sua sede na água do riacho quando ouviu o ruído de um cavalo. Ergueu a cabeça. A água dos cabelos escorreu pelo seu rosto. Limpou os olhos. Ofegante, pegou seu revólver. Mas viu que se tratava de Simoa. Avistara três ginetes que vinham da direção deles. Egas Faraó ordenou Canuta Arã e Pulqueria para esconderem os cavalos e os protegessem junto da carga. Os outros ficaram à espera deles.

Não tardou aqueles homens surgirem no horizonte. Quando se aproximaram do mato, Egas Faraó e Ábedu Lecur os flanquearam sob a mira das espingardas. Um dos homens ficou parado, mas os outros dois deram meia volta. O primeiro foi logo derrubado quando Simoa jogou as boleadeiras nas patas da sua montaria. O segundo homem se distanciava, mas logo foi derrubado pelo disparo da arma de Egas Faraó, e não se mexeu mais. O homem que tombou pelas mãos de Simoa, ergueu-se de espada em punho:

- Te mato, cadela! – bradou ele. Era um sujeito gordo, alto, cuja barba roçava o peito.
- Te entrega paisano! – gritou Egas Faraó. – Não seja tolo.

Mas não houve acordo. O homem partiu pra cima de Simoa que desviou da lâmina que desceu por sobre a cabeça. E logo se virou para Eudoxa e avançou sobre ela. Ábedu gritou para Egas:

- Por que não atira nele?
- Agora é uma luta delas. Deixa que eu cuido desse aqui – e manteve a pontaria para o homem ainda sobre o cavalo.

Quando desferiu o golpe contra Eudoxa e essa se jogou para trás, o homem se contraiu. Simoa o estocava com a ponta da adaga e disse:

- Então, porco, vamos pelear!

Outra vez a espada veio num corte diagonal, mas talhou apenas o vento. De novo o homem se contraiu, protegeu-se com a mão. Eudoxa lhe cortou as costas. E antes que ele pudesse enfrentá-la, Simoa o acertava de novo. E assim, de um lado a outro, as irmãs iam furando aquele homem que ia tombando como um tronco que se cortava. O homem estava de joelhos. Ábedu testemunhara tudo aquilo, talvez com mais espanto e medo que os adversários. De joelhos, o homem gemia e xingava:

- Cadelas!

Eudoxa lhe tomou a espada. Simoa chegou a frente dele:

– Duas cadelas e um porco. Grita porquinho! – e enfiou a adaga no peito numa estocada seca e feroz como a agulha de um escorpião.

O corpo da vítima dobrou-se para trás, como se ele murchasse sobre os calcanhares. Ábedu Lecur testemunhara a cena tão impotente quanto apavorado com a violência e naturalidade daquelas mulheres. Elas brigaram como se participassem apenas de um jogo. O medo de que aquele adversário que elas afrentaram matasse Eudoxa, dissipou-se apenas quando escutou a voz de Egas Faraó que pediu para o último sobrevivente da emboscada descesse do cavalo. Este se submeteu sem nenhuma palavra. Quando desceu, Egas orientou que ficasse de joelhos. Depois, disse a Ábedu que o revistasse. Enquanto verificava o que aquele homem carregava, Ábedu levava suas mãos pela cintura e peito. Viu o quanto o

coração desse homem saltava por debaixo da camisa. Não queria, mas foi inevitável não ver seu rosto. Escorria um suor intenso. Nos olhos, havia uma umidade que transbordava. Encontrou apenas uma faca que logo foi retirada. Egas Faraó perguntou ao prisioneiro:

- Tu és um bandido?
- Sou libertador.

Era no que se acreditava o lado rebelde dessa revolta. Os homens dessa luta defendiam o que acreditavam. A liberdade para uns, tirania para outros. Entretanto, Egas Faraó não compartilhava de nada dessas ideologias:

- Libertador do que?
- Do terror que assolou esse estado.

Egas Faraó disse que não lhe importava tiranias, libertações ou essas merdas que prometem o tempo todo. Pois bem, era libertador, um rebelde. E pelo que percebia, vinham de algum lugar e por isso queria que respondesse a uma pergunta direta e simples:

- Onde está o Basilisco?
- Basilisco? – repetiu o prisioneiro desviando o olhar para Ábedu Lecur.
- Sim – disse Egas Faraó. – O Basilisco, o demônio castelhano que é teu comandante?
- O general? – gaguejou o homem. – Nós o sepultamos.

Ábedu Lecur e Egas Faraó entreolharam-se numa troca imediata de ideia e concordância.

10

Longe, no final daquele campo em que se estendia como uma interminável ladeira, as pedras lembravam pontos brancos a marcarem a grama nua. Elas se apresentavam organizadas em colunas e fileiras, quase um mapa ordenado nas divisões das fronteiras entre vidas e mortes. Tinham que ser lápides, pensou Ábedu Lecur quando seus olhos atentaram para o que havia a distância. Era mesmo o cemitério, explodiu em sua mente. Mas antes que dissesse qualquer palavra, sentiu a barreira de vento a bater-lhe a face como um tabefe invisível. Uma quebra de ar, um relincho agonizante do animal que coiceava o vento. Egas Faraó partia como se disputasse a mais importante carreira de sua vida. Atrás dele, com mesmo ímpeto e sede, seguiram Simoa e Pulqueria que a tanto o acompanharam pelas centenas de léguas a fio.

Ábedu Lecur golpeou o cavalo. Lançou-se na caça deles no puro instinto enraizado no cerne de sua alma. Por nenhum instante refletiu esse ato. Já não havia espaço para razão ou ponderações. Instintos brotavam à pele como transpiração aguda em cada poro. Ábedu apenas

injetou-se na ânsia de alcançá-los. Não permitiria que Egas Faraó desenterrasse aquele homem. Seria tão indigno que se tornaria amaldiçoado por toda a sua vida.

Ábedu Lecur os viu correrem cemitério adentro. As patadas ferozes arrancavam lascas de pedras a saltarem das primeiras lápides no caminho. Egas e suas filhas bre caram e saltaram do lombo dos animais. Logo, dividiram-se como se buscassem o tesouro de um mapa. Ábedu atirou-se do cavalo e caiu no chão. Esfolou mãos e cotovelos. Ergueu-se e correu por entre os túmulos na tentativa de que a sorte lhe possuísse antes que seus companheiros. Sabia que precisava encontrar apenas um túmulo que se mostrasse numa aparência improvisada. Mas o que via era apenas lápides deterioradas, de cruces capengas e de gravações que se apagavam. Parou e seus olhos se projetaram ao longo das fileiras de covas. Via apenas as cabeças que desciam e subiam por entre o cemitério. Seguiu na busca. Uma dor lhe apertava a barriga como se algo o fín casse as tripas. Parou outra vez. A respiração se limitava. À sua volta, apenas imagens empoeiradas, disformes por um vento que balançava as árvores e arrastava as folhas secas. Até que ouviu um grito:

– Achei! – e que se repetiu por inúmeras vezes.

Ábedu Lecur recebeu essas palavras como se escutasse a mais cruel notícia possível. Sentiu um grande desânimo. Teve dúvida entre acompanhar ou apenas retirar-se de volta para onde estavam Eudoxa e Canuta Arã. Mas enfrentou a distância, mesmo numa caminhada lenta, de pés que se arrastavam nas pedras. Ache ghou-se para testemunhar a descoberta deles. Quando abordou, os três cavoucavam o túmulo num desespero faminto. Ábedu apenas olhou-os. Poderia contê-los? Questionou-se. Contê-los de que? Engoliu-se de uma nova pergunta. Ele não era ninguém para lhes dirigir uma palavra se quer de censura, de respeito ou moral. Fora ele mesmo que chegara com sonhos na bagagem e discursos proféticos nos lábios. Enquanto isso, saltou-lhe aos olhos o braço que se desterrou. Mesmo suja, via-se com certeza a manga de um casaco militar. Egas Faraó se virou para Ábedu e riu. Mas não um riso de quem se sente feliz, mas de quem convulsiona de loucura e êxtase. E suas filhas cavavam com o mesmo ímpeto e crença de que debaixo do solo havia um baú que lhes mudaria o mundo. Assim, surgiam também as botas, pernas, coxas de um homem. Simoa se moveu e agarrou o cadáver pelos pés e o puxou como um predador à caça. Ábedu olhou para aquele rosto que surgia, de uma barba volumosa cheia de sangue misturado a terra cor de argila. Enquanto isso ouviu a voz de Eudoxa que avisava aos gritos que as tropas do exército marchavam na direção de onde estavam.

E os olhos de Ábedu continuavam presos aquele rosto que saía por completo do túmulo. Um rosto morto, despossuído de tudo, despossuído do poder, da honra e, agora, da dignidade. E ainda mais, também sabia que o despia inclusive da sacralidade que a morte de

um homem lhe reserva. Era ele um animal? Um monstro que profetizava o bem? Quando se deu conta, Egas Faraó segurava o colarinho desse morto enquanto perguntava:

– Quem é esse? É o Basilisco? O Yarárá? O Gualicho? Qual deles?

Como uma estátua de mármore, rachada de dúvidas e arrependimentos, Ábedu apenas ouvia as palavras de Egas Faraó a se repetirem como se fosse a multiplicação de um pesadelo. Não havia resposta alguma para isso. Apenas uma língua presa na boca e ânsia de vômito na garganta. Egas Faraó oferecia, segurando-o pela gola, o morto a Ábedu Lecur:

– Vem buscar a nossa glória!

PARTE II

1 INTRODUÇÃO

Sou da crença de que literatura é representação da vida, da mesma forma que as demais artes. Vejo a literatura como um prolongamento do que acreditamos ser parte de nossa realidade, seja ela compreensiva ou não. Assim, dentro dessa minha perspectiva, percebo que a literatura possui o que chamo de “seu perfil demoníaco”. Há nela um gênio subversivo que invade *corpus*, antes puros e recatados, virando-lhes a cabeça, por vezes como uma senhora de respeito que bebeu além da conta e fala verdades condenáveis. A meu ver, a literatura também é uma força capaz de reconstruir o que já se desfaleceu, o que já não é visto, o que um dia foi esquecido por nós. Nela, sinto o desejo intenso que alcança os mais profundos e obscuros labirintos de nossos sentidos. Entretanto, esse fenômeno não pode se manifestar no mundo comum sem o uso de um meio que o transfira para cá. É preciso uma ponte, um bruxo, um mago ou charlatão que o evoque. Desta maneira, o escritor se assume como o *mediun* desse fenômeno para que esse demônio se manifeste da maneira mais enganosa possível. Anunciando-se numa voz que vai do sublime ao burlesco, do divino ao exótico. Das manifestações desse demônio, ao longo dos séculos, a representação da história é uma das mais curiosas.

No presente ensaio proponho a reflexão desse demônio em uma de suas possessões mais comuns e importantes: a ficção histórica. Para isso, sugiro a reflexão nos aspectos que julgo relevantes, em pontos em que se interseccionam literatura e história para dialogarem e se fundirem em uma única voz. Tratar-se-á como objeto principal dessa síntese o discurso ficcional histórico. Aliada a essa proposta, há também a discussão expositiva do processo criativo da obra original também ancorada em referências teóricas especificamente literárias. Portanto: *O duque da senzala* é uma dissertação de Mestrado em Letras, Área de concentração em Escrita Criativa, constituída de duas partes: uma obra literária original (Uma novela), e um ensaio teórico também dividido em dois níveis. O primeiro se propõe a reflexão literária quando esta se apropria de pontos específicos da história e a subverte. Nessa parte, recorrerei a autores como Hayden White, Linda Hutcheon e Seymour Menton e Mikhail Bakhtin, Paul Ricoeur, Michael de Certeau, além de outros autores, criando-se, assim contribuições a propostas de temas que visam o questionamento de pontos específicos. No segundo nível, constam os processos criativos desse autor ancorados em teóricos como John Gardner, Luiz Carlos Maciel, David Lodge, Cecilia Almeida Salles, James Wood, Oscar Tacca, Vogler e outros.

Neste ensaio, portanto, são abordados os seguintes pontos da criação literária: *dos objetivos da ficção histórica, da pesquisa histórica à ficção, narrador e a voz, de vultos do passado à personagem de ficção, foco narrativo e enredo.*

Cabe aqui ressaltar que todo produto artístico concebe uma nova perspectiva por vezes muito além daquela que serviu de fonte para seu aspecto final. A literatura enquanto ficção se mostra pelo viés linguístico que nos desperta a imaginação e resulta em reflexões nos mais variados sentidos. Porque, ao contrário de outras artes, ela nos induz, transportando-nos às inúmeras realidades possíveis numa inegável viagem dentro de nós mesmos. Assim como para os lugares mais inusitados da vida, morte, dos tempos possíveis ou até mesmo da atemporalidade infinita. A proposta de *O duque da senzala*, entre outros fatores que visam o sucesso de sua construção enquanto novela, é o de levantar questões a respeito do ser humano. Arquitetar uma representatividade de dramas imutáveis. Por fim, no seu aspecto coletivo, ligar-se-á às questões de história, identidade e memória.

2 UM DEMÔNIO ANTIGO

Dizer o que é ou não literatura já envolveu a discussão de muita gente que gastou séculos na busca de uma resposta exata. O que jamais ocorreu. A literatura, esse “demônio”, foi deixada em paz pelos inquisidores e que se mostre aos leitores como lhe convir. Esses a julgarão dentro dos seus princípios e gostos. Mas cabe aqui ressaltar que literatura, no sentido amplo, envolve inúmeras subseções como jurídica, médica e historiográfica, esta última mantém uma relação de convergência que às vezes se confunde com as próprias características literárias de senso comum. Portanto, está dentro da literatura por esta comportar relativamente todos os tipos de discursos. Mas para sermos mais precisos, vamos nos limitar apenas ao universo historiográfico e à literatura aristotélica de representatividade, em especial a de caráter ficcional. Para Chaves (1988, p.9), a fronteira entre literatura e história não separa, antes, determina o ponto de convergência no qual podemos observar a unidade da obra literária. Reflexões desse tipo, do diálogo entre história e literatura dentro de suas linguagens e temas, pairam desde a antiguidade.

Em *Meta-história: a imaginação Histórica do Século XIX*, Hayden White analisa a consciência histórica na Europa do século XIX. Além disso, problematiza questões atuais da história enquanto ciência. White (2008) propõe uma discussão do conhecimento histórico a partir da obra de grandes autores desse período. Considera o trabalho histórico como uma estrutura verbal, na forma de discurso narrativo em prosa. Para ele, a única identidade possível da história seria sua dificuldade em estabelecer a verdade. Com o objetivo de determinar até que ponto o discurso historiográfico se aproxima e dialoga com a ficção,

coloco algumas das ideias de White ligadas a conceitos literários, de autores que refletiram sobre a ficção histórica e seu desenvolvimento ao longo dos últimos anos, como György Lukács, Seymour Menton e Linda Hutcheon.

A ficção histórica se utiliza das fontes para, assim, como a história, estabelecer sua base narrativa sob um discurso que dependerá da intenção de cada autor. O que também não exclui o contrário disso. Historiadores de profissão se debruçam sobre obras literárias para que lhes sirva ao discurso historiográfico, seja como fonte, seja como ponto de partida na investigação a que se destina. Como aponta Valmir Santos (2007):

Também sabe-se que o discurso histórico e o discurso ficcional estão muito próximos, ainda que a verossimilhança da ficção não seja a mesma da história. Da perspectiva da história, aquilo que é verossímil corresponderia à verdade enquanto que, para a ficção, é suficiente algo parecer verdadeiro (p.13)

O mais antigo tratado literário do ocidente, a “Poética”, de Aristóteles, teoriza relevantes aspectos literários, que ainda hoje servem de referência, como os conceitos de Poética e mimese. Nessa poética, reconhecem-se explicitamente como gêneros, somente a tragédia, a epopeia e a comédia. Ou seja, as espécies miméticas que implicam a transformação do caráter do modelo, homem comum, para melhor, como na tragédia e epopeia, ou para pior, como o proposto na comédia (Costa, 2013, p.12). Nesse contexto, volto a Hayden White, cujo principal objetivo é encontrar os elementos poéticos da historiografia e a filosofia da história. Esses “elementos” seriam as características comuns aos gêneros literários: a imaginação e seu caráter verbal para narrar. Com isso, seria possível determinar as características das diversas concepções do processo histórico. Diante desse prisma, esse teórico pretende apontar as várias proposições possíveis mediante as quais envolveu a reflexão histórica. O que o faz a partir da análise das obras históricas dentro de uma perspectiva puramente verbal, isto é, formalista. Entende como necessário, apenas limitar-se ao texto e o que o conjunto discursivo aponta. White se utiliza de uma espécie de análise arquitetônica, quase genética desses processos para determiná-los, o que torna possível mostrar os mecanismos típicos literários no interior dessas obras tidas como amostras de sua pesquisa. Em uma de suas conclusões, White considera o trabalho historiográfico como uma tentativa de mediação entre campo histórico (a pesquisa organizada, a crônica transformada em estória) e o registro histórico. (1973, p.21). Em seu trabalho, a palavra crônica perde o sentido usual de caráter jornalístico. Ela se limita a um estado inerte onde os elementos selecionados de uma fonte histórica estão organizados em ordem temporal. A partir do que chama de crônica, o historiador liga esses pontos dentro de uma narrativa, cujo nome define como estória. Para chegar aos estados de maturação, historiadores lançam mão de três tipos de estratégias: **argumentação formal**, **elaboração de enredo** e **implicação ideológica**, esta

última envolve um ponto a ser alcançado pelas duas primeiras técnicas. Vemos aqui que essas estratégias são semelhantes à organização de uma narrativa ficcional. Meus argumentos e a maneira como irei elaborá-los dependerão da minha ideologia. Todavia, White vai mais além, analisando mais a fundo cada uma dessas estratégias. Para ele, primeiro há quatro maneiras de se elaborar o enredo: a **estória romanesca** (entendido como romance, onde há a representação da aptidão do herói), a **tragédia**, a **comédia** (ambas sugerem possibilidade de libertação desse mundo) e a **sátira** (o homem seria um cativo do mundo, onde não haveria redenção). No que diz respeito à ficção narrativa, há uma grande liberdade no processo criativo. O nível de comprometimento de um escritor literário pode se tornar paradoxal. Se por um lado ele se preocupa com a narrativa no aspecto estrutural, por outro pode desdenhar toda verdade histórica e vice-versa.

Um romance (entende-se também a novela), por exemplo, pode dialogar com outros gêneros literários num sistema de apropriação (Bakhtin, 1990), que formam apenas um conjunto que defende ideias específicas. Como nos aponta Machado (1995), referindo-se a essa concepção bakhtiniana de romance, a definição desse gênero literário passa pelo confronto entre dois sistemas de signos: fala e escritura. Seria o dialogismo como fenômeno elementar do discurso romanesco e de toda relação que o homem mantém com o mundo através da linguagem (1995, p. 48).

A História como ciência é sempre uma representação do passado. Se é que podemos dizer assim, de maneira quase obtusa. Entretanto, as reflexões, estabelecidas entre História e Literatura, exigem certas ponderações teóricas e metodológicas sobre as possibilidades de emprego das fontes literárias na pesquisa histórica. Ambas podem usufruir da fonte de cada uma. Mas a verdade é que as narrativas, sejam elas históricas ou literárias, constroem uma representação da realidade e apresentam um posicionamento ideológico a respeito de nosso imaginário.

O estilo de cada autor se mostra em sua capacidade de organizar a linguagem e das escolhas que faz para desenvolver temas propostos. Para White, metáfora, metonímia, sinédoque e ironia permitem a caracterização de objetos em diferentes tipos de discurso indireto, ou figurado. São artificios especialmente úteis para entender as operações pelas quais os conteúdos de experiência, que resistem à descrição em representações não ambíguas em prosa. Elas podem ser prefiguradas, compreendidas e preparadas para apreensão consciente. Para White, assim como na ficção literária, essas quatro figuras de linguagem desempenhariam papéis distintos numa narrativa historiográfica. A metáfora, sendo um recurso representacional, daria ao leitor a conectividade com as ideias do autor dentro do seu foco narrativo. A metonímia, que, para White, também seria um tipo de metáfora,

desempenha um papel reducionista, pois ela tende sempre a abreviar, cortar excessos. A sinédoque é integrativa, pois interpretaria as duas partes de elementos que se integram para formar uma nova relação. Para Moisés (2013, p.301 e p. 441), enquanto a metonímia estabelece uma constante e lógica relação de contiguidade qualitativa, a sinédoque estabelece quantitativamente. Nesses dois exemplos: “Lia Camões” e “Cortando o largo mar com larga vela” (Camões); no primeiro exemplo temos a substituição do autor pela obra (que reduz, mas o qualifica) e de parte pelo todo, onde se restringe a quantidade. Quanto à ironia, White a considera negacional. Essa figura possui maior carga propositada, ao contrário das anteriores que seriam ingênuas. A ironia é a descrença real ou fingida, a afirmação tácita do que no nível literal é negação, ou o inverso disso (2008, p.51).

Como podemos observar, os tropos teorizados por White são recursos que não se restringem apenas a estilo e originalidade literários, mas também de toda narrativa que busca ser atrativa. Inclusive em nossos diálogos cotidianos.

Voltemos ao principal objetivo do discurso historiográfico: a verdade. Entretanto, onde ela está? Quando Hayden White cita o principal objetivo da história, ele deixa a palavra **verdade** entre aspas. Por quê? Cada ponto de vista enxerga a sua própria verdade. Isso importa à Literatura?

John Gardner (1997, p.39) acredita que a maneira que tem o escritor realista de tornar os eventos convincentes é a verossimilhança. Nesse caso, não que os aspectos contidos na ficção sejam verídicos, mas que criem uma atmosfera necessária que induza o leitor ao sonho proposto. Outro escritor, Henry James (2011, p.19), era da posição de a única obrigação que se deve imputar previamente a um romance, sem cair na acusação de arbitrariedade, é a de que seja interessante. Não raro, leitores comuns buscam conhecimento muito mais em obras literárias que naquelas de referência acadêmica. Há nesse aspecto o simples fato de a narrativa se dividir entre o tédio e a sedução por parte desse mesmo leitor. Noutra passagem, James acrescenta:

representar e ilustrar o passado, as ações do homem, é a tarefa de qualquer escritor, e a única diferença que posso ver é a favor do romancista, se bem-sucedido, porque ele tem bem mais dificuldade do que o historiador e suas provas, que estão longe de ser puramente literárias. (p.15)

Todo escritor visa finalizar seu discurso. Esse término, composto de inúmeras palavras que se ligam e representam o estilo do autor, precisa refletir a ideologia a que se está comprometido. Seja história ou ficção, sempre se tem um ponto de vista contido. Nessa questão, que White chama de implicação ideológica, seria o momento ético de uma obra histórica. Seria a percepção estética (elaboração do enredo) e uma operação cognitiva (o argumento) que pode combinar-se para deduzir enunciados descritivos que pareçam ser

puramente descritivos ou analíticos. Nessa fase é que teremos uma das principais diferenças entre história e ficção.

O modelo de romance histórico defendido por Lukács sofreria a partir da segunda metade do século XX mudanças no aspecto estrutural, mas também ideológico. Para Seymour Menton, em *O novo romance histórico Latino Americano* (1979), além de se caracterizar pela distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronismos, também divergente da fórmula de Lukács, por apresentar:

A subordinação da reprodução mimética de certo período histórico à apresentação de algumas ideias filosóficas (...), como a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou real, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta, ou seja que os sucessos mais inesperados e mais assombrosos podem ocorrer. (pg. 42)

Para Hutcheon (1991, p.157), uma das formas pós-modernas de incorporar literalmente o passado textualizado na inscrição do presente é a paródia. Assim como a intertextualidade que não passaria de uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor; e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. Esse “desejo” faz parte da ideologia do autor. Enquanto o historiador investiga sua verdade, o ficcionista inventa a sua. Desta teremos a organização e crítica de dados e de outro a subversão do que seria essa verdade que, uma vez trazida ao presente, é contestada de forma burlesca.

Percebe-se que os processos criativos tanto historiográficos quanto ficcionais nascem como um funil ao contrário. Nas suas concepções, geram-se de maneira semelhante, mas com o tempo vão se afastando até que se maturem como obras características em seus ramos. Para Hutcheon (1990), não raro a metaficção historiográfica chama a atenção para “utilização de convenções para-textuais” que são introduzidas com objetivos ratificadores ou desmistificadores quanto a “autoridade e objetividade das fontes e das explicações históricas”, aproveitando-se das verdades e mentiras do registro histórico, onde:

demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada (...), consegue ampliar o debate sobre implicações ideológicas da conjunção foucaultiana entre poder e conhecimento – para os leitores e para a própria história como disciplina. (p. 158)

Em sua Meta-história, White tenta defender ou apenas mostrar que o trabalho historiográfico, assim como outras ciências, faz uso de técnicas tipicamente literárias. Essa necessidade é justificável pelo objetivo e meio proposto. Se a investigação histórica visa uma verdade a partir de certo ponto de vista, este precisa ser construído por meio de uma linguagem clara e sedutora, o que também exige de que maneira essa linguagem será organizada e proposta. O certo é que Literatura e História são da mesma árvore genealógica do discurso. Nada mais fazem que seguirem por galhos distintos. O que se mostra na própria

crença de White na concepção da obra historiográfica possuir a mesma raiz literária. Quando esse autor descreve e analisa o processo criativo do historiador que, por meio da análise dos documentos, discorre de um processo precognitivo e precrítico. Nesse caminho, há a imaginação dos fatos ocorridos que se formam na consciência do historiador e tudo é formulado com verbos que irão representar e explicar o que “realmente” aconteceu, ou não.

3 A POSSESSÃO LITERÁRIA

Como reflete Ricoeur (1994, p.116), “Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas”, e isso resume séculos da existência de nossa civilização. Antes que se definisse o romance como gênero, a narrativa de caráter histórico ou memorialístico sempre esteve entre nós. Seja na criação de um passado mítico, seja no questionamento identitário. Não importa. Esse conceito de Ricoeur define com precisão um dos objetivos dessa novela: contar histórias, relato de personagens (mas não seriam pessoas?) que merecem sair do anonimato. Dar nome e não adjetivos, dar voz ao invés de apenas sotaques. A literatura tem dessas coisas: trazer à tona o que estava esquecido ou silenciado, brotar de onde foi castrado. Pretende-se nesse trabalho trazer a lume personalidades que ainda estão no obscuro esquecimento histórico-literário. Mas não como personalidades históricas propriamente ditas, que batizam monumentos em praças e ruas mal iluminadas. Mas figuras que voem entre a lenda e a vontade de que tivessem mesmo existido. A proposta dessa ficção histórica, ou seja lá o que for classificado aos olhos dos futuros empoeirados da teoria, não visa os clichês estereotipados, personagens batidos¹ em que a cor da pele é pré-requisito ao sofrimento passivo e linguagem caricatural. Tampouco objetiva a um processo literário desgastado ou experimental, onde a estrutura e a linguagem em nada despertam interesse ao público leitor (para mim o básico em narrativa). O que não insinua dizer que não possa contribuir ao estudo acadêmico. Como se trata de uma novela, cujos objetivos também se ligam à memória coletiva e à identidade, justifica-se a importância de estabelecer um diálogo passado-presente.

Recorro outra vez a esses dois autores metaficionais, repetindo e reutilizando suas ideias, onde John Gardner (1997, p.39) acredita que a maneira que tem o escritor realista de tornar os eventos convincentes é a verossimilhança, o que não tem nada a ver com realismo. Uma obra literária busca a fluidez da condução de um caminho de sonho. A vida só se torna suportável graças às inúmeras possibilidades que tem em recriá-la quantas vezes for possível. O verossímil, aqui, não se trata do aceitável, do racional propriamente aceitável, mas da sedução capaz de enlaçar o leitor e levá-lo sem queixas aonde a voz narrativa quiser. Outro

¹ Aqui faço referência ao mito do gaúcho, tão cimentado pela literatura sulina durante a segunda metade do século XX.

escritor, Henry James (2011, p.19), era da postura de que a única obrigação que se deve imputar previamente a um romance, sem cair na acusação de arbitrariedade, é a de que seja interessante. O que nos leva a ir adiante num trabalho que se expõem nas letras em papel? Todos sabem que as bulas e os manuais de instrução são importantes, mas que a maioria das pessoas detesta lê-los. Não há tema saturado nem conflito original, a falha de cada narrativa consta na carência interna de sal arquitetura, suas estratégias de como atrair seu público. Os dois autores se colocam diante de duas razões básicas que caracterizam a prosa literária, apesar e encontrarmos excelentes ensaios da área da história ou filosofia, cuja escrita é repleta de maestria, enche-nos os olhos de prazer e conhecimento.

No texto literário, apesar de possuir um método e características bem definidas, não podemos esquecer que o autor possui liberdade dentro da criação, não se prendendo apenas à recriação do verídico, mas entregando-se à construção do texto processado a partir da imaginação e da fantasia literária.

Sempre houve um flerte entre história e literatura e vice-versa. Um relacionamento muito mais escancarado literariamente que na história. Por esta se considerar uma ciência e como tal preza na missão da busca por respostas que conduzam à veracidade dos fatos. Também tende a resistir aos devaneios sedutores da estética e originalidade literária que se preocupam mais com estranhamentos, subversões e abertura de outro viés possível ao dialogismo inesperado. A literatura, como tudo que faz parte da natureza, sempre se reinventa ou se transforma. Como teorizou Aristóteles, o historiador e o ficcionista (poeta), na realidade se diferem porque um narra o que aconteceu e outro o que poderia ter acontecido. Pelas mãos do ficcionista tem-se a nova oportunidade de se conhecer o que foi escondido, sonogado ou mesmo o direito à voz representativa. Também, pode-se experimentar um novo viés para abertura a questionamentos e reflexões. Conforme Aristóteles (1960)

Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por 'referir-se ao universal' entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu. (p.37)

O que para o filósofo também não basta, nesse caso, o escritor apenas conhecer a estrutura e arquitetá-la inteligentemente. É necessário que também saiba contá-la e que sua "mimese" seja convincente. O fato não é convencer de que existiu, mas sim que poderia ter existido. Daí terá não apenas o jogo, mas também o sublime literário. A vontade humana que esses fatos, homens, mulheres e criaturas no geral, poderiam mesmo ter existido. E de fato eles acabam mesmo existindo em nosso plano real. Não raro nomeiam lugares, ruas e até nomes de pessoas de nossa sociedade. Para Michel de Certeau (1986), um dos grandes

representantes do estudo historiográfico moderno, esses diálogos não podem ser ignorados, uma vez que:

nesse caso, o discurso histórico configura-se como um espaço onde estão presentes; [...] relações entre um lugar (um recrutamento, um meio, um ofício, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana, ‘enquanto prática. Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita. (p.66).

Outra vez lembro que o processo historiográfico, em parte, é semelhante ao literário. O que os difere são os objetivos finais. Para Hayden White (1995), o próprio processo historiográfico:

Os arranjos selecionados da crônica, no interior de uma estória suscita os tipos de questões que o historiador deve prever e responder no curso da construção de sua narrativa. (...) “Que aconteceu depois?” “Como isso aconteceu?” “por que as coisas aconteceram desse modo e não daquele?” “O que deu no final de tudo isso?” Essas perguntas determinam as táticas narrativas que cabe ao historiador empregar na construção de sua estória.” Entretanto perguntas como “Que significa tudo isso?” “Qual a finalidade disso tudo?” (p.22).

Esse mesmo processo é utilizado pelo escritor ficcionista que nesse momento pesquisa e questiona, mas que depois cria uma verdade (im)possível. Para Lukács (2011), que defende que a ficção histórica nasceu com Walter Scott, o gênero romance seria contrário aos ideais românticos. Entretanto ligados aos interesses burgueses, como as novas mudanças econômicas, sociais e políticas do momento. Assim como uma conscientização ligada à relevância da história do próprio país e do mundo. Com isso, definiu algumas características desse modelo, como nos aponta Baumgarten (2000):

a – traçam grandes painéis históricos, abarcando determinada época e um conjunto de acontecimentos; b – a exemplo dos procedimentos típicos da escrita da História, organizam-se em observância a uma temporalidade cronológica dos acontecimentos narrados; c – valem-se de personagens fictícias, puramente inventadas, na análise que empreendem dos acontecimentos históricos; d – as personalidades históricas, quando presentes, são apenas citadas ou integram o pano de fundo das narrativas; e – os dados e detalhes históricos são utilizados com o intuito de conferir veracidade à narrativa, aspecto que torna a História incontestável; f – o narrador se faz presente, em geral, na terceira pessoa do discurso, numa simulação de distanciamento e imparcialidade, procedimento herdado igualmente do discurso da História (p. 170).

Uma pausa se faz necessária neste ponto para interagir com a novela que se propôs na presente dissertação. Das características apontadas acima, a minha ficção histórica se liga aos seguintes pontos: recortes de painéis históricos do século XIX; certa temporalidade cronológica, mas não metódica; ps personagens puramente fictícias, mas não há a presença de personagens históricas e o narrador se coloca na terceira pessoa.

Rejane de Almeida Ribeiro (2009), no seu trabalho sobre aspectos do romance histórico clássico e pós-moderno, faz uma breve análise das ideias de alguns teóricos que se

debruçaram nesse tema. Segundo Ribeiro, Joseph Turner e Harry Shaw (apud MARINHO, 1999) estabelecem três tipos de escrita histórica:

- a - romances históricos documentados, que empregam personagens fictícias e reais;
- b - romance histórico disfarçados, uma recriação histórica, mescla de documento e invenção;
- c - romances históricos inventados, onde o narrador desempenha o papel de um historiador, fingindo estar relatando uma realidade extratextual. (p.30)

Shaw ainda define de igual modo, três tipos de romance histórico de acordo com o papel desempenhado pela história como o tipo **pastoral**, onde as preocupações do presente são projetadas; o **dramático**, em que a história fornece existência à ficção; e o tipo **temático**, já que o assunto do enredo é a história. Ainda em seu trabalho, Ribeiro lembra que para Bernard Guyon (1975), as personagens principais desses romances poderiam ser classificadas em três categorias: **os grandes homens**, personagens que se encontram no centro gerador de mudanças das coisas; **os homens médios**, personagens jovens, simpáticas, cujas aventuras pessoais poderiam se passar em algum lugar importante da trama; e, finalmente **os grupos**, numa renúncia aos heróis, aqui transformados numa classe, em herói coletivo. E por último, apoia-se em Tadeusz Bujnicki (1980), que afirma que, apesar de os romances históricos se apresentarem na forma de romance, a diferença desse gênero está no resgate do passado glorioso e heroico dos povos e no desafio de transformar história em literatura. O autor distingue o novo gênero das demais formas pela sua força de expressão e riqueza de detalhes, o que dá ao leitor do presente uma ideia da vida e dos costumes da época retratada:

- a) tema histórico como ponto de partida para a narração; interação entre a fama ficcional e o plano histórico; b) tentativa de legitimar o plano histórico pelo uso de referências documentais numa interação com o universo criado ficcionalmente; c) tentativa de recuperar estruturas e estilos do passado; d) o tema é, geralmente, moralizante e heroico; e) escolha pela narração do passado em detrimento do presente e do futuro; f) as personagens dos romances históricos tradicionais representariam valores morais e éticos que, na maioria das vezes, são maneiras utilizadas pelo narrador como forma de criticar o presente. (p.77)

Para Seymour Menton, em *Nueva Novela histórica de la América Latina* (1979), além de se caracterizar pela distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronismos, esse novo romance, que surge a partir da segunda metade do século XX, diverge da fórmula de Lukács por apresentar:

- A subordinação da reprodução mimética de certo período histórico à apresentação de algumas ideias filosóficas (...), como a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou real, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta, ou seja, que os sucessos mais inesperados e mais assombrosos podem ocorrer. (p. 42)

Menton (1979) acredita que se deva entender como romance histórico as narrativas cuja ação corresponda, predominantemente, a um passado não experimentado pelo escritor e que esteja pautado na reconstituição positiva do passado, ao mesmo tempo e que se distancia

da historiografia oficial. “Es la re-creación de la vida y los tiempos de un personaje histórico lejano” (1979, p.34). Conforme Hutcheon, essas ficções sugerem que “reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico.” (1991, p. 147). Esse ato não é o de apenas “mostrar”, mas sim de “revelar” que possui conotação bem diferente. Revelar algo é apresentar o que pode nos chocar, surpreender-nos por ter sido escondido, sonogado ou omitido. É o que demonstra boa parte das ficções de caráter historicista, pois, uma vez desmitificados os fatos importantes da história, trazem a público informações oficiais que reforçam sua narrativa literária.

Do século XIX ao final do século XX, percebe-se toda uma grande evolução ou descaminho do chamado romance histórico. Essa guinada se deu com grande ímpeto a partir da segunda metade do século passado. Não se podem ignorar as grandes consequências do pós-45. Além da imensa lacuna que se abriu junto ao trauma mundial, nos anos subsequentes tivemos uma continuidade de violência desenfreada nos países não envolvidos diretamente na guerra. Com a divisão do mundo em dois blocos, desencadearam-se conflitos acompanhados em tempo real pela opinião pública, como a guerra do Vietnã, as de independência das colônias africanas e as ditaduras latino-americanas. Frente aos flagelos dessas décadas, voltou-se para o passado com a finalidade de nova interpretação. Essas narrativas “pós-modernas”, Linda Hutcheon denomina como “metaficções historiográficas” aos romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos.

Na maior parte dos trabalhos de crítica sobre o pós-modernismo, é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria – que tem constituído o principal foco de atenção. A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (1991, p. 21-22). Nessa perspectiva, definiria as fronteiras entre ficcional e a história, pois “[...] ela estabelece a ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriade, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radicais” (Hutcheon, 1991, p. 155). Com isso, apesar de impor limites “territoriais”, a ficção histórica torna-se mais artística, experimental, utilizando-se para questionar fatos históricos ao invés de justificá-los. Uma das maiores contribuições desse tipo de ficção “pós-moderna” seria exatamente seu ponto de vista. Ao contrário do gênero clássico, cujo foco era por via de homens medianos entre acontecimentos de relevante representatividade, vê-se a focalização de grandes personagens

sob um ponto de vista incomum, chegando até ao sarcasmo, burlesco e de informações da vida íntima. Hutcheon acredita que as suas principais características seriam:

- a) As personagens marcadas no antigo modelo não têm mais função ou são atacadas ironicamente;
- b) Os protagonistas dos romances pós-modernos são os marginalizados, os excêntricos que passam a ter maior destaque por serem mais interessantes, já que apresentam tipos históricos e sociais das grandes massas.
- c) Os marginais condicionam a focalização e podem figurar como principais.
- d) A instabilidade da focalização mostra a precariedade do passado, facilitando o surgimento de múltiplas perspectivas, além de problematizar o conhecimento da história, favorecendo o surgimento de reflexões sobre questões dadas como certas.
- e) A descrição detalhada pode incorporar-se, mas a situação não é importante, ou seja, aos detalhes não é dada significação.
- f) Os romances históricos tradicionais são uma contribuição para a Literatura na medida em que relacionaram fatos históricos e construção ficcional.

Esse tipo de romance, assim como os Pós-Modernos, mostram-nos que a ligação entre Literatura e História vai além da questão de representação. (RIBEIRO, 2009, p.80).

Outra característica do romance histórico pós-moderno (o que não é restrito a este gênero) é seu caráter dialógico, seja implícito ou explícito, da maneira carnavalesca ou mesmo da polifonia, conforme determinou Bakhtin (1990). Para este autor, que entende romance como discurso, entende a língua como organismo vivo. Seu conceito de dialogismo permeia a concepção de que a linguagem está sempre em processo de interatividade. Para Bakhtin,

a representação do passado no romance não implica absolutamente a modernização deste passado. Pelo contrário, a representação autenticamente objetiva do passado enquanto tal só se torna possível no romance. A atualidade, com sua experiência nova, persiste na sua mesma forma de visão, na profundidade, na agudeza, na amplitude e na vivacidade dessa visão; mas ela não deve penetrar em absoluto no próprio conteúdo da representação como uma força que moderniza e que altera a singularidade do passado. Pois toda atualidade importante e séria tem necessidade de uma imagem autêntica do passado, da autêntica linguagem estrangeira de um passado estrangeiro. (p.419)

O romance, desde sua ascensão, tem sido utilizado como grande representante da cultura literária. Sua estrutura, geralmente caudalosa, dá espaço suficiente às figuras representativas que desenvolve reflexões de pontos diferentes. O romance histórico, que segundo Lukács (2011), é originário do romance social realista do século XVIII, vem desempenhando um papel de inúmeras variantes na sociedade, tudo dependendo da situação em que se encontra uma coletividade. Não raro de caráter político (no sentido amplo) busca sempre uma resposta ao presente, procurando preenchê-lo ou justificando-o. Para Lukács, os romances históricos clássicos têm algumas características inegáveis, como grandes painéis históricos, temporalidade cronológica, dados históricos para conferir veracidade à narrativa, e narrador em terceira pessoa, o que visa certo distanciamento. Esse “modelo” seguiu por

longas gerações O romance histórico no Brasil nasce da necessidade de construir sua nacionalidade. Após a independência foi preciso “inventar” nossas origens em um passado mítico, mesmo que utilizasse uma matriz puramente europeia. Para Baumgarten, esses alicerces são percebidos até os idos do século XX o que apenas ganharia maior projeção e fôlego “após os anos 1970 [do século XX]”, onde assistimos ao aparecimento de um grande número de romances voltado para a recuperação e a escrita da história nacional, que é revisitada em seus diferentes momentos. O que o autor chama de “novo romance histórico brasileiro”, pois “se preocupa não somente com a reconstituição de fatos históricos como também faz uma análise do processo literário do país”. (Baumgarten, 2000, p. 170)

Como aponta Reis (2003, p.17 e 19), as fronteiras que delimitam o fenômeno literário são imprecisas, uma vez que, pela inclusão de certos textos dentro desse campo literário e pela exclusão de outros, não se anula a possibilidade de existirem situações híbridas; são essas situações híbridas que desvanecem a fixidez com que eventualmente poderia postular-se a existência de um campo literário com margens rigidamente determinadas. É por essa multiplicidade dialógica presente nesse campo, de maneira ora inclusiva e exclusiva, gerando-se novas produções, que a literatura mantém sua condição institucional em três âmbitos autônomos: dimensão sociocultural, histórica e estética (Reis, 2003, p.24).

4 EVOCANDO O DEMÔNIO

Existem infinitos manuais que se oferecem àqueles que aspiram à vida de escritor. São orientações aos mais variados desejos, pois nem todos os que querem ser ficcionistas sentem-se dispostos a sê-lo seriamente. A ilusão é o que mais os rodeia. A obra *Cartas a um jovem escritor* (2006), de Mario Vargas Llosa, é um excelente livro de orientações aos escritores iniciantes. Uma das primeiras dicas que contém, e a mais importante na minha concepção, é quando se refere as poucas certezas que possui quanto à vocação literária, quando o autor afirma que:

o escritor sente intimamente que escrever é a melhor coisa que jamais lhe aconteceu, e pode acontecer, pois escrever significa para ele a melhor maneira possível de viver, independente dos resultados sociais, políticos ou financeiros que possa alcançar com o que escreve. (p.5)

E esta ideia que Llosa chama de “Parábola solitária” que é a ficção, não passa de uma mentira que encobre uma verdade profunda: ela é a vida que não foi, a que os homens e mulheres de determinada época quiser levar e não levaram, precisando, por isso, inventá-la (LLOSA, 2006, p.9). Para ele, a vocação literária não é um passa tempo, um esporte, um laser refinado que se pratica nas horas vagas. É uma dedicação exclusiva e excludente, uma

prioridade à frente da qual nada pode passar, é uma servidão livremente escolhida que transforma suas vítimas (suas ditosas vítimas) em escravos. (2006, p.13)

Cartas a um jovem escritor, apesar de não ser um texto especificamente acadêmico, tem muito a oferecer. Mostra aos escritores o quanto é importante a humildade de escrever e aprender sempre. O autor acerta em muitos aspectos. Quando, por exemplo, diz que “a raiz de todas as histórias está na experiência de quem as inventa” (p.19) e que “o escritor não escolhe seus temas: é escolhido por eles (p. 21). E vai mais além dessa certeza quando afirma que:

O romancista autêntico é aquele que obedece docilmente às regras ditadas pela vida, escrevendo sobre esses temas e evitando os que não nascem intimamente da sua própria experiência e lhe afloram à consciência com caráter de necessidade. Nisso consiste a autenticidade ou sinceridade do romancista: em aceitar seus próprios demônios e servi-los na medida do possível. (p.28)

Por si só nenhum tema é bom ou ruim em literatura. Todos podem ser ambas coisas, e isso não depende do tema em si, mas daquilo em que um tema se converte quando se materializa num romance por meio de uma forma, ou seja, de um estilo e uma estrutura narrativos. É a forma que reveste o que faz com que uma história seja original ou trivial, profunda ou superficial, complexa ou simples, o que dá consistência, ambiguidade de verossimilhança aos personagens ou faz deles caricaturas sem vida, marionetes. Esta é outra das poucas regras no terreno da literatura que, acho eu, não admite exceções: em um romance, os temas em si nada pressupõem, pois serão bons ou ruins, (...) (LLOSA, 2006, p.29).

O que também não significa que escolher bons temas garanta o sucesso do trabalho. Llossa nos lembra de algo simples que não pode faltar que, apesar de óbvio, sua falta faz com que a obra não se sustente. Os romances são feitos de palavras, o que significa que a maneira como o autor escolhe e ordena a sua linguagem é fator decisivo para que suas histórias tenham ou não poder de persuasão (2006, p.43). A literatura é puro artifício, simples assim, como toda arte o é. E a falta de conhecimento da técnica logo faz com que a obra se desbote frente a mais básica nas leituras acuradas.

Antes de tratar aspectos do processo criativo propriamente dito, discorrerei sobre alguns pontos da seara ficcional, como estrutura narrativa, a importância do título e do narrador. Logde acredita que:

a escritura da ficção impõe uma troca constante, de um lado, o estabelecimento de uma estrutura, de um padrão e de um fechamento, e, do outro, a imitação da aleatoriedade, das incongruências e da abertura da vida. As coincidências, que nos surpreendem na vida real com simetrias que não esperávamos encontrar, são um recurso estrutural óbvio na ficção, mas seu uso excessivo pode ameaçar a verossimilhança de uma narrativa. O nível aceitável de coincidência varia, é claro, de um período a outro. (p.158)

Todo trabalho possui um título. Como aponta Logde (2010, p.200), o título de um romance é parte do texto – na verdade, a primeira parte que encontramos – e tem, portanto, um poder considerável de atrair e condicionar a atenção do leitor. Infelizmente isto é verdade e segue a mesma linha que desfaz a lenda de que não se julga um livro pela capa. Curiosamente, ao contrário de outros trabalhos que tive, o título “O Duque da senzala” nasceu antes de o projeto estar amadurecido. A intenção foi unir essas duas palavras, duque e senzala que são opostas. Um remete a quem possui um ducado, uma grande área sobre seu poder, enquanto a senzala, como é de conhecimento de muitos, era o local onde dormiam os escravos. Desta união objetivou-se uma ironia, mas também a tentativa de mostrar que a nobreza de caráter não vem apenas da nobreza.

Romance e Novela são respeitados em grande parte por sua extensão e complexidade arquitetônica. Uma longa história onde se espera que tudo funcione harmoniosamente. Que tudo ali implantado possua uma função. O entrelaçamento de personagens, cenas, conflitos, tempo e cenário se convertam no fluxo contínuo ao clímax e seu fim. Um exemplo estrutural de narrativa é como imagina Lodge (2010, p.223). Para ele, a estrutura de uma narrativa é como uma estrutura de vigas que sustentam os arranha-céus. Não a vemos, mas é ela que determina o formato e as características desse edifício. E lembra Aristóteles, quando este definiu que numa narrativa um começo é o que não requer que nada o preceda; o fim é o que não requer que nada o suceda; e o meio precisa de algo antes e de algo depois.

Um trabalho de ficção não é um método confiável para se verificar ou falsear hipóteses sobre a sociedade, e o conceito de “experimento”, na literatura e nas demais artes, em geral é entendido como uma abordagem radical ao recurso do estranhamento. Um romance experimental é uma obra que rompe com as formas tradicionais de representação da realidade – seja na organização narrativa ou no estilo, ou ainda em ambos – a fim de intensificar nossa percepção. (LOGDE, 2010, p. 113)

5 COMO SE FAZ UM DEMÔNIO

Quando li o trabalho de Cecilia Salles, *Gesto inacabado – processo de criação artística* (6ª ed., 2014), percebi de imediato que tinha a ver não só com o desenvolvimento da presente novela, como com todos os demais projetos que desenvolvi nesses últimos anos. Para mim, uma das coisas mais interessantes da crítica genética, representada na figura de Salles, são os rastros desse processo artístico. Para autores do meu calibre, isto é, que ainda atravessam um momento de indecisão no desenvolvimento da obra, medo do seu fracasso

antes que se conclua ou mesmo a rejeição e não entendimento público, surge como consolo. Alívio porque se percebe que o caos inicial, as diversas vozes, lapsos do que parece pertencer a distintos trabalhos, no final se convergem na harmonia de uma forma que se espera. Depois desse rebento, ideia inicial dessa fusão de espermatozoide e óvulo, há muito que ganhar formas, reinventar mil possibilidades e contornos, pois até nessa irrisória gênese há criatividade (SALLES, 2006, p.19). Uma vez em movimento, o projeto segue, e Salles, em sua pesquisa, aponta que:

muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de ideais, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização. (p.33)

Assim como o ferreiro, depois de separar o metal disforme para moldá-lo quantas vezes for preciso até que atinja o molde, resistência e beleza necessárias. Esta dinâmica, que começa já na reunião e seleção de material, para Salles (2006, p.39) seria o projeto pessoal caracterizado pelos gostos e crenças singulares do artista que rege suas ações no movimento criador onde serão revelados as escolhas, questões estéticas e o contexto em que o autor também está envolvido. Assim como as interações, são responsáveis pela proliferação de novos caminhos: provoca uma espécie de pausa no fluxo da continuidade, um olhar retroativo e avaliações, que geram uma rede de possibilidades de desenvolvimento da obra. (2006, p. 27). Sem ação inexistente gesto criador. Na gênese artística, surgem ao longo do trajeto, outros caminhos que se oferecem, à medida que se vá pesquisando e refletindo. Nem todos os galhos de uma árvore são necessários, alguns devem ser podados para que ela cresça mais forte e saudável.

Apesar de a obra de Salles ser voltada para a crítica e não com objetivo de orientações a o processo criativo, como muitos manuais de criação literária, o seu trabalho funciona como orientador. Há nesse trabalho uma voz acalentadora, no sentido de que desvela para os artistas em começo de estrada que seus problemas não são exclusivos. Assim, pode-se compreendê-los e manter-se firme no projeto, na crença de que os obstáculos serão vencidos. Tudo uma questão de tempo, trabalho e persistência. Esse momento “transitório” é onde devem adaptar-se aos consequentes erros, ajustes e erros outra vez. Salles chama de “convivência de mundos possíveis” essas hipóteses e testes permanentes que o artista encaixa, melhora, exclui e recria.

O grande projeto vai se mostrando, desse modo, com princípios éticos e estéticos, de caráter geral, que direcionam o fazer do artista: princípios gerais que norteiam o momento singular que cada obra representa. Trata-se da teoria que se manifesta no conteúdo das ações

do artista: em suas escolhas, seleções e combinações. Cada obra representa uma possível concretização de seu grande projeto. (SALLES, 2006, p.39)

No que diz respeito ao meu processo criativo da novela, quando esta já possui sua coluna principal e personagens essenciais definidos, é um trabalho desenvolvido independente de sequência. Não sigo do início e respeito o meio e o final, aliás, este último é o que mais considero, apesar de que pode ser mudado. O que dependerá do tempo e relevância. Entretanto, até que se complete a primeira versão da novela, vou preenchendo o corpo com ideias, diálogos e cenas à medida que me surjam a mente e as considero interessantes. O que se ajusta ao desenvolvimento contínuo da obra deixa claro que não há ordenação cronológica entre pensamento e ação: o pensamento se dá na ação, toda ação contém pensamento (SALLES, 2011, p. 59).

Outro aspecto importante de a Crítica genética com que me identifico muito é quando Salles descreve o processo ao longo de seu caminho, quando diz que:

a coleta sensível que o artista faz ao longo do processo, recolhendo aqui, sob algum aspecto, o que lhe atrai. São seus modos de se apropriar do mundo. Essa sensação é intensa, mas fugaz; e, mais que isso, é, muitas vezes, responsável pela construção de imagens geradoras de descobertas, que não se limitam ao campo da visualidade (p. 68)

Percorri longos dicionários que me ajudassem na representação da linguagem peculiar da fronteira, do cenário e da caracterização de personagens e conflitos. Assim como inúmeros livros que representassem o mais próximo possível do testemunho dos fatos. De todo esse material, retirei muito pouco, não porque seriam desinteressantes, mas porque objetivo algo original e subversivo. Queria uma obra de ficção, não uma pesquisa histórica propriamente dita. E com essas essências de que me apropriei impus gestos transformadores e construí novas formas (SALLES, 2006, p. 99). É exatamente a maneira como o projeto foi se concretizando. Como é uma novela de contexto histórico, mas de questões universais, buscou-se na pesquisa histórica pontos eficazes para a configuração e para o sonho a ser criado. Mas por outro lado, essas novas formas precisavam que se depositasse o conteúdo da verossimilhança, o que exigiu a drenagem dessa realidade externa para dentro da narrativa.

Claro que até que o trabalho fique pronto (apesar de haver aqueles que não acreditem nisso) passará por muitos ajuizamentos, cortes e substituições ao passo que a ideia crítica também evolui. Há uma espécie de desvelamento que mostra os pontos a serem suprimidos e acrescentados. O que, para Salles, é o momento em que “o ato criador como uma permanente apreensão de conhecimento é, portanto, um processo de experimentação no tempo” (SALLES, 2011, p. 133). Uma vez definida a forma, parte-se ao caminho do fim. Mas até que ele chegue, muitas escolhas ocorrerão.

6 O ESCRITOR E SEUS DEMÔNIOS

Cada escritor enfrenta seus demônios enquanto luta na concretização de projeto literário. Essa provação envolve aspectos bem mais complexos do que muita gente fora do eixo literário imagina. Dogmas, pesquisa bibliográfica, deficiência técnica e a sua própria filosofia do mundo. Sempre há o que aprender. A cada sobrevivência dessa longa jornada, renascemos mais forte.

Sou do parecer de Vargas Llosa quando disse não haver escritores precoces, respeitadas raras exceções. Há pessoas que duvidam que alguém aprenda a ser escritor nas oficinas ou academias. Sempre acreditei no aprendizado, evolução e aperfeiçoamento. Assim como nas demais artes, a literária também exige talento. Alguns com maior profundidade, outros um pouco mais rasa. Assim é a vida. Mas no meu caso, sem falsa modéstia, considero-me um autor apenas esforçado.

Acredito em todas as áreas que investem na escrita. Assim foi e está sendo o mestrado de Escrita criativa. A teoria em que me debrucei contribuiu diretamente na construção desse projeto. Uma vez que o material que pesquisei fosse suficiente para iniciar o planejamento literário, arquitetei a trajetória do protagonista com base em *A Jornada do escritor*, de Christopher Vogler. Há aqueles que torcem o nariz, sem antes lê-lo. Mas muitos esquecem que antes de pensar em subverter um tipo de arte, devemos antes de tudo conhecê-la ao máximo possível. Uma referência que Vogler aponta é básica quando diz que “Em qualquer boa história, o herói cresce e se transforma, fazendo uma jornada de um modo de ser para outro: do desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria, do amor ao ódio, e vice-versa.” (2006, p.52). Outra grande verdade que compartilho com Vogler é que:

A abertura de uma história (...) tem que conter uma certa carga. Tem que agarrar o leitor ou o espectador, dar o tom da história, sugerir para onde vai e transmitir um monte de informações sem perder o ritmo. Um começo é, realmente, um momento delicado. (p.137)

Se no final da história a personagem principal não se transformou, se volta igual a como partiu, não houve história. Numa narrativa que se prese, tem que haver conflito e o protagonista precisa ir de encontro a esse conflito. O nó a ser desmanchado ou superado. Mesmo se os caminhos que seguem nessa narrativa só conduzirem para dentro de sua própria mente (da personagem) ou para o reino das relações entre as pessoas, que são meramente psíquicas.

Para Vogler (2006, p.53), a maioria das histórias desloca o herói para fora de seu mundo ordinário, cotidiano, e o introduz em um Mundo Especial, novo e estranho. Quando fechei as primeiras versões de “O duque da senzala”, observei que, involuntariamente, o

trajeto que meu herói daria início quando fosse deslocado de seu mundo e introduzido ao mundo especial. Ábedu Lecur, protagonista da novela, sai da capital e vai para a fronteira da província, onde a guerra civil se concentra.

O deslocamento dimensional acontece, como aponta Vogler, numa espécie de chamado à aventura, um problema, um desafio, uma aventura a empreender. Para Ábedu Lecur, o chamado é o desafio de conquistar força política, prestígio, reconhecimento para que atinja um patamar necessário para influenciar na questão dos negros pós-escravidão e marginalizados. Pessoas que se encontravam quase que totalmente à margem de tudo. E acredita que, na Revolução Federalista, uma disputa política levada a cabo entre republicanos e monarquistas, militares e guarda nacional, na figura de estancieiros, é a oportunidade que esperava. Essa será sua aventura. Apesar de literariamente ser a menos importante por haver na presente narrativa outros aspectos relevantes. Dessa maneira, Vogler acredita que

o Chamado à Aventura estabelece o objetivo do jogo, e deixa claro qual é o objetivo do herói: conquistar o tesouro ou o amor, executar vingança ou obter justiça, realizar um sonho, enfrentar um desafio ou mudar uma vida. (p.55)

Na sua Jornada, Vogler (2006, p.72-77) não engessa a fórmula. Ela é incrivelmente flexível. E o protagonista pode experimentar dentro de sua aventura inúmeras tarefas, conquistas e derrotas. Para o autor, toda boa história é um reflexo da história humana total, da condição humana universal de nascer neste mundo, crescer, aprender, lutar para se tornar um indivíduo, e morrer. Ainda, deve ser capaz de transcender os limites e ilusões do ego, mas, de início, os Heróis são inteiramente ego, se confundem com o ego, o “eu”, com aquela identidade pessoal que pensa que é distinta do resto do grupo. Devem ter qualidades, emoções e motivações universais, que todo mundo já tenha experimentado uma vez ou outra: vingança, raiva, desejo, competição, territorialidade, patriotismo, idealismo, cinismo ou desespero. Mas os heróis precisam ser seres humanos únicos, e não criaturas estereotipadas ou deuses metálicos, sem manchas e previsíveis porque:

sua vontade, seu desejo (do herói), é que empurram as histórias para a frente. Um erro frequente em alguns roteiros é que o Herói é razoavelmente ativo na maior parte da história, mas, no momento mais crítico, torna-se passivo e é salvo pela oportuna chegada de alguma força externa salvadora. (p.78)

Antes de ler a Jornada do Escritor, já planejava uma personagem que teria grande importância na vida de meu protagonista. Teria a função de prepará-lo para a jornada que atravessaria. Assim, criei Sotero, um cativo caseiro (e outras inúmeras funções que esse tipo desempenhava nas casas), para que ensinasse Ábedu Lecur a ler e pensar, além de protegê-lo até o momento em que estivesse em condições de iniciar a aventura. É inegável que Sotero é

o mentor de Ábedu, não será o único, mas será o principal e mais duradouro, assim como Vogler define o Mentor como aquele que:

representa o vínculo entre pais e filhos, entre mestre e discípulo, médico e paciente, Deus e o ser humano. A função do Mentor é preparar o herói para enfrentar o desconhecido. Entretanto, o Mentor só pode ir até certo ponto com o herói. (p.56-57)

E é exatamente o que ocorre com Sotero. Ele acompanha Ábedu apenas até o ponto em que este tem condições de seguir sozinho. Sua saída também impulsionada ainda mais o protagonista à sua aventura. Dificilmente não verificamos esse tipo de relação nas histórias. Ela funciona por ser uma das mais ricas fontes de entretenimento em literatura e cinema. (VOGLER, 2006, p.89). Sotero surge logo no início, na segunda cena, pois na história é o primeiro ato para Ábedu, seu primeiro momento crítico porque é vendido pela mãe e se encontra num lugar estranho. Para Vogler:

todo herói é guiado por alguma coisa, e uma história que não reconheça isso e não deixe um espaço para essa energia estará incompleta. Quer se exprima como um personagem concreto ou como um código de conduta interno, o arquétipo do Mentor é uma arma poderosa nas mãos do escritor. (p.101)

No primeiro terço da novela, Ábedu retorna ao mundo especial, mas não está feliz porque “não tem sentido se ele não trouxer de volta em Elixir, tesouro ou lição do Mundo Especial (...) O que pode ser qualquer coisa, como amor, liberdade, sabedoria, ou apenas a volta para casa, com uma boa história para contar” (VOGLER, 2006, p.65-66). No caso de Ábedu, que via na guerra a sua oportunidade, com a pausa que houve, retornava para casa apenas com a lembrança do fracasso, o que o empurrava para longe de seus objetivos.

No que Vogler classifica como limiar, pontos desafiadores de graus variados, que o herói deve atravessar para dar ritmo à história são pontos que também agem sobre o protagonista. Além dos desafios e testes, faz Aliados e Inimigos, e começa a aprender as regras do Mundo Especial. (2006, p. 58)

Enquanto planejava *O duque da senzala*, pensava em dois personagens fortes, antagônicos, mas não inimigos e que acabariam se convergindo num interesse comum. Então pensei em criar dois polos diferentes, apesar de ambos terem sido escravos por determinado tempo, um teria sua evolução na vida urbana, outro rural. Um teria suas ideias de vida personificada na política, o outro na brutalidade, na guerra. Em resumo, cada qual possuiria sua filosofia de vida, suas crenças. Para contrabalancear com Ábedu, coloquei Egas Faraó. Sua função, na perspectiva de Vogler, é de um verdadeiro arquétipo. No decorrer da novela, usará suas “máscaras”, não no sentido falseador, mas de presença na história porque:

pode-se pensar nos arquétipos como máscaras, usadas temporariamente pelos personagens à medida que são necessárias para o avanço da história. Um personagem pode entrar na história fazendo o papel de um arauto, depois trocar a máscara e funcionar como um bufão ou pícaro, um mentor ou uma sombra. (p.71)

Não apenas um dos personagens, mas todos que desempenham determinada importância na história podem “manifestar um toque de cada arquétipo, porque os arquétipos são expressões das partes que compõem uma personalidade completa. Defeitos interessantes humanizam uma personagem”. (VOGLER, 2006, p.81) Assim, Egas Faraó, será também, em determinado tempo, antagonista, pois será hostil, mas porque será um grande aliado que têm o mesmo objetivo, mas que discorda de Ábedu quanto a outras questões.

Em *O duque da senzala*, o protagonista, Ábedu Lecur, enfrenta inúmeros Guardiões, como classifica Vogler, que podem ser não apenas obstáculos físicos, como a guerra, mas também “as neuroses, cicatrizes emocionais, vícios, dependências e autolimitações que seguram nosso crescimento e progresso.” (2006, p.104)

Para Vogler, todo herói precisa de um problema interno e externo. Saber qual é o tema é essencial, para que se possam fazer as escolhas corretas, em termos de diálogos, ação e cenário, quais opções farão com que a história, como um todo, tenha um aspecto coerente. Numa boa história, tudo se relaciona de alguma forma com o tema, e o Mundo Comum é o lugar para essa ideia central mostrar-se pela primeira vez. Uma estrutura eficaz pode ser construída com retardamento de uma crise, que só ocorra próximo do fim do segundo ato, já havendo dois terços de história transcorridos. Toda história precisa de um momento de crise, que transita o sentido de morte e renascimento presente na Provação. (2006, p.156-233)

Em “A jornada do herói”, fala-se num ponto em que o herói morre. Não uma morte do corpo, mas uma que represente a perda de algo que o compunha como personagem. Pode ser a morte da inocência, ou de suas ideias. Ábedu Lecur sofre uma morte, a de seu idealismo, crença e ilusão, sabendo que na verdade estaria disposto a muitos sacrifícios, mas não se submeteria à crueldade. Outra fase importante dessa jornada, Vogler marca como “Encarando a sombra”, isto é, o maior adversário do herói que pode ser mesmo a sua própria Sombra. Portanto, para o autor, a morte deve ser real, não apenas uma inconveniência do enredo, e a morte do Vilão, ao invés de alívio, pode trazer uma revisão de consciência por parte do herói. Como em *O duque da senzala*, a caçada que se faz aos irmãos castelhanos (Gumercindo e Aparício Saraiva, os ícones dessa guerra, mas que em momento algum serão nomeados apenas se fazendo menção por apelidos) não são os vilões. Assim como a guerra, são motivadores externos. A sombra de Ábedu Lecur é ele mesmo. Precisa vencer-se a si, para progredir.

No final de toda história, é preciso que o protagonista aprenda alguma coisa, ou seja influenciado por algo que o modifique. Segundo Vogler, é preciso que o Herói retorne do mundo especial com alguma coisa, física ou não, o qual dá o nome de Elixir. Ábedu Lecur, que parte abnegado a buscar ascensão, aprende nessa aventura que o mundo é o que é. Que o melhor que tinha, deixara na capital, e seria lá que devia viver o resto de sua vida, apesar de por, algum tempo, nutrir um sentimento proibido por uma das filhas de Egas Faraó.

7 COMO O DEMÔNIO SE ANUNCIA

No prefácio de *A arte da Ficção*, David Lodge diz que o ficcionista nos convence a partilhar uma determinada visão de mundo pela duração de nossa leitura e assim opera, se tudo der certo, a deliciosa imersão em uma realidade imaginada que Van Gogh retratou com tanta mestria em sua pintura *A leitora de romances*. Escolhi esse trabalho de Lodge para complementar meus estudos no que diz respeito às possibilidades estruturais que uma narrativa pode dispor. Algo em que todos os escritores acreditam é na importância do início. Por mais que se de volteios, desvios quanto a essa afirmação, e que o final e o enredo são importantes, o início é o passe de mágica, o pacto firmado junto ao leitor. Pois (...) o começo de um romance é a fronteira que separa o mundo real que habitamos do mundo que o romancista imaginou. (2010, p.15) Sabe-se que a maioria dos leitores abre logo a primeira página para ler o que está na primeira linha. Não adianta, as boas vindas é importante.

Como escritor, considero muito os inícios. Claro que não crio neuroses ao nível do conflito principal, dos personagens que terão peso na história e o final, mas sei que enquanto as coisas se ajeitam, terei de estudar as várias possibilidades de início. É justamente nesse ponto que se precisa plantar uma perspectiva interessante do que será a história. Lógico que não considero apenas inícios explosivos que levantam sempre a questão de como aquilo aconteceu. Mas de uma construção cativante. Em nossa literatura temos inúmeros exemplos de excelentes inícios. Para Logde (2010, p.17-18), um romance pode começar com a descrição estática do cenário ou da cidade que servirá de pano de fundo para a história. Pode começar com uma apresentação cativante do narrador ou um gesto rebelde contra a tradição literária da autobiografia. O romancista pode começar com uma reflexão filosófica ou precipitar a personagem ao perigo extremo já na primeira frase. Muitos romances começam com uma história dentro da história. Porque para esse autor:

lemos ficção não só pela história, mas também para ampliar o nosso conhecimento e a nossa compreensão do mundo; e a voz autoral é um dos recursos narrativos mais aptos a incorporar o conhecimento enciclopédico e a sabedoria proverbial ao texto. (p.20)

Das inúmeras possibilidades que analisei, em *O duque da senzala* escolhi a que apresentasse a personagem ainda criança e de seu infortúnio perante a realidade social da época. O objetivo é mostrar que a necessidade extrema pode pulverizar afetos. Que a economia escravista não se preocupava com aspecto infantil de ninguém e principalmente o que se mostra como martírio se revela como a melhor oportunidade que poderia ter recebido: conhecer o homem que seria seu mentor.

Para Logde (2010, p.36), um romance pode apresentar o mesmo acontecimento sob perspectivas diferentes. Esse fato sempre dependerá do efeito que o autor deseja. O risco nessa escolha é confundir o leitor. Sou do parecer de que deva ser o mais claro possível (mostrar e não dizer tudo). Em minha novela, queria muito mostrar o mundo no qual Egas Faraó se desenvolveu. Para isso, optei na partição em três partes. Na primeira, Ábedu Lecur em sua infância até sua idade adulta, onde se encontra depois de uma batalha com Egas Faraó. Na segunda, é a vida de Egas Faraó desde os dezesseis anos na estância onde comete um crime e foge. Como solução, voluntaria-se na Guerra do Paraguai. A sua história seguirá até os antecedentes da Revolução Federalista de 1893. Na terceira parte, volta-se à perspectiva de Ábedu, do ponto onde se havia parado até o final da narrativa. Mas a perspectiva principal sempre será de apenas um ponto de vista. O mundo será mostrado sob a ótica de Ábedu Lecur.

Outra peculiaridade na obra de ficção que é muito subjetiva são os nomes. Há escritores que nem os colocam, renomeando com qualquer outra coisa que lhes atraia. Tem aqueles que batizam e pronto. Sou do time que prefere analisar e estudar nomes que façam parte da narrativa a ser construída. Em minha novela, optei por buscar nomes menos comuns nos dias de hoje. Depois de percorrer as mais de mil páginas de cartas de doações e alforrias, selecionei inúmeros nomes que fariam parte do projeto. Todos nomes de pessoas que foram escravizadas. Com isso, além de tirá-las do esquecimento, do anonimato dos tempos, utilizei nomes que estão fora do padrão atual. Nessa parte, coube a mim, criar alguns nomes compostos, junto aos já existentes, como Ábedu Lecur, Egas Faraó e Canuta Arã (mulher deste). Como nos lembra Logde, em um romance, os nomes nunca são por acaso. A escolha de um nome pode ser causa de hesitação e angústia, mas, uma vez escolhido, o nome passa a ser parte inseparável da personagem, e questioná-lo parece lançar o projeto inteiro em *abîme*, como os desconstrucionistas dizem. (2010, p.47)

8 O DEMÔNIO E SEUS MUITOS NOMES

Sigamos um pouco mais nessa metáfora exorcista, de onde nesse ritual podemos extrair os nomes por detrás dessa falsidade. É de consenso que a personagem é que move qualquer gênero de ficção, pois ela é uma determinante da ação, que é portanto um resultado de sua existência e da forma com que se apresenta (Palottinni, 2013, p.24). O próprio nome “narrativa” já sugere movimento, mesmo que seu verbo nativo seja no presente. A personagem vai de um ponto e chega a outro, mesmo que isso aconteça em seu íntimo. Mas para que fiquemos à vontade na história, para que acreditemos que vale a pena segui-la, é necessário compartilharmos de afeto involuntário dessa personagem. Isso só acontece se elas “sentem, sofrem suas paixões, perseguem uma vontade claramente expressa e caminham para cumprir um fim.” (Palottinni, 2013, p.42). Mesmo que a personagem faça coisas que jamais faríamos, essa invenção da vida escrita nas folhas de um livro nos convence desse drama literário. Para Ernesto Sábato (1985, p.95), “Todos os personagens de um romance representam, de alguma maneira, seu criador. Mas todos, de alguma forma, o traem.”. Isso porque se, por um lado, esses seres fictícios que se multiplicam no imaginário dos leitores compartilham da criação do mesmo autor, por outro, eles são dotados de essências antagônicas à personalidade de quem os criou. Na construção das personagens em *O duque da Senzala*, busquei uma caracterização representativa que mantivesse um equilíbrio entre a verossimilhança e o estranhamento. A verossimilhança a que me refiro é no perfil que se mostre ao leitor a fim de convencê-lo da sua possível existência. Quanto ao estranhamento, são as peculiaridades de cada uma dessas personagens que a tornem como indivíduos. Em se tratando de ficções, não se pode desdenhar do emprego dos estereótipos. O que não se deve fazer é usá-los em demasia. Os estereótipos, personagens ou cenários, servem de marcação de tempo e espaço, sem falar que a vida também é marcada por eles. O cuidado que tive foi o de criar personagens esféricos muito mais estereotipados que originais. Por isso, botei dois personagens distintos como os pilares dessa narrativa. Como é uma história que tem como pano de fundo o século XIX, a primeira coisa que pensei foi não batizá-los com nomes comuns aos negros dessa época. Após uma longa pesquisa nos registros documentais, escolhi os mais raros. Assim, nasceram “Ábedu Lecur” e “Egas Faraó” e os outros tantos que povoam a presente novela. Outro fator, é que não são comuns as personagens negras em narrativas da ficção brasileira. Quando esse recorte é feito na literatura gaúcha, menor essa presença se comprova. Mas não cabe aqui discutir esse problema, além de exigir um melhor projeto investigativo, fugiria à proposta desse ensaio. Mas o que se pode dizer é que as personagens de *O duque da senzala* são todas de ascendência africana ou indígena. Evitaram-se propositalmente os nomes de personagens conhecidos da História para que não

ofuscassem as fictícias. A ideia dessa narrativa é claramente dar oportunidade e voz àqueles que não tiveram isso na História e na literatura.

9 OS OLHOS DE QUEM VÊ, A VOZ DE QUEM FALA

Qual o demônio que fala? Seria mesmo sua, a voz que vomita blasfêmias? Quando se acredita que a voz da pessoa possuída é mesmo a de uma entidade sobrenatural, tudo se transforma e nada mais é impossível. Mas se, ao menor descuido, vê-se que essa voz nada mais é que uma enganação, um charlatanismo barato ao público vulgar, tudo se desmancha como um castelo de cartas. Acredito que na ficção tenha algo parecido com isso. Para se narrar uma história é preciso que se conduza por um caminho. Mas isso não é feito apenas por uma linha imaginável desprovida de cenários, emoções e dúvidas. Criamos uma via por onde o leitor imagine o que a personagem vive. Para Oscar Tacca (p.65), em *As vozes do romance*, essa voz do narrador constitui a única realidade do relato. Assim como acredita que a “entidade” a qual chamamos de “autor” “surge muitas vezes na obra, por detrás do narrador, não confiando inteiramente nele, arranjando, compondo, aclarando, completando” (p.19). Tacca nos lembra que “o romance é um complexo e sutil jogo de vozes. E que mais do que espelho é registro” (1983, p.16). Toda narrativa (leia-se longas) estrutura-se numa questão de planos e de promessas, onde há uma voz que assume as rédeas da aventura. Como nos lembra, o narrador sempre sabe mais do que aquilo que vê e é por isso que acredita na existência da consciência desse narrador (TACCA, 1983, p.31).

Um narrador é sempre uma personagem inventada, um ser fictício, como todos os outros personagens cuja história ele “conta”, mas é o mais importante deles porque a maneira como age (...) determina se os outros personagens irão nos convencer da sua verdade ou nos impedir de crer nela (...) (Llossa, 1996, p.59). É comum as pessoas se confundirem com narrador e autor da narrativa, misturando-se a isso inclusive o estilo. Mas assim como ocorre com o chamado “sujeito lírico” na poesia, o narrador nada mais é que a voz que guia e seduz. De acordo com Oscar Tacca, em sua obra, *As vozes do romance*, o estilo do narrador original não consiste tanto no que nos revela, porém como os fatos sucessivos são desvelados.

Para contar por escrito uma história, todo romancista inventa um narrador – seu representante ou plenipotenciário na ficção –, ele próprio uma ficção, já que, como os demais personagens que nos são apresentados, também feito de palavras e vive apenas por força deste e para este romance (Llossa, 1996, p.72-73). Assim o ficcionista incorpora essa posição mediúnica em que se manifesta essa voz única capaz de narrar a história que se propôs a criar, como que, sem ela, não há ilusão nem mágica.

O foco narrativo é tão importante quanto a construção da personagem. É a personificação do veículo e seu guia turístico. A condução que transporta e a voz que mostra apenas o que é interessante e não deve ser ignorado. Após estabelecer a personagem e seu drama (conflito a ser enfrentado) resta saber quem narrará a história, qual será a perspectiva. Essa escolha, feita erroneamente pode chafurdar um bom trabalho. Tanto em primeira quanto em terceira pessoa há suas vantagens e desvantagens, mas não surtem o mesmo efeito. Não escolhi narrar a presente novela na perspectiva direta dos meus dois protagonistas por acreditar que soaria falso. Não que acredite que seria impossível, mas o escritor tem que pisar em terreno firme. Preciso me sentir à vontade nesse processo. Como queria uma grande liberdade para me locomover, escolhi o narrador onisciente, mesmo em tempos em que “eu” domina as narrativas contemporâneas. Gosto de criar referências a questões temporais, históricas e humanas. Assim como os artifícios linguísticos que busco se tronam mais eficientes na construção de cenas, caracterização de personagens e cenários. A voz das personagens é lida nos discursos diretos e indiretos. Nos diálogos puros, procuro impor conflitos que movam a narrativa e evito palavras que repitam clichês linguísticos. Muito o que se diz das personagens está muito mais em seus diálogos que na voz do narrador, principalmente naquelas em que a obscuridade identitária é maior.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio da escrita foi levado a cabo durante o mestrado em Escrita Criativa. Capacitar pessoas é uma das grandes metas da universidade. O escritor profissional, além de sua responsabilidade artística (técnica e conhecimento), terá de lidar com o prazo das editoras e dos produtores de Teatro e Cinema. Suportar a pressão se torna uma de suas qualidades dessa vida. Durante a pós-graduação, confesso que não foi simples lidar com pressões distintas: as teorias literárias e as de escrita criativa. As primeiras clarearam os horizontes reflexivos sobre literatura enquanto fenômeno, representatividade e diálogo. Entretanto, também embaçaram meus sentidos criativos. Tive muita dificuldade em colocar o projeto em prática, mas foi inegável o quanto contribuiu em sua teorização. Por outro lado, as disciplinas ligadas à escrita criativa aguçaram minha ambição quanto aos caminhos do presente trabalho. Em resumo: cresci técnica e teoricamente.

A construção da presente novela, distante ainda de sua forma final, foi muito prazerosa. Mesmo que tivesse dificuldades, ligadas muito mais ao prazo que às teorias, senti-me muito feliz a cada dia de aula e a nova chance de aprender tudo que foi ofertado.

Fui, sem sombra de dúvidas, um viajante que curtiu o máximo que pode os lugares dessa dimensão.

O presente ensaio buscou apontar essa ramificação da literatura ficcional, em que a história é sua modelagem. Como foi observado, inúmeros autores se debruçaram ao longo dos anos para acompanharem as mudanças das formas e com qual objetivo isso ocorreu. Como a literatura não busca respostas, mas sim levantar questões que reflitam sobre seu tempo, essa história se moldou ao que se propôs em cada ficção. Na segunda parte, procurei refletir sobre o processo narrativo do presente trabalho e as motivações que me levaram a escolhas como a de personagens e foco narrativo.

Por fim, acredito que de alguma forma essa dissertação contribua aos pesquisadores e futuros alunos do ensino superior que se interessam por literatura. Apesar de a teoria escolhida não ser novidade para ninguém, acredito que as reflexões pessoais que esboço junto às ideias a respeito do processo criativo podem dialogar com outros que caminham nessa mesma jornada.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, A. **A voz do escritor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. São Paulo: UNESP/ HUCITEC, 1990, 2ª ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e outros.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O novo romance histórico brasileiro**. [on-line]. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/4961>>. Acesso em: 14 abr. 2017.
- BENTO, Cláudio Moreira. **O negro na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 1976.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COSTA, Lygia Militz da. **A poética de Aristóteles**. São Paulo: Ática, 2006.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- COUTINHO, Albino José Ferreira. **A marcha da Divisão do Norte**. Porto Alegre: Editora e distribuidora gaúcha, 2011.
- DOURADO, Ângelo. **Voluntários do martírio**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1977.
- ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos para a História da Revolução de 1893**. Porto Alegre: ed. Globo, 1920.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2012.
- GARDNER, John. **A arte da Ficção: orientações para futuros escritores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMES, Henry. **A arte da ficção**. Osasco: Novo Século editora, 2011.
- LIMA, Solimar Oliveira. **Triste Pampa: resistência e punição de escravos em fontes judiciárias no Rio Grande do Sul (1818-1833)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- LIMA, Carvalho. **Narrativas Militares: a revolução do Rio Grande do Sul – 2ª ed.** – Porto Alegre: Casa dos livros, 2009.
- LOGDE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- LUKACS, Gyogy. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAESTRI, Mario. **O escravo no Rio Grande do Sul – 3ª ed.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

- _____ **A servidão negra**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1988.
- MENDILOW, A. A. **O tempo e o romance**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.
- MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina**. México: *Fondo de Cultura Económica*, 1993.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____ **A criação literária: prosa 1 – 20**. Ed.. São Paulo, Cultrix, 2006.
- MUIR, Edwin. **A estrutura do romance**. Porto Alegre: editora Globo, 1975.
- REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- REVERBEL, Carlos. **Maragatos e pica-paus: Guerra civil e degola no Rio Grande**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1985.
- RIBEIRO, Rejane de Almeida. **Aspectos do romance histórico clássico e pós-moderno**. [on-line]. Disponível em: <http://www.faes.edu.br/revistafaer/artigos/edicao1/74-81__rejane_de_almeida_ribeiro%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2017.
- SÁBATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas**. Rio de Janeiro – 2ª ed. – Francisco Alves, 1982.
- SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SANTOS, Volnyr. **Luiz Antonio de Assis Brasil: romance e história**. Porto Alegre: Ed. Rígel, 2007.
- SAUBIDET, Tito. **Vocabulario y refranero criollo**. Buenos Aires: Letemenda, 2011.
- TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra: Almedina, 1983.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Rio de Janeiro – 2ª ed. – Nova fronteira, 2006.
- WHITE, Hayden. **A meta-história. In poética da história**. P.17-56. São Paulo: Edusp, 1995.
- WEIMER, Gainter. **O trabalho escravo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora SAGRA, 1991.
- WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.